

São Paulo \*\*\* Dezembro de 1917 e Março de 1918 \*\*\* Anno XVII

---

# REVISTA DE ENSINO

ORGAM

— © DA © —

Associação Beneficente

— \*\*\* DO \*\*\* —

PROFESSORADO PUBLICO DE S. PAULO

---

Publicação trimestral, sob os auspícios da Directoria Geral  
da Instrução Publica

NUMEROS 3 e 4



SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO « DIÁRIO OFFICIAL »

1918

## O ENSINO PRIMARIO E AS MUNICIPALIDADES

Accentua-se, felizmente, o interesse de muitas das municipalidades paulistas pelo ensino primario.

Corporações municipaes previdentes e progressistas já resolveram intervir auxiliando a acção do Estado em tão importante assumpto.

E' indiscutivel que, dado o augmento de nossa população em idade escolar e sua disseminação especialmente na zona rural, não será facil, possível mesmo, durante muito tempo, prover todas as cadeiras creadas e as que ainda precisamos crear.

Em pleno regimen democratico, exercido o poder municipal pelos homens que presenciaram o alvorecer da nossa actual fórma politica, que ouviram as saudações entusiasticas do povo e dos velhos propagandistas das idéas novas, formulando votos ardentes pelo aperfeiçoamento dos costumes, que sentiram o frémito, o desejo de todas as classes sociaes em progredir e aperfeiçoarem-se, desenvolvendo nossas riquezas naturaes, nossa força de nação nova e pujante, não é possível, dizemos, descurar por mais tempo da solução de tão momentoso problema.

Não se deve mais permittir que muitos dos nossos centros agricolas ou industriaes continuem faltos de escolas para o ensino primario indispensavel aos filhos do povo.

E' fóra de duvida que actualmente deve ser o poder municipal aquelle que mais directamente tem de interessar-se pelo ensino popular.

Assim o entendem, felizmente, muitas das nossas mais progressistas edilidades, merecedoras de applausos.

E o trabalho que ellas têm a realizar é relativamente facil.

Basta que queiram devéras ter muitas e boas escolas. Para isso não é mistér que se preocupem muito com a confecção de leis especiaes e complicados regulamentos.

Duas são presentemente as causas principaes da carencia de escolas sufficientes em alguns municipios e nos bairros afastados dos centros de maior população:

Falta de verba para nomeação de novos professores ou falta de predios apropriados em que as escolas possam funcionar convenientemente.

A falta de predios em que possa funcionar a escola de cada bairro, villa ou cidade, é aquella que occasiona mais prejuizos e mais inutiliza o esforço feito pelo Estado.

Onde não existe casa propria para escola, ainda que a escola seja provida, não tem e não póde ter estabilidade, vindo a perder-se ou inutilizar-se o material e mobiliario fornecido e, portanto, grande parte da despesa feita.

E' este, acreditamos, o mais facil e mais immediato auxilio que em beneficio do ensino as municipalidades pódem prestar. Casas ou salas em que as escolas funcionem, alugadas ou construidas por conta do Municipio, é o primeiro passo para demonstrar que uma Camara deseja realmente ter boas escolas e bom ensino.

Depois de resolvida a doação de casa para o funcionamento de cada escola, apresenta-se á consideração de todos a outra face do problema: — verba para o provimento de novas escolas.

Póde-se afirmar, portanto, que para conseguir a completa difusão do ensino em nosso Estado seria bastante que as Camaras Municipaes dessem ao Governo uma porcentagem de suas rendas para serem applicadas na manutenção de novas escolas providas em seus municipios, ou destinassem certa verba annual para custeio de suas escolas.

Neste caso é indispensavel determinar, porém, que os professores nomeados seriam formados pelas escolas normaes do Estado, o que hoje, diga-se de passagem, não é impossivel.

A falta de professores idoneos que durante algum tempo se fez sentir, não existe mais, dado o funcionamento das numerosas escolas normaes do Estado.

\*\*\*

Querem, porém, algumas Camaras Municipaes, pôr em execução a obrigatoriedade do ensino sem primeiro dotarem o municipio de escolas sufficientes, providas de material didactico e com professores formados, parece-nos chimerico e até pouco accetivel.

Em proximo artigo diremos porque as escolas devem ser sómente providas por professores ou professoras formadas pelas nossas escolas normaes, o que aliás se conclue facilmente.

Cogitem os Srs. Edis deste assumpto, tratem de auxiliar a acção do Estado sem outra preocupação que o bem de seus municipes, e em breve, os resultados alcançados serão patentes, merecendo o applauso de seus concidadãos, fazendo jús, todos e cada um dos membros das municipalidades paulistas ao titulo de — bons patriotas.

## MOGY-MIRIM

### CAMARA MUNICIPAL

#### LEI N. 220

*Estabelece a obrigatoriedade do ensino primario no municipio*

O Doutor José Augusto Bastos, Prefeito Municipal de Mogy-mirim, na fórmula da lei, etc.

Faço saber que a Camara Municipal decretou e eu promulgo a lei seguinte:

Artigo 1.º — E' obrigatorio, em todo o territorio do municipio o ensino primario para as crianças de 7 a 12 annos.

Artigo 2.º — Exceptuam-se da obrigatoriedade:

A) — As crianças que residirem á distancia da escola publica maior de 2 kilometros, para meninos, e de um kilometro para meninas;

B) — As crianças que soffrerem de inhabilidade physica ou intellectual, comprovada por attestado medico, ou, em falta deste, do Juiz de Paz ou da auctoridade policial do districto.

Artigo 3.º — As crianças, em idade escolar obrigatoria, poderão receber o ensino:

a) — nas escolas publicas;

b) — nas escolas particulares;

c) — em suas proprias casas.

Parapho unico. — No caso da letra c) são obrigados a fazer exames nas escolas publicas, na época para isso designada, sob pena de incidirem os responsaveis por ellas, na multa de 40\$000.

Artigo 4.º — Para tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino no territorio do municipio, á Camara incumbe:

I — Crear escolas municipaes nos logares em que a população em idade escolar, no perimetro da obrigatoriedade, seja igual ou superior a cem individuos;

II — Representar ao Governo do Estado no sentido de serem providas as escolas creadas em diferentes bairros, estações do municipio e bem assim pedir a criação e provimentos de outras, á medida que o reclame o interesse do ensino;

III — Levantar annualmente, no mez de Dezembro, a estatistica da população escolar do municipio afim de servir de base tanto para a decretação da matricula *ex-officio* e das multas que das mesmas decorrerem, como para fiscalização do ensino ministrado nos domicilios;

IV — Consignar no orçamento a respectiva verba para auxilio á instrucção, applicando-a em subvenções para alugueis de casas escolares, no serviço de estatistica e fiscalização e na organização do aparelho necessario á efficacia da presente lei.

V — Promover e auxiliar a propáganda do ensino por todos os meios ao seu alcance.

Artigo 5.º — Trinta dias depois da abertura das aulas no Grupo Escolar desta cidade e nas escolas estaduais ou municipaes, a falta da declaração dos paes, tutores, curadores ou patrões sobre os meios de que lançam mão para educarem seus filhos, tutelados, curatelados ou empregados, importará em matricula *ex-officio*.

Artigo 6.º — Das matriculas *ex-officio* serão avisados antecipadamente os paes, tutores, curadores ou patrões, os quaes incorrerão na multa de 50\$000, duplicada na reincidencia:

a) — si se negarem a prestar informações;

b) — si derem informações inexactas;

c) — si, depois de avisados das matriculas *ex-officio*, não apresentarem motivo legitimo de escusa ou prova de que promovem a educação das crianças sob sua responsabilidade;

d) — si as crianças matriculadas faltarem á escola por 45 dias consecutivos, sem motivo justificado, compete aos professores a apreciação da relevancia ou não do motivo allegado com recurso á autoridade escolar.

Parapho unico. — Nas mesmas penas deste artigo incorrerá o patrão ou chefe industrial que tiver crianças ao seu serviço e não as dispensar do trabalho durante o tempo necessario ao ensino.

Artigo 7.º — Impostas as multas, desde que a condemnação tenha passado em julgado, serão cobradas executivamente de accôrdo com a legislação municipal.

Artigo 8.º — O producto das multas será escripturado á parte sendo applicado exclusivamente, de accôrdo com o disposto no artigo 4.º da presente lei.

Artigo 9.º — Nos casos omissos se recorrerá ás disposições do Decreto n. 2225, de 16 de Abril de 1912, que consolidou as leis, decretos e decisões sobre o ensino primario e as Escolas Normaes do Estado.

Artigo 10. — Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as auctoridades a quem o conhecimento e execução da presente lei competir, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contém.

Mogy-mirim, 6 de Março de 1917. Registre-se, publique-se e cumpra-se.

O Prefeito Municipal, *Dr. José Augusto Bastos*. — O Secretario, *João Augusto Palhares*.

Publicada na Secretaria, aos 6 de Março de 1917.

## Hygiene e educação

A colaboração mutua da pedagogia e da hygiene escolar tem por escopo crear uma geração perfeita no moral e no physico.

Não se desinteressem os professores da systematisação da educação physica nas escolas, assumpto de interesse vital para o nosso paiz, e procurem reconhecer a sua importancia transcendente e a sua benefica influencia sobre o desenvolvimento intellectual, emotivo e volitivo, isto é, sobre o desenvolvimento physico.

Quantos serviços presta a hygiene infantil e escolar a uma educação racional!

E preciso, como pretendem os poderes publicos, em S. Paulo, ampliar o serviço de inspecção medico escolar, estabelecendo a inspecção higienica e systematica das escolas e organizadas com disposições taes que ellas nunca venham a exercer influencia de primate sobre o organismo infantil.

Acho que, neste ponto de vista, ha escassez de exercicios em nossos estabelecimentos de ensino.

Para impulsionar este ramo de educação, estimulando a actividade da vida com os jogos ao ar livre, as marchas ao sol, a carreira, a gymnastica respiratoria e outros exercicios naturais, agindo não só sobre o physico como sobre a natureza moral da creança e reconstituindo-lhe o organismo em condições atmosfericas mais favoraveis, ainda não temos excursões escolares obrigatorias, passeios, durante os quaes os professores aproveitam todas as oportunidades para desenvolver nas creanças as facultades de observação.

Em outros paizes os alumnos fazem essas excursões repetidas vezes. Figuram ellas mesmo no horario das escolas, são meios efficazes para a educação e instrucção das creanças e consideradas como um incentivo á frequencia escolar e um meio para o educador conhecer o caracter do alumno.

E' nas excursões que o professor verifica si o alumno tem o espirito de observação, si sabe raciocinar, julgar e comparar. E' nellas que elle conhece melhor o impulsivo e o reflexivo.

Bem organizadas e dirigidas, as excursões escolares demonstram pelos seus resultados animadores, o que vale a educação pela escola.

Descurando da formação physica, a que se attribuem tantos effeitos moralisadores, concorremos voluntariamente para o definhamento da raça.

Em nosso paiz, desde já uma cousa se impõe no ponto de vista da educação da infancia: ar livre, sol, luz, espaço, jogos.

Jogos, que não sejam violentos, são a livre manifestação da tendencia da creança para a actividade, têm uma grande acção educativa, porque infundem coragem, impellem á actividade pessoal, afastam a apathia e a inercia e concorrem para desenvolver todas as funções physicas da creança. São elles meios importantes para a educação moral, porque, pela convivencia da creança com as outras creanças, também desenvolvem notavelmente o sentimento de amor e solidariedade social.

« Nos jogos, observa um educacionista, a acção da creança torna-a corajosa e mostra-lhe o modo de ser util a si proprio aos outros, ao passo que a cooperação lhe ensina a subordinação social e a constrange á paciencia e a tolerancia para com as outras pessoas.»

Lembrem-se os professores dos conselhos do eminente professor Ugo Pizzoli: « Estamos no recreio: que o professor escolha jogos que exijam muita actividade muscular, muito movimento. Aos de temperamento passivo muito patente, reserve a parte mais activa do jogo. Encorage-os a vencer toda repugnancia, faça-os chefes; incite-os na corrida, no salto, no canto. A principio, elles hesitarão, a affrontarão timidamente a audacia de certos sports; mais depois, com as insistencias affectuosas do professor, ganharão ousadia, e o jogo physico se lhes tornará agradável habito. Assim se vence uma grande batalha.»

E' tão consideravel a influencia dos jogos sobre a actividade intellectual e a formação do caracter moral, que todo o educador deve favorecer e provocar as tendencias que a creança manifestar para elles.

Assim definido o seu papel educativo, os jogos ao ar livre devem ser uma das maiores preocupações do professor.

## Educação Physica

Esta disciplina de necessidade imperiosa no campo da pedagogia, mormente nesta epocha em que o militarismo desperta grande enthusiasmo na mocidade, não tem sido até hoje regulamentada e applicada nas escolas publicas.

As aulas desta disciplina são rudimentaes e não obedecem a um criterio constante e uniforme e não estão de accordo com as necessidades actuaes.

A gymnastica e exercicios são preliminares dos exercicios militares que demandam destresa, força e resistencia; por isso, nas escolas torna-se necessaria uma applicação mais intensa da educação physica.

O Uruguay, que já foi cognominado a *Suissa sul americana*, merece neste particular tambem o qualificativo acima e destaca-se como o mais adeantado de todos os paizes do continente.

No campo da educação physica, entre nós, a acção do Governo tem se limitado a força publica e ás escolas. A iniciativa particular tem se desenvolvido muito, mas sem escola uniforme sem applicação dos principios pedagogicos, dando em muitos casos resultados desastrosos.

Applicar em nosso Estado o mesmo systema da Suissa ou Suecia sem a necessaria modificação pela differença de clima, alimentação etc., é desconhecer por completo os principios da arte de educar.

A interferencia official do Uruguay marca o inicio da sua moderna orientação em cultura physica com a brilhante e incisiva mensagem que o grande homem de Estado Batlle Ordóñez enviou á « Assembléa Geral (Congresso) em 7 de Julho de 1906, pelo qual se estabelecia o esboço de uma lei em que se criavam os jogos athleticos annuaes e se solicitava, para esse fim, a votação de um credito annual de 200 contos da nossa moeda.

Esse projecto foi convertido em lei e o credito concedido regularmente desde esta época até hoje com os mais proveitosos resultados, querendo isso dizer que até hoje o Uruguay despendeu para a sua educação physica official e popular (fora á das escolas) mais de dois mil contos.

Já é tempo de estabelecermos entre nós o ensino desta disciplina, promovendo na escola todos os meios para que o desenvolvimento physico corresponda ao desenvolvimento intel-

lectual que se completará com a educação moral, predicados necessarios a uma raça forte capaz de contribuir para o alevantamento do nome nacional.

## OS LIVROS DIDACTICOS

Este importantissimo ramo do serviço publico em nosso Estado, mercê do patriotismo, do alto criterio e competencia dos que o tem derigido, tornando-o modelo, resente-se da necessidade da escolha e selecção de livros porque muitos dos existentes não podem prehencher os seus fins, em maneira que satisfaçam plenamente.

Escriptos uns, em linguagem inpropria a intelligencia infantil, que apenas madurga; outros sem a precisa clausura sem o methodo logico que se requerem na exposição, e, finalmente alguns, não passam, de reuniões de paginas impressas só uteis aos seus auctores e editores, que, após grande atropelo de concorrentes, tem logrado vender, e a bom preço, ao Estado.

E é de notar a variedade delles, cada qual mais contrario a outro, ja quanto á forma, ja quanto ao fundo, que nem sempre tem substancia.

Os conceitos que, sem vislumbre sequer de critica, acabo de emittir, vem de molde a deduzir-se logicamente que, no adquirir livros didacticos, o governo procederá acertadamente, nomeando uma commissão composta de pessoas idoneas, escrupulosas e independentes, que examinassem a rigor os livros ja editados como os ainda em originaes, que fossem necessarios aos estabelecimentos de ensino.

Constatadas solennemente as suas boas qualidades, o Governo então adquiriria direito sobre uma grande edição, para a mandar executar na Europa, obtendo um trabalho muito mais perfeito e por preço muito mais modesto, pois a economia não é sinão a arte de se obterem os maiores resultados com os menores recursos possiveis.

Este criterio, proclamado pela imprensa como sendo o pensamento do actual gestor da Pasta do Interior, não só determinaria a uniformidade dos bons livros, como a exclusão dos máos, como tambem acabaria com a concurrencia, que tanto importuna, perturba e até anarchiza a sua, empregando todos os meios ao seu alcance, para, satisfazendo allás natural ambição de lucro mercantil — servir ao Estado e á Instrução Publica.

## Excursões escolares

### I

A maior parte dos homens passa na vida sem nada ver em torno, diz Toulouse, num bello livro, que resumimos aqui; são testemunhas dos mais curiosos phenomenos da natureza ou da sociedade e não reagem mais do que automatos a esses espectaculos. Muitos passeantes que tescançam nos jardins, sob arvores de essencias variadas, não notam que especies vegetaes abrigam suas divagações nem nas ruas movimentadas e ruidosas as particularidades dos gestos e das vozes.

Com esta inerencia de observação os homens ficam *creanças* grandes para a apreciação pessoal. Póde-se conduzi-los facilmente, impôr-lhes as creanças mais irracionais; estão desarmados ante as empresas dos mentirosos, dos *escrocs*. O symbolo desta passividade é dado pelo « conto do vigario ».

E' que se não ensina a observar: dão-se aos espiritos alimmentos intellectuaes já completamente mastigados. O esforço de digestão, o mais util para a formação mental, é muita vez reduzido a nada.

Contentamo-nos com afirmar a verdade e com descrever de longe, em palavras, os factos concretos. Em classe, contamos como se faz o pão; livros illustrados, quadros muraes dão mesmo imagens approximadas; mas nunca dizemos: Vamos ao padeiro de frente pedir-lhe que nos mostre o forno e o lugar de amassar o pão. Por isso é que um bacharel em sciencias, capaz de dissertar sabiamente sobre as solanaceas, ao atravessar uma plantação de batatas não sabe que as flores são de batata; capaz de discorrer sobre os caracteres exteriores de um nervo, na mesa não póde distinguil-o do tendão de um bife.

A observação, para ser methodica, requer um questionario mental, planos descriptivos que ajudem a achar os caracteres dos objectos. Sobre um tinteiro, eis um, de Payot: — Que volume têm? Que peso? Que fórma? O vidro é transparente? E' homogenea a massa? A superficie é polida? Os angulos são embotados? Como a tampa é presa ao corpo? A armadura é de metal? Está estragado pela tinta? A tampa fecha bem? O copinho de tinta é movei? Qual sua capacidade? Como se segura? A tinta transborda ou se accumula? Qual o aspecto

geral do tinteiro no ponto de vista artistico? Suas linhas são inteiramente geometricas ou evocam um estylo de mobilia? Tem a regidez do « Empire », as linhas curvas de « Lois XV »? Recorda um objecto natural — um animal, um fructo, ou um familiar — um vaso?

Exercicios como este fazem *voir depressa*, o que é optimo. A observação, desenvolvendo-se mais, dá o « espirito de pesquisa » indispensavel nas sciencias e nas profissões.

Tanto quanto possível, nada de observação de segunda mão: habituemo-nos a verificar tudo por nós mesmos. Comenius dizia ha tres seculos: Porque em lugar dos livros mortos não abrimos o livro vivo da natureza? Instruir a mocidade não é inculcar-lhe um amontoado de palavras recolhidas nos doctores, é abrir-lhe o entendimento pelas cousas, oferecer-lhe, não a sombra das cousas, mas as cousas mesmas, que impressionam os sentidos e a imaginação.

O pensamento infantil está exposto ao sophisma verbal pela falta de correspondencia entre o vocabulario abstracto que a civilização communica á creança e a pobreza da experiencia infantil; esse mal augmenta com as creanças da cidade.

Stanley Hall, medico de Boston, fez um inquerito para saber si as creanças de 6 annos conheciam realmente as cousas cujos nomes lhes eram familiares: de 100, 44 nunca tinham visto uma estrella; 5 nunca haviam estado no campo; 20 ignoravam que o leite provinha das vaccas; 50 que a lenha procede das arvores; 45 não conheciam nenhuma differença entre o azul e o amarelo; 4 ignoravam a existencia do porco. Kar Lange, na Alemanha, fel-o com 500 meninos de diversas escolas: de 400, 82 não tinha visto nascer do sol e 77 o occaso; 49 desconheciam o que é uma lagôa; 37 um campo de trigo; 82 um azinheiro; 80 uma calhandra; 37 nunca estiveram em um bosque; 52 nunca viram uma montanha e... 72 ignoravam como o pão provinha do trigo!

Como não ser assim, si a rua entre a escola e a casa é o unico horizonte desses meninos? Falamos-lhes dos rios, dos oceanos, sem elles terem visto nem mesmo um rischo ou um charco; das montanhas e das bacias, sem elles terem subido um morro; das grandes palavras « dever » e « virtude » sem lhes termos préviamente despertado no coração os sentimentos moraes.

Acabemos com esta instrucção superficial das velhas escolas gothicas e monasticas; fechemos as escolas onde é o mestre só que age ou o livro: « o melhor livro é a natureza, o melhor mestre a experiencia ».

Nada de theorias completamente feitas, de definições e abstrações sem sanção pratica. O escopo superior da escola, opina Buyse, é fazer as creanças agirem como si estivessem sós no mundo, em plena liberdade; exaltar o prazer no esforço, a alegria na lucta contra as difficuldades, a posse de si mesmo, o « selfcontrol »; depôr no cerebro das creanças e dos adolescentes o germen da vontade; dar-lhes desde a juventude o gosto da dependencia ao espirito de independencia; preparar as creanças a proverem-se a si mesmas, a só contarem comsigo, no « self-support ». Os que não ganham com o suor de seu roato o pão da alma, nunca lhe conhecerão o sabor, dil-o Malebranche; só se sabe bem, aquillo que a gente mesmo faz, dizia Aristoteles.

## II

Ha almas livrescas para quem o universo não é feito senão de papel e tinta, escreveu Anatole France em « La Vie littéraire »; mas o bom mestre, observa Lavissee, sente-se estreito na escola e nos programmas; olha além a vida, a natureza, a patria e a humanidade, sabe que os sentidos se embotam pelo desuso, que não admiramos os espectaculos da natureza e ha no entanto uma alegria na vida em amar a natureza... Não dirá em fôrma de lição que a natureza é bella e não mandará a modo de preceito, admiral-a. Dirá, por uma bella manhã, as sensações que tem de um bello dia, e que são confusas na alma da creança, mas ahí se acham. Quantas coisas podem vir na conversação! Não ha ensino completo sem isso, que não tem regras nem programmas e em todas as occasiões, abre claros em a natureza, desde os costumes do insecto e as graças das flores até a mecanica sublime dos astros do dia e da noite. Seguramente, si tivesse de escolher entre estes dois destinos: saber lér nos livros e nada no céo e na terra e — nunca ter segurado um alphabeto, mas lér correntemente no livro da natureza, não hesitaria um instante em preferir o segundo; o primeiro é obscuro, estreito, miseravel, e, tenho vontade de dizer, impio.

O eminento sabio Dastre, professor de physiologia na Sorbonne, ha pouco fallecido, não queria que o ensino das sciencias naturaes se desse entre quatro paredes, diante de um quadro negro e com um pedaço de giz, mas sim em excursões, ao ar livre, em visita aos jardins zoologicos, nos museus anatomicos, ou nas galerias de historia natural, em presença da natureza mesma; assim, daria todos os seus fructos, preencheria seu fim educativo, o desenvolvimento do espirito de observação.

Tratando do futuro das escolas ruraes, Cazes pede se inculque no homem do campo o orgulho da charrua, a superioridade da vida ao ar livre sobre a da officina e para isso aconselha os passeios escolares, o folhear este livro da natureza completamente aberto sob os olhos, — olhos que não veem — a fazer resaltar pela experiencia tudo o que o campo encerra de util e de agradável, de poesia risonha e de paz serena.

E' penoso o verão na sala de aula. Por isso Labouret, inspectora de desenho, propugna a ideia dos passeios. Munido de canhenhos, pequenos albums, simples cadernos de papel de desenho, tendo um laçis preto e tres de côr (vermelho, amarello e azul), cada alumno póde na passagem fazer « croquis » rapidos do que mais lhe agrada; depois, sob a direcção dos mestres, certos motivos de observação instructiva seriam mais particularmente estudados. Nos dias seguintes, em classe, com ajuda de exercicios descriptivos, de redacção escripta e de desenho de memoria seria feita a verificação das noções adquiridas. Estudariam os rapazes mais minuciosamente tudo o que concerne ás industrias masculinas da madeira, da pedra e do metal e as meninas ás industrias femininas do vestido, do ornamento e da mobilia.

O mestre belga põe a creança em relação com a natureza. As visitas ás praças onde ha estatuas de merito, aos museus cheios dos legados dos seculos de esplendor artistico, de Rabens e Van Dyk, influem directamente na infancia. A natureza tão variada e tão rica nas campinas belgas fala mais á alma do que os quadros dos mais celebres pintores.

Lá, a escola reflecte o caracter do povo; não se conforma com um ensino scientifico que ás vezes nenhuma influencia tem sobre o espirito. Vão as creanças ás fabricas onde veem a fabricação dos objectos, ao mesmo tempo que tiram da contemplação de uma massa de homens que trabalham, principios de moral e sociologia.

As auctoridades da communa de Bruxellas não se contentam em só reconhecer em theoría a influencia benefica dos passeios escolares; todas essas boas ideias são praticadas. Por isso, nas tardes formosas veem-se nos parques e avenidas creanças que rodeando a mestra, ao pé de um monumento ou ao redor de uma arvore escutam explicações. Estes passeios não encontram, a menor objecção nas familias, e decretos policiaes obrigam toda a especie de vehiculos a parar ante uma classe que atravessa as ruas.

Quando o ensino da geographia o exige, nas classes superiores, mestres e alumnos fazem viagens, como na Hollanda, que duram varios dias. O itinerario é apresentado pela mestra á



directora e todas as medidas são tomadas de antemão, como o encargo dos trens e os hotéis.

As alumnas das escolas profissionais e as do 4.º anno primario em Saint-Gilles vão á Sociedade Belga de Paidotechnia durante 3 meses para aprender puericultura. Notam as indicações e conselhos dos medicos ás mães que ahí levam seus filhinhos; seguem a marcha das linhas que indicam o augmento de peso das lactantes, a diminuição e estacionamento; observam a balança que pega as creanças em cada consulta, a balança que não tem uma linguagem abstrata, pois marca sobre uma folha com as variações ascendentes ou descendentes do peso, as variações mais ou menos graves no estado geral de saúde; dão-se conta dos progressos ou retrocessos quando as mães agiram ou não, segundo as prescripções medicas; comprehendem praticamente a influencia perniciosas que na creança exercem a ventilação insufficiente, a falta de hygiene e uma alimentação dofeituosa.

Além disso, visitam os domicilios para conhecer as miserias do lar operario, comprehenderem o perigo das más condições hygienicas em que vivem as creanças e assim são as alumnas impellidas a remediar em parte as desgraças das necessitados.

W. M. Davis é decidido encomista dos passeios. A geographia, diz, em conjuncto é uma compilação de «home graphies», geographias locais que se aprendem nas excursões. Va-se primeiro a vida physiographica: começa-se a reconhecer que um ribeiro é um curso de agua alimentado directo ou indirectamente pela chuva e transportando os destroços do sólo na direcção do mar. O sólo sobre os declives de um valle é feito de detrictos de rochas; foi fabricado por agentes atmosphericos e não foi ainda arrastado. Continuando a agir as forças que se associaram á existencia do ribeiro e que podem ser estudadas, são capazes de produzir ligeiras mudanças nas formas do valle; e é porque ellas agiram dessa maneira durante um tempo extremamente longo no passado, que o valle tomou a sua forma actual. Os agentes atmosphericos, gastando progressivamente o sólo dos declives da collina e arrestando-lhe os destroços, poderão reduzi-la a nada; por um processo igual a collina no passado foi isolada e recebeu a forma de hoje. Desse modo, não só os factos, mas a natureza e a significação dos factos se tornam claras e vivas.

Uma aldeia é um admiravel assumpto para a observação das condições humanas. As casas se ajuntam mais á medida que nos approximamos do centro onde se acham as lojas e as repartições e os espaços mais abertos estão nos arredores. Observemos o movimento do trafego na estrada e nos dois sentidos.

Vejamus como as estradas fazem convergir districtos circumvizinhos para as aldeias. E' facto local e exemplo da maneira porque se organiza a vida humana em certos paizes do mundo. Depois da observação directa, a explicação é simples: como a collina, a aldeia vive e esta vida tem sua historia.

O espirito de observação é o melhor dos professores. Que a creança observe o céu, distinga as formas das nuvens, um cumulus de um estratus ou de um cirrus; numa manhã formosa aprenda a formação das nevens e eleva o espirito até as leis geraes da evaporação; note em um dia de verão a formação das nuvens tempestuosas e as relações que as unem com o estado geral da temperatura; á noite conheça o oriente e o occidente assistindo o nascer e o pôr das estrellas, aprenda a fixidez das constellações, o movimento do céu, a côr, a linha das estrellas, as phases da lua; veja o nascer e o pôr do sol para aprender os pontos cardinaes; note que os raios solares são frios de manhã e de tarde e quentes no pino do dia por causa da obliquidade ou perpendicularidade delles sobre a terra; com gnomio, um simples pausinho, conheça o plano em que está o sol, sua distancia zentral pelo tamanho da sombra, dois elementos esses que traduzem o curso diario do sol com todas as modificações periodicas; com o gnomio, trace a meridiana do logar, determine a declinação do sol conhecendo a latitude do logar ou esta conhecendo-se aquella, acompanhe a marcha das estações do anno, construa os quadrantes ou relógios de sol.

Si o ensino das sciencias naturaes não for baseado na observação effectiva dos seres viventes, diz Brucher, ha o maior interesse em supprimil-o o mais cedo possível; aprender a falar de cousas e seres que nos rodeiam, sem os conhecer realmente é um exercicio de verbosidade dos mais funestos. O ensino de botânica sem plantas e de zoologia sem animaes são pequenas crimes contra a intelligencia das creanças, os quaes, nem por serem cometidos frequentemente são menos condenaveis. Por isso é digna de praticar-se a formula dos pedagogos norte-americanos: Escutae, olhae e sobretudo agi.

O ensino das sciencias naturaes deve ser uma disciplina educativa: 1.º) factos exactamente percebidos e será uma cultura da faculdade da observação; 2.º) factos comparados e será uma faculdade de comparação; 3.º) ligações positivas verificadas entre factos e será uma cultura da faculdade da generalização, uma primeira concepção da lei, um primeiro despertar do sentimento scientifico.

Em cada um desses passos o essencial é que o alumno pequeno ou grande aja por si mesmo. E' preciso mostrar-lhe as coisas em si mesmas, não de longe, com num theatro, mas de

perto, de muito perto e assegurar-se que elle as percebe exactamente. Devemos inculcar-lhe desde a infancia um sentido exacto das realidades, appellar para os factos e acostumar-o a vêr como dos factos saem as leis. Nossos sentidos se aperfeiçoam com a descoberta das relações que a natureza estabeleceu entre as qualidades sensíveis e as qualidades occultas dos objectos; Linneu tentou determinar as qualidades sensíveis que pôdem indicar com probabilidade se uma planta é venenosa, a qualquer genero que pertença.

Na primavera, quando é possível estudar os batrachios e suas metamorphoses, devem sair as « classes-observações », ir ao campo ou ao jardim botânico, explorar os muros, as cascas de árvores, as folhagens dos arbustos; ao mesmo tempo que verificam o despertar da actividade vital, colhem caracões, centopéias que saíram do somno hibernar, insectos diversos; a um assobio de um, outros « exploradores » se reúnem e retiram dos buracos, com uma colher, sapos, alguns trazendo ovos ás costas; num olho d'agua apanham gyrinos. Em classe se evidenciam a hibernação, reprodução, evolução dos ovos, etc; os sapos mettidos num aparelho especial, azam essejo ao estudo da metamorphose. Os ovos que restam são repartidos entre os alumnos.

Os alumnos observam os animaes, fazem descobertas e trazem no desenho o resultado das observações; é preciso desenhar para bem vêr, porque, para desenhar é preciso olhar attentamente.

Nos galhos das arvores notam as folhas em parte devoradas e cheias de ovos e larvas; em classe, microscópio e lapis em punho, fazem observações mais completas; em dias successivos verificam o crescimento das larvas, a passagem para o estado de nympha e a appareição do insecto perfeito.

Nas « classes-experiencia » estuda-se por exemplo, a influencia do exercicio sobre a circulação do sangue. Os alumnos contam, durante um minuto o numero de suas pulsações; e, após darem varias voltas em passo de gymnastica, repetem a contagem, comparando e interpretando os dois resultados, inferindo a lei; analogamente se faz com a respiração.

No ensino da zoologia « viva » empregam-se as « disseções » de cobayas e de rãs, conservadas num viveiro. Ensinam-se assim « praticamente »: a) os caracteres do animal vivo (sensibilidade, movimento, respiração, pulsação do coração, temperatura; b) a morte do animal; caracteres do cadaver; c) san-gria, coagulação do sangue; d) pelladura, caracteres da pelle; e) observação dos órgãos (abdomen, thorax, etc); f) estudo particular do tubo digestivo e de seu conteúdo; g) observação

dos musculos e dos ossos, particularmente dos ossos dos membros posteriores.

Convençam-se os alumnos de que o mostruario dos açougues, o trincar de uma gallinha, um guizado de coelho, varios factos da vida corrente, o jardim, o campo, a cozinha, fornecem muitos ensinamentos como os que nos dão a rã e a cobaya.

Para mais aproveitarmos os conselhos de Chauvet, mostremos no estudo do homem as « auto-observações »; por exemplo quanto a pelle: a) verificar suas adherencias com os musculos, sua elasticidade; apreciar sua espessura; b) observar suas dobras e rugas; modelar em gesso o concavo da mão; tomar á tinta as impressões das polpas digitais e verificar que são caracteristicas do individuo; c) estudar a epiderme: o effeito das queimaduras, callosidades, ausencia de vasos sanguineos; d) verificar as funcções da pelle: absorpção, respiração, tacto, suor.

Quando se « herboriza », isto é, quando vamos colher plantas, a influencia da « exposição » dellas explicará as differenças entre as da vertente sul e norte de uma collina; a influencia da humidade se fará sentir quando se comparam as mesmas especies vivendo em terrenos desigualmente regados.

Na escola formem os alumnos uma collecção de plantas que interessem á cultura e a industria da região, com etiquetas onde se mencionem os usos alimentares, medicinaes e industriaes e varios exemplares da mesma especie e logares diversos para mostrar as variações devidas ao meio.

Façam-se herbarios ou albuns, em cujas paginas, que ao depois se dobram, se prendem as partes de uma planta; tratando-se de folhas, pregam-se numa pagina as folhas de varias fórmas, noutra as de varios bordos, noutra as de varias côres, de varios usos, de varios peciolo, etc. Num dia o professor explica com os exemplares nas mãos e, na aula seguinte a lição consiste em cada alumno trazer classificadas e presas nos herbarios as plantas explicadas.

A classificação das plantas — terror da classe — será feita pelos alumnos com os vegetaes nas mãos e não por meio de schemas no quadro negro. Misturam-se numa mesa algas, bolores (que se fazem criar no pão humido), musgos, fetos, cravos, litazes, primaveras, etc. Os bons alumnos serão encarregados de pôr um pouco de ordem nesta confusão; guiados pelo mestre crêdes que deixarão a alga ao lado da primavera, o cogumelo perto do lilaz, os musgos na vizinhanças do cravo? Crêdes que todas as plantas que têm flôres não serão rapidamente grupadas e separadas do resto, como o serão os fetos, os musgos, as algas e os cogumelos? A noção dos ramos sairá deste exercicio

e um certo resumo fixará o que foi apprendido com rapidez e sem pena.

A melhor escola de botânica é fóra, em plena natureza, no meio mesmo onde a planta nasce e cresce. Primeiro, a colheita das espécies mais abundantes e uteis: alimenticias — trigo, cevada, beterraba; medicinaes ou venenosas — malva, camomilla, salva, cicuta; arvores. Depois o mestre explica as mais características; nas arvores, o porte, o modo de ramificação, a forma da folha, a natureza do fructo; quanto ás flôres (as grandes e de composição relativamente simples) mandar achar o typo de inflorescencia, o numero de peças dos varios cyclos constitutivos, vêr como se inserem estas peças. Poucos nomes e sempre os vulgares: a botânica não é para os jovens « cueilleurs d'herbes » « a arte de esmagar plantas entre folhas de papel mata-borrão e de injurial-as em grego e em latim ».

Aproveitemos a agricultura, que representa o mais vasto dominio da applicação das sciencias. É a época da sementeira? manda L. Mangin, o mestre, descrever a germinação dos grãos fazendo brotar em classe algumas sementes communs; fazer conhecer as condições necessarias á realizção deste phenomeno e achar nos campos ou nos jardins, segundo a natureza do solo, a temperatura e a humidade, as applicações praticas do phenomeno estudado em classe: as sementes não germinam em um solo argiloso empapado de agua, germinam mal em um solo arenoso muito secco.

É a estação chuvosa? Nos campos inundados, nas collinas esbarrancadas comparam-se os effeitos das correntes e da infiltração; na agua parada nos campos explica-se a drenagem e as vantagens desta.

Estamos na primavera? Os vergéis floridos como que são de neve e as chuvas persistentes sobreveem com grande inquietação do observador; é o momento de colher alguns ramos de fructeiras, de mostrar as partes da flôr, de fazer comprehender o papel dos estames e do pistillo.

Um acontecimento da vida rural servê de thema. O anno vindouro é de hesouros? Não faltarão objectos para se explicar o desenvolvimento delles e as devastações que causam.

As plantas, os animaes que servem de exemplo, que são si não o que povôa o horizonte onde o alumno nasceu, onde seus paes vivem, onde seus antepassados viveram? a historia daquellas plantas e animaes se confunde com a da familia e da aldeia.

Si o mestre, após dar vida e movimento a estas cousas, junta a proposito uma lição de moral ou de historia, as ideias moraes, as noções esparsas de sciencia ou de historia tomam um

corpo e uma alma: a idéia de familia e a de patria se desprendem, se prec'çam e se gravam no coração da creança.

O alumno assim preparado para uma forte educação scientifica e moral se tornará um homem de observação segura, de julgamento recto, de razão sã, será em toda a accepção da palavra um cidadão livre sobre o qual os preconceitos e as superstições terão tao pouco dominio como as utopias.

Julio Payot diz que o professor de composição deveria ser durante os primeiros annos um professor ao ar livre.

Resumamos seu livro. Remergulhemos, diz, as creanças no concreto, nas côres, nas linhas, nos odores, nos sons. Remergulhemol-as no real: que observem as estações, a chuva, o vento, a neve! Que observem o mar, a floresta, os trabalhos, as colheitas. A observação das plantas, de seu mysterio e da promessa que encerram, de seu crescimento e de seu progresso conduz a experimentar ternura e doçura por uma cousa fraca e ameaçada. Que brinqueto mechanico por mais aperfeiçoado dá á creança tanta alegria como uma folha nascente, um botão de rosa que se entresbre mais cada dia, um coelhinho ou uma ninhada de canarios?

As creanças devem observar a natureza, sentil-a, estudando-lhe as partes separadamente — ora vendadas para desenvolverem as sensações musculares, para descreverem uma « paisagem do cego » ou uma paisagem auditiva; ora feitas surdas para descreverem as linhas e as côres. Vão ao campo estudar os animaes em seu somno, em seu trabalho em seus brinquedos, em suas paixões; olhem um formigueiro, uma colmeia, um gallinheiro; sintam o roçar da brisa, o som monotono de um regato; conheçam de « visu » o brilhante calendario do céu.

Um professor na Alemanha acompanha uma excursão escolar (44 creanças de 12 annos) ao Taunus. De quando em quando, ellas se agrupam e escutam. Na colma profunda do bozque as expressões « doce murmurio do regato », « sussuro das folhas », « fogos da manhã », « zephyro acariciador », « magestade do carvalho », « frescura da fonte », são comprehendidas.

Quando Victor Hugo canta o que conhece, o que ama — a guerra, os sentimentos simples « Les pauvres gens », as creanças, — seus versos são apprendidos. Quando canta a montanha, os Alpes, logares que nunca visitou, seus versos são tão illegiveis, como as paginas de Chateaubriand, Lamartine ou Gautier sobre o mesmo assumpto. É tao sólido o fundamento real das observações de Rabelais, que se tentou fixar a data de seu nascimento de accordo com as circunstancias pessoais do nascimento de Gargantua, heroe de um seu livro. Os grandes classicos tiveram o respeito da verdade. . .

As composições dos nossos alumnos não são cópias do natural: são reminiscências de leitura. É um mal. Parecem-se elles com aquelle viajante de Tristan Bernard que, lendo em automovel, nada ciba: lê durante todo o tempo de viagem, lê andando, lê durante os «pantes», lê á mesa e de noite. Os companheiros, intrigados, descobrem que este leitor obstinado segue com paixão. . . uma narrativa de viagem em automovel. Muitas vezes se tenta em vão fazer admirar o occidente flammejante um parisiense que sae de uma exposição de pintura onde se tinha extasiado com um pôr-de-sol de Rembrandt!

Os homens das cidades, sem raizes, sem contacto com a vida real nem com a natureza, são incapazes de observar. Que affeição nossos alumnos, habituados á energia da observação, não tomariam pelas paisagens, que são como o rosto amado da patria! Que fonte de felicidade o habito de olhar o esplendor das regiões! Ha uma arte de saborear as paisagens.

Entretanto nossa educação é verbal e auctoritaria. Não ensinamos a vêr justo; damos para escrever assumptos de pura imaginação, o que é um absurdo. Miss Elen Keller, surda-muda, cega e privada do olfato, mas instruida (fazia versos até) dá-nos ensinamentos preciosos sobre a percepção do mundo exterior reduzido ás impressões de resistencia, dureza, molleza, elasticidade, polido, ás sensações de calor, frio, humidade, ás profundas sensações de alegria respiratoria; de gozos musculares. Mas em vez de desenvolver sua personalidade, suas mestras fizeram o que fazemos para a maior parte dos alumnos: impozeram sua propria individualidade, e, quando esta cega de nascença, que não tinha nenhuma idéia de cor, canta as bellezas do lago Michigan, descreve:

« O sol desaparecendo no horizonte em seu carro «dourado» projectava uma doce luz «rosea» sobre a cidade «branca». A branca cidade de Chicago. . . Tableau!

A natureza, diz Ruskin, tem sempre coisas que dizer aos que a amam. No outomno a folhagem cor de fogo evoca ao pensamento as precauções da planta, que, por economia, retira para as profundezas do caule a chlorophylla, a materia preciosa, porque o vento glacial vai fazer cair as folhas. Na machadada que fere uma arvore, vemos o universo inteiro collaborando com o lenhador, por meio da lei de gravitação.

Por isso nunca é de mais recommendar as «tardes de observação» de Payot, as «expedições poeticas» como base da composição. Para uma observação methodica deve-se ter a «Carta dos dados dos sentidos». Eis-a:

1.º) *Lista dos dados musculares*: (Nelles se baseiam os dos outros sentidos. Descubram-n'os os alumnos com os olhos

fechados): a) força, resistencia, peso, pressão, fragilidade, viscosidade, friabilidade, ductilidade, etc.; b) liberdade dos movimentos, extensão, rapidez, direcção, situação, distancia, volume; c) unidos ao tacto: dureza, molleza, elasticidade, corpos rugosos, lisos, polidos, etc.; d) unidos á vista: movimentos visíveis, lentos (procição), languidos, vivos, etc. (estudem os movimentos de um cavallo a passo, a trote, a galope; vôo dos passaros; nuvens, chuva, effeitos do vento, curvas de agua, cascatas, estrellas cadentes, etc.

2.º) *Lista dos dados da vista*: a) luz; b) cores: as sete fundamentaes (discernimento dos matizes dos campos, das flores, dos tecidos, dos pontos, etc.); c) scintillação; d) o que é lustroso (pedras finas, madeiras preciosas, verniz, folhas molhadas, marfim, nacar, seda, pelle humana, cabellos, olhos).

3.º) *Lista dos dados do tacto*: a) brandura ou doçura (bochechas de uma creança); b) cocegas, irritação, arranhão, queimadura, rasgamento (tudo em cada parte do corpo); c) temperatura: frio, humidade, etc.

4.º) *Lista dos dados do ouvido*: a) qualidade: sons, doces, ricos, cheios ou duros, rangidos (estudar o timbre dos instrumentos e da voz humana); b) intensidade: sons de carruagens, roncões de motores, sinos, artilharia, latidos, assobios, etc.; c) quantidade (volume): estudar os ruidos do mar, do vento, os clamores de uma multidão; d) harmonia.

5.º) *Lista dos dados do olfacto*: Linné dá 7 odores reductíveis a 4: a) aromaticos (cravo, lilio, açafraão, jasmim, almiscar, ambar); b) alliáceo (alho); c) fetidos, nauseantes (bode, certos zoophytos); d) «virenses» (cravo da India).

6.º) *Lista dos dados do gosto*: Sabor: alcalino, acido, aspero, doce, amargo, ardido (alcool, pimenta, mostarda).

7.º) *Lista dos dados da vida organica*: a) musculos: córtex, rasgadura, caimbra, fadiga, fardo pesado; b) nervos: nevralgia, fadiga nervosa, dor de dentes, etc.; c) ossos: fracturas, rasgaduras dos ligamentos, torceduras; a) pulmões: ar puro, confinado, frescura, suffocação, etc.; e) circulação (analysal-a); f) digestão: sede, fome, appetite, náuseas, etc.; g) calor, frio, tremuras, formigamento, etc.

Payot pugna apaixonadamente pela observação directa por temer esse perigo — a palavra — que pôde não só usurpar uma vida independente das realidades que faziam seu valor, mas tambem illudir-nos unindo se a realidades muito differentes. Esta felonía é perigosa, porque um vocabulo se installa com força em 4 memorias: de articulação, auditiva, visual e graphica e impõe-se tyranicamente ao pensamento.

Uma instrução preguiçosa e vaidosa desenvolveu em excesso, desde seculos, um verbalismo horrivel. O exercito das pessoas que pensam com palavras traidoras (felonnes) é innumeravel. O psittacismo se alastra. Um alumno de boas notas recita a lição sobre a constituição de Pericles, mas ignora absolutamente o que é uma constituição.

As palavras acabam por fazer na superficie da alma uma crosta opaca que recobre a realidade viva tão bem que dahi nada mais se filtra. Forma-se um espirito falso, um meio-sabio como nosso systema de educação apressada, verbal fabrica aos milhares. Em vez da espiga rica de grãos, só se tem a palha, a « palha das palavras » como diz Leibnitz. A palavra como um bilhete de banco que não é mais representado pelo ouro torna-se um « assignat » (papel-moeda) sem valor, de moda que pôde a gente julgar-se rico, quando é pobre.

A memoria de nossas creanças forxiga de palavras-assignats. Payot assistiu na Ardèche, a 1.000 metros de altitude uma lição sobre a vinha em presença de creanças que nunca viram uvas; em Nice, outra em « assignats », sobre o trigo e a se-meadura, a moçinhas cuja maioria nunca vira charraa ou trigo.

A palavra « bramar » bem como muitos nomes de aves, peixes, vegetaes, utensilios, são para Payot palavras-assignats; e uma multidão de mestres enche de palavras-assignats a memoria dos alumnos, desde o que fala da constituição de Pericles, até o de philosophia que fala de idealismo a alumnos incapazes de comprehender a theoria psychologica da materia.

As palavras que não estão em contacto com nenhuma realidade nem exterior nem interior, tornam-se perigosas. E' preciso que os alumnos se tornem capazes de julgar por si mesmos, de se calar quando não sabem e que considerem a eloquencia, quando ella faz representar o detestavel poder da palavra associada ás emoções cegas, sem, conhecimento, como uma falta de respeito para quem escuta.

Os espiritos fracos nada penetram e vivem distrahidamente levados pelos derivativos de fóra, aturdidos pela farandula de dentro: são como detidos na superficie de si mesmos por uma crosta espessa de julgamentos todo feitos de preconceitos, de creanças verbaes; elles ignoram sua personalidade profunda. Como nunca se procuram, nunca se acham. São como as cebolas de Ibsen, das quaes se podem tirar succéssivamente a casca e as tunicas sem se chegar a um nucleo solido. E's em synthese as ponderações de Payot.

Conta-nos Tolstoi como despertou em seus alumnos o sentido da composição litteraria. Sentado no meio delles escreve o que acham sobre um assumpto por elles escolhido; o trabalho

foi tão fecundo que elle percebeu subito que melhor do que elle seus alumnos sabiam pintar a vida com traços simples e poderosamente syntheticos. Humilhou-se e declarou que na litteratura russa nada ha comparavel a uma narração feita por Fedka, um alumno de 11 annos.

E' o milagre do respeito á personalidade, que nas aulas se abafa. Na primeira infancia, diz Payot, o alumno experimenta com vezes as propriedades dos objectos, da agua, da areia, do fogo, etc.; bruscamente a escola desvia-lhe a attention para as horas, que o não interessavam; tornam-o surdo e cego para as coisas, as plantas, os animaes, em vez de aproveitarmos seu interesse pela natureza. « Fazemos falar muitas pessoas que não conhecemos quasi, sobre coisas que não conhecemos muito mais » (Lavisse).

Com muita razão apostrophava Hobbes as pessoas eruditas, que se tornam sem fome para a verdade e dizia que, si tivesse lido tanto como os outros, seria tão ignorante como elles. Os eruditos perdem pouco a pouco o gosto e depois a possibilidade de pensar por si mesmas. Só pensam reagindo, como phosphoros que é preciso esfregar para dar scintillas (Nietzsche).

Desenclausuremos nossos alumnos; tirem-os dessas gaiolas douradas — as escolas, desses espelhos sem aço que interceptam a natureza. Levemol-os ás mil fabricas — de tecido, de papel, de phosphoro, de vidro, de prego, de botão, de chapéu; ás officinas — de lithographia, de typographia, de douração, de tinturaria, de fundição; aos museus, aos ninhos, ás casas em construcção, aos hortos, aos jardins, ao campo, aos saylos, ás créches, aos hospitaes, ás egrejas, aos cemiterios, ás estradas de ferro, ao jury, ao congresso, á camara municipal, ás bibliothecas, ás pinacothecas, aos quartéis, ás represas, ao telegrapho, ás usinas, aos campos de experiencia, ás escolas profissionaes, ás praias, aos lagos, aos monumentos, a tudo onde se aprende pela observação.

Celebra-se no Japão a festa das flores. Na época da floração das cerejeiras, dia a dia os jornaes japonezes registam para o publico os progressos do desabrochar das flores; organizam-se grupos para ir admirar-as. Assim tambem se faz a festa das estrellas. Nós poderíamos ter a festa dos cafesaes e dos algodoes.

Os selvagens a quem se mostra uma grande cidade não admiram e não veem nella nada do que os devia impressionar; eduquemos a admiração, o extase pela natureza brasileira deslumbrantemente rica.

Sejamos como os poetas onde vive o homem primitivo, evocado por Emilio Verhaeren.

Chantant la fraîche et divine surprise  
Des oreilles, des mains, des narines, des yeux,  
Devant les fruits, les fleurs, les eaux, les bois, les brises.

As excursões escolares foram aventadas pelo grande Rabelais, que na « Vida de Gargantua » assim se exprime: « S'il advenait que l'air fust pluvieux et intemperé, tout le tempe avant disner était employé comme de coutume, excepté qu'il faisait allumer un beau et clair feu pour corriger l'intempérie de l'air. Mais, après disner, au lieu des exercitations, ilz demouraient en la maison, et par manière d'apotherapie, s'esbatoient à boteler du foin, à fendre et scier du bois, et à battre les gerbes en la grange. Pins estudioient en l'art de pincture et sculpture; ou revocoquent en usage l'antique jeu des tales, aisin qu'en a écrit Leonicus, e comme y joie nostre bon ami Lascaris.

En y jouant, recoiloient les passaiges des auteurs anciens esquelz et faicte mention ou prinse quelque métaphore sur iceluyen. Semblablement, ou alloient voir comment on tiroit les métaux, ou comment on fondoit l'antillerie; ou alloient voir les lapidaires, orfevres et tailleurs de pierreries; ou les alchymistes et monnoyeurs; ou les hauttelissiers, les tissotiers, les veloutiers, les horlogiers, miralheirs, imprimeurs, organistes, taincturiers, e autres telles sortes d'ouvriers, et par tout domans le vin, apprennoient et consideroient l'industrie et invention des mestiers.

— Alloient ouir les leçons publiques, les actes solennelz, les repetitions, les déclamations, les plaidoies des gentils advocat, les cançons des prescheurs evangeliques. Paissoit pour les salles et lieux ordonnés pour l'escrime; et là, contre les maistres, essayoit de tous bastons, et leur monstroit par évidence, qu'autant voire plus, en sçavoit qu'iceux.

Et, au lieu d'arboriser, visitoient les boutiques des drogueurs herbiers et apothycaires, et soigneusement consideroient les fruicts, racines, feuilles, gommés, semences, axonges peregrines, ensemble aussi comment on les adulterait. Allait voi les basteleurs, trejectaires et theriadleurs, et consideroient leurs gestes, leurs ruses, leurs sobresauts et beau parler: singulierement de ceux de Chanys en Picardie, car ilz sont de nature grands jaseurs, et beaux bailleurs de baillivernes en matière de cinges verts.

Eux, retournés pour souper, mangesoient plus sobrement qu'es autres jours, pae ne soy est exercités comme avoient de coutume. Ainsi fust gouverné Gargantua.

Propuzeram as excursões La Chalotais em 1785, Lakanal, Sieyès e Daunou em 1793; empregaram-nas Pestalozzi e Froebel. Estamos em uma atmospherá de lindos pensamentos pedagogicos, de fascinantes orientações: faltam-nos quem os execute.

Nas excursões, muito professor, que não foi feliz quando aprendeu, se reeducará, estudará, pegará em livros ha muito abandonados. Além do exercicio ser hygienico, é uma distração á monotonia da sala de aula.

O « plano » das excursões requer uma attenção tão preferente como as lições diarias. Tendamos nossos esforços a tornar a educação agradável. As excursões improvisadas, sem indicar de antemão o que o alumno deve fazer, desvirtuam seus propositos. Não é um passeio, mas uma fórma de educação tendente a pôr a creança deante dos factos para ordenal-os, associar-os, systematisal-os, commental-os com resultados mais proveitosos do que si se trabalhasse com estampas ou verbalmente.

Eis um plano:

1.º) O professor, após visitar previamente o logar da excursão e estudar bem o assumpto, expõe ao director os fins da excursão e os meios de preencher-os;

2.º) Ensina aos alumnos como deve observar (veja a carta dos dados dos sentidos, de Payot); como deve tomar os apontamentos, fazer os « croquis », notar os assumptos principaes e os pormenores; como deve relatar o trabalho com os pontos principaes que este deve comprehender;

3.º) Expõe á directoria, após a excursão os resultados.

4.º) Cada alumno apresenta uma composição, na qual se verá o proveito adquirido.

Cada classe fará a excursão separadamente, salvo motivos em contrario, e pelo menos uma vez por mez. Os trabalhos de alumnos e professores devem ficar cuidadosamente catalogados.

José ESCOBAR

## A ESCOLA BRASILEIRA

Prof. João Augusto de Toledo

(Lente da 12.<sup>a</sup> cadeira)

(Da Revista da Escola Normal de S. Carlos)

A educação deve ser orientada, em toda a parte do mundo, no sentido de alcançar a moralidade do educando: — moralidade ampla, perfeitamente humana, que compreenda a liberdade interna, que lhe proporcione o bem-estar e seja a base da ordem no meio social em que elle viver. Variando de povo para povo e até de homem para homem o conceito da moralidade, creio não ficarmos longe da verdade dizendo que são immoraes a desobediencia e as transgressões da lei e dos bons costumes, donde concluir-se-á que é moral todo aquelle que observa voluntariamente as prescripções legaes e os bons costumes reinantes no paiz em que reside. E' este um fim commum, visado pelos trabalhos educativos de todos os lares, de todas as escolas e de todas as instituições que se proponham melhorar as condições da humanidade. Além deste, que é geral, ha um outro fim, quasi tão importanté como elle, que se impõe — é a criação de aptidões especiaes que habilitem o individuo a tirar, do meio em que se acha, proveitos para si e para a collectividade. Esta feição utilitaria, que deve ser eminentemente prática, attende, antes de tudo, ás exigencias materiaes da vida, faz que na luta pela existencia elle seja dotado de mais energia, mais habilidade, melhor visão das coisas, economizando-lhe tempo e esforço. Sob esta feição é que vamos encarar a escola brasileira, pois que, sob o primeiro ponto de vistá, a harmonia é completa e perfeita.

O homem deve ser educado para o meio em que vive, dissemos. Si elle se deixa ficar, quando todos avançam — é um vencido, condemnado a arrastar-se eternamente na pobreza, na obscuridade e nas dores; si elle se adianta demasiado sobre sua época, faz-se incomprehendido e por isso infeliz, embora benemerito. Sem dúvida são os avançados os propulsores do progresso; a elles devemos os beneficios da sciencia e os encantos das artes; mas a posição de *leaders* é reservada pela natureza a um pequeno grupo de privilegiados seus, que arras-

tam a sociedade com vagar e com cuidado, porque sua marcha evolutiva não comporta precipitações que desequilibram. Elle se fazem por si, graças aos seus talentos, fóra da escola, cuja função é preparar a massa popular, naturalmente conservadora. O que fica dito a respeito do individuo applica-se perfeitamente á nação: um povo tem um fim, como o homem o tem, e esse fim se define em face das multiplas condições que lhe são dadas pelo sólo, clima, raça, lingua, tradições, etc. Somos um povo agricola — clamam todos, e, nos dias que correm, parece positivo que nossas vistas se devem voltar para a agricultura. Isto não exclue nossó esforço industrial e commercial, nossa collaboração moral e politica para a melhora do mundo, apenas significa que a feição agricola deve predominar sobre as outras. Em uma escola, o programma pôde ser synthetizado nestes termos: — « Moralizados, bastemo-nos a nós mesmos ». Aceito este lemma, o professor primario inspirará a seus alumnos amor e interesse pelas cousas do campo, pela nossa terra e pela nossa gente. Este é o seu primeiro dever.

\* \* \*

As melhores venturas sonhamos para nossos filhos. Desejamos vel-os sadios e fortes, trabalhando com prazer e ganhando com abundancia; paes extremosos, optimos maridos; homens queridos pelas suas virtudes e respeitados pelo seu valor. Mas... ninguem nasce feito, é necessario preparal-os para que realizem, na vida, essas aspirações. Entretanto esquecemo-nos geralmente de que essa preparação tem seu iaicio no lar: os habitos de obediencia consciente e voluntaria, de trabalho, de verdade, de asseio, de discreção, de perseverança, de tudo quanto suaviza o trato e enrija a energia, vêm das proximidades do berço e foram bebidos nos exemplos e nas palavras dos paes. Filhos e filhas, para todos igual carinho, igual dedicação, iguaes esforços, porque, homens e mulheres — as penas partilham todos, partilhem todos as glorias. E si de facto aspirarmos para nossos filhos uma mêsse abundante de felicidades, comecemos por não lhes negar a parte que lhes devemos.

E' máu o costume de deixar á escola todo esse trabalho de preparação para a vida. Ainda que ella estivesse bem adaptada para tanto, o tempo de que dispõe, quatro ou cinco annos de poucas horas por dia, seria escasso demais; e note-se que o aprendizado só é verdadeiramente educativo na phase infantil. A moços, a escola ministra, em geral, conhecimentos technicos; suppõe-se que as qualidades, chamadas de character e de coração, tenham já suas raizes lançadas profundamente na intimidade

dos hábitos. Iniciada no lar, completa-se na escola primária a instrução educativa. Ahí mesmo as qualidades práticas começam a desenvolver-se quando a escola conhece e executa o axioma do « aprender a fazer, fazendo ». As occupaões manuaes têm nesse logar sua applicação mais proveitosa. Ao deixar a escola elementar não devem os hábitos dos jovens estudantes soffrer solução de continuidade; não haja transição brusca entre a vida escolar e a vida na sociedade: esta deverá ser, tanto quanto possível, a continuação daquella. A sociedade policuada é um agente educador da mais alta importância; sua acção far-se-á sentir de modo eficaz, si conseguirmos desviar os adolescentes dos antros de perdição, onde o corpo apodrece e as virtudes se diluem. Conjuguem seus esforços os paes, os mestres e os governadores do povo e a finalidade educativa de que acima falámos será alcançada. Respondem todos pela felicidade das novas gerações; respondemos nós que somos paes, que somos mestres, que dirigimos os negocios publicos.

As nações differenciam-se por uma multiplicidade de circumstancias que lhes definem a funcção no convívio com as outras. As escolas são o instrumento de sua preparação para o exercicio da actividade que lhes couber nesse concerto. Como a actividade exercida por uma não é igual á que é por outra exercida segue-se que a preparação para ella tambem deve variar. E' por isso que as escolas de cada paiz têm caracteres que lhes são proprios; e estes caracteres especiaes é que as põem de accordo com as necessidades da região onde funcçãoam. As occupaões manuaes, os elementos de mathematica, de astronomia, de physica, de chimica e alguns outros que forem ministrados aqui, podem-n'o ser em qualquer outra parte do mundo; podem figurar no programma de qualquer escola primaria. Elementos ha, entretanto, que devem preponderar em cada paiz — são os relativos á geographia e á historia patria. As noções de historia natural têm a feição do logar onde são ensinadas, porque os exemplos que illustram as lições devem ser tirados sempre do meio em que vivem as creanças. A lingua fallada pelo povo é o primeiro caracteristico de sua escola. E' o primeiro e o mais importante, porque é um factor energico de nacionalização e um laço estreito de solidariedade. Os que falam a mesma lingua commungam os mesmos sentimentos e têm os mesmos ideaes e as mesmas tradições. Em um paiz de immigração, como o nosso, ella deverá merecer do professor o melhor cuidado, porque é um recurso poderoso do qual podemos lançar mão para assimilar os estrangeiros. Ao ministrá-la a classes numerosas, o mestre permittirá que seus alumnos, dentro do objecto da lição, falem livremente. Terá elle, então,

oportunidade de corrigir-lhes os vicios de pronuncia e erros de concordancia, bem como de precisar a significação dos termos e polir o torneio das phrases. A escripta e a leitura completarão este trabalho. Seria immensamente util que possuissimos uma literatura adequada aos que concluem o apprendizado elementar: iriam ahí crear hábitos de estudos por conta propria, sem auxilio do professor. Essa lacuna um dia será preenchida; hoje ella é sensível e lastimavel. Infelizmente as escolas espalhadas pelo territorio brasileiro estão ainda longe de satisfazer as exigencias do ensino. Aqui e ali por todos os cantos onde a immigração tem penetrado, núcleos de estrangeiros se têm formado, conservando-se alheios ao nosso paiz. Não havendo escolas nossas, fundam elles as suas; recebem de além atlantico todos os objectos necessarios e subvenção remuneradora. Estudam sua lingua, a historia e geographia de sua patria, conservam suas tradições e seus costumes, vivem em nossa terra como si vivessem na sua, sempre estrangeiros, legando a seus filhos a mesma alma de seus avós. Este facto profundamente alarmante, só de ha pouco tempo para cá conseguiu chamar nossa attenção, sem que tenhamos, entretanto, procurado dar remedio a essa gravissima anomalia. Quando, em nosso espirito, por factos concretos, tenhamos desenhados os primeiros signaes de nossa desnacionalização, talvez resolvamos a agir de modo efficiente. Hoje, confiantes como sempre, alheios das questões civicas, cremos todos que nenhum perigo ameaça esta terra bem fadada, estamos certos de que a fortuna hade nos encaminhar, em linha recta, para a gloria. Doce ingenuidade esta nossa.

As coisas desconhecidas são-nos indifferentes; prezamos sómente aquellas que muito bem conhecemos e que têm valor real ou ao menos valor para nós. Isto se dá tambem em relação a pessoas: nossas affeições crescem á medida que descobrimos naquelles com quem convivemos virtudes ignoradas, qualidades que desconheciamos por falta de intimidade no trato. Chegamos a venerar certos individuos pelo que elles valem; e, muitas vezes, a fealdade physica se debêe ao calor do affecto, ao ponto de nos parecer bello o que a principio nos desagradou. E' da observação de todos os dias este facto. Com as cousas, a demonstração é mais facil: que nos valle um cascalho, si não sobemos que ha dentro d'elle um diamante? — Nosso paiz só será bem amado, quando for bem conhecido; antes disso, o patriotismo será uma ficção, uma palavra óca, sem o lastro de emoções que a objectivam e a vitalizam. A' medida, porém, que imagens da patria, representando-a sob todos os aspectos, povoarem nossa mente, sobre ellas erguer-se-á o edificio de um



sentimento que fará do homem um cidadão, do cidadão um soldado, do soldado um herói. Não é possível um acto de verdade heroicidade que se não alicerce em uma afeição cara e tangível. Só o amor é capaz de milagres, e para alcançá-los vamos instillando, gota a gota, no coração da infancia este líquido da vida que faz significativa a existencia social. Os labios dos mestres sejam a fonte de onde promane o principio vitalizador do nosso civismo, o qual, penso eu, derivar-se-á dos conhecimentos da historia e da geographia do paiz.

Na escola primaria, a geographia-patria é disciplina da mais alta relevancia. Ella comprehende o estudo da terra, do homem, da flora, da fauna e tambem do céu. O ponto de vista largamente utilitario impõe-se aqui. Largamente utilitario, dis-largamente, porque elle deverá aproveitar aos interesses materiaes da agricultura, da industria e do commercio, como á formação moral do educando. Sejam postas de lado, sem nenhum receio, as preocupações de méra illustração. Não nos interessam mais as vastas nomenclaturas de lagos, portos, rios, cidades; importa-nos saber quaes os beneficios que esses accidentes nos podem prestar. A escola nol-os dirá, mostrando quaes as zonas férteis do territorio, quaes as que se prestam para pastagens, quaes as produções de cada região, e o consumo relativo dessa produção; dir-nos-á os costumes e o gráu de desenvolvimento dos habitantes, suas occupaões habituaes e as condições ordinarias de vida; os animaes que ali vivem e a natureza da flora; a capacidade dos portos, a navegabilidade dos rios e as cidades que ligam; as estradas de ferro, regiões que percorrem e distancias que as separam dos centros de consumo e de exportação. São cousas que virão povoar o cérebro das creanças de conhecimentos uteis e lhes abrirão a perspectiva de um futuro feliz. Aos poucos irão se afeiçoando ao meio e, logo, tudo quanto disser respeito ao paiz ser-lhes-á familiar. As riquezas da terra, os encantos naturaes, a belleza do céu, passarão, como imagens, a constituir pedaços da alma infantil que por isso far-se-á uma alma brasileira. Assim a geographia comprehendendo até os elementos de sciencias naturaes; deverá ser ensinada na escola primaria. Esta feição é a unica, segundo penso, capaz de fazer a verdadeiramente util, de moldar as creanças de accordo com os ideaes civicos que possuímos, de nacionalizar nossa escola. Ella fará saliente aos olhos do educando todas as manifestações de nossa natureza, que passarão a ser manifestações da natureza do proprio educando; identifiçal-c-á com a terra, com o ar, com o céu, formando um todo harmonico, homoganeo, indivisível, como convém que sejam as nações.

O concurso da historia virá completar a obra da geographia.

E a ella cabe um papel decisivo que ainda não foi bem comprehendido por todos os professores. Correm por ahi compendios de historia que attestam estreiteza de vistas e desconhecimento de sua função educativa no ensino primario. Exposições incolores de factos administrativos, narrativas glaciaes de batalhas, listas de nomes e de datas que não despertam interesse, não prendem a attenção, não emocionam e nem fornecem aptidões para critica que oriente conducta. E' a historia pensada, e mal pensada, e nunca a historia sentida, fortemente sentida, unica que as classes infantis comportam. Os feitos guerreiros serão objecto de estudo, entretanto não podem constituir sós o material exclusivo da historia. Não são mais que uma face e a menos bella, da actividade nacional, a qual deverá ser encarada em conjuncto. A administração actual e a evolução das instituições politicas, as tradições herdadas dos antepassados, a literatura, as artes, os costumes são materiaes que, simplificados, postos á altura da intelligencia dos pequeninos, ser-lhes-ão transmitidos com calor, com enthusiasmo, com vida, visando-se de preferencia o coração que é por onde a obra educativa deve começar. E' vastissimo esse programma e o modo de transmitil-o, que se recommenda pela efficiencia induscutível, é facil, interessante, agradável — são as biographias. No primeiro anno de estudo, os contos de fadas, as anecdotes escolhidas servem de preparação; depois será dada, em linhas geraes, a vida de alguns de nossos heroes, cujos retratos mostraremos ás crianças para que melhor os conheçam. Estas lições oraes têm a vantagem de estabelecer, entre mestres e alumnos, dialogos interessantes onde a linguagem se corrije e se apura. O professor, estudando a vida de nossos maiores, em seus actos de meninos, em seus feitos de homens, terá o cuidado de examinar sómente as passagens mais salientes, mais suggestivas e por isso, mais comprehensíveis. A partir do segundo anno, o ensino irá progressivamente augmentando sua amplitude: os maiores representantes do paiz na administração, na guerra, na literatura, nas artes, irão apparecendo aos poucos, acompanhando-se, quanto possível, de quadros explicativos, acções desenvolvidas por cada um. Ao finalizar o segundo semestre do ultimo anno, dar-se-á por concluido o estudo feito por meio de biographias; e, em synthese rapida, os factos essenciaes serão apresentados, em ordem chronologica.

As biographias são aprendidas com carinho, porque os heroes exercem fascinação sobre o espirito das crianças e... de todos nós. A imaginação engrandece-os, empresta-lhes vida, cor, movimento; tira-os do passado onde estão e fál-os viver novamente, sinão na realidade, em um mundo que ella se crea. Ahi

são elles imitados, pois nós vivemos todos a imitar; desde creança imitamos, e de preferencia, aquelles que mais amamos e mais admiramos. Os heroes apresentados aos estudantes devem ser optimos modelos a serem copiados. E desta forma, o passado illumina-se á para nós; nossas tradições, nossos feitos serão o alicerce de nossa alma civica; seremos a continuação melhorada do que fomos. Os filhos de estrangeiros terão a mente povoada das mesmas idéias que povoam as nossas; o coração formar-se-á na mesma lareira de emoções; seus labios falarão nossa lingua; terão elles mesmas aspirações nossas; em uma palavra — serão brasileiros. Notem os que me ouvem, eu penso e sinto que a escola se nacionaliza por effeito dessas duas disciplinas de que acabamos de tratar. Si não forem ministradas, sob os aspectos descriptos, com largueza, com enthusiasmo, com amor, continuando sendo historia e geographia — pensadas, glaciaes, indifferentes, sem nada contar á nossa alma, sem levantar nosso vigor — sem despertar nosso patriotismo, sem acção sobre nós.

Não nos esqueçamos ainda de que na escola elemental, o ensino, a principio intuitivo para ir elevando pouco a pouco a concepções abstractas, deverá ser objectivo sempre. Dahi decorre a necessidade de um material adaptado ás exigencias do programma a executar. Os museus escolares, que tantos serviços nos prestam, formar-se-ão de espécimens de todos os productos brasileiros, de modo que os mestres tenham á mão com que illustrar suas lições. Cartas do paiz que o representam sob o ponto de vista dos accidentes do solo, da agricultura, da população, das vias de communicação; quadros eschematicos que demonstrem o poder da industria, o desenvolvimento do commercio e da instrucção; retratos dos benemeritos que se immortalizam trabalhando por nós; gravuras representativas das maiores bellezas naturaes que possuímos; e algumas copias, modestissimas embora, de obras de arte nossa completarão esse aparelhamento que fará nossa escola verdadeiramente brasileira.

\* \*

Dir-se-á que preçamos um exclusivismo perigoso. Não ha tal. Haveria razão si a doutrina exposta abrangesse todos os graus do ensino, entretanto só nos referimos ao elemental; e este será nacionalista, nem se comprehende que o não seja. Ainda não chegou o tempo em que só haja uma patria, em que todos sejamos irmãos, respeitando um religiosamente os direitos de outro. Hoje annulla-se o homem que não luta, assim como prepara sua queda o povo que se não fortalece. A grandeza das nações decorre da harmonia entre dirigidos e directores, cujas

funções se conjugam mas não se confundem. Nem mesmo nas mais avançadas democracias, o povo tem ingerencia directa na administração. Governa uma *élite* de cultura profunda e vasta, feita em escolas superiores e principalmente nas lidas quotidianas com os negocios publicos. Sobre a educação bebida na meninice e na adolescencia, assenta ella principios liberaes que se não estreitam até o nativismo, nem se alargam até o cosmopolitismo. Seus membros são os delegados da vontade geral que raramente se manifesta em sua inteireza. A massa popular é o orgam da defesa, que é tanto mais poderoso quanto mais pitida tem a ideia de patria e mais intensos os sentimentos que a ella prendem; é o braço productor que tira da terra e das industrias os elementos materiaes para a subsistencia de todos. Educa-se para que haja obediencia, ordem, concordia, no seio da sociedade, e produz para que nos bastemos a nós mesmos. Do povo, que deverá prehencher estas funções, é que cuida o ensino elemental. Os guias da nação fazem-se á luz de conhecimentos mais amplos, hauridos na sciencia do direito e nas induções politicas: assuptos estes que escapam á alçada da escola de meninos.

\* \*

Com desprazer constatamos que nossa pedagogia ainda não pode legar ao magisterio as convicções que mudariam a face da educação entre nós. Questões corriqueiras de escripta, leitura e cálculo, absorvem os cuidados dos mestres; e os fins, que deveriam ser visados pelo ensino, ficam á margem, dolorosamente esquecidos, como si nunca suspeitados. Ahi a causa de serem nossas escolas incolores, inexpressivas, amorphas. Colchas de retalhos, as razões de sua organização encontram-se no facto de serem assim organizadas as escolas francezas, americanas, argentinas, e não na obediencia ás nossas conveniencias e necessidades. Contentamo-nos com o que fizeram os outros, não procuramos determinar o que nos cumpre fazer. Não ha má vontade, ha falta de publicações pedagogicas que nos orientem sobre o que devem fazer nossas escolas. Deficientes hoje, em quantidade e em qualidade, ellas ensinam a ler, escrever e contar um quinto da população escolar do paiz. E emquanto alguns Estados, pouquissimos, empenham-se em melhorá-las, outros se deixam ficar em criminosa indifferença. Possam as associações que agora se fundam, com o escopo sagrado de accender em nós a chamma do civismo, convencer-nos de que estamos errados e devemos mudar de rumo.

A grandeza e a decadencia de nossa patria será obra nossa: — si a erguermos no conceito do mundo, a gloria é nossa; si

a deixarmos cabir miseravelmente em mãos estranhas, é nossa a vergonha. O magisterio carrega essa responsabilidade tremenda da qual as escolas normaes devem supportar o maior peso. Lembremo-nos de que trabalhar com amor e com entusiasmo pela felicidade de nossos patricios, que são nossos irmãos, é um dever imperioso de todos nós — e o dever não se discute, cumpre-se. — Trabalhem, pois, cada um na média de suas forças, para que sejamos moralizados e nos bastemos a nós mesmos.

São Carlos, 13 de Outubro de 1917.

## Da educação e dos educadores

CARLOS DA SILVEIRA

*Sumario* — § 1.º Fins da educação sob o ponto de vista brasileiro. § 2.º Requisitos necessários a quem se propõe ao trabalho educativo. — Habilitação tecnica do professor. § 3.º Collaboração da familia no trabalho escolar. § 4.º A medicina pedagógica e sua acção no lar e na escola. — Gabinete de anthropometria escolar.

### § 1.º FINS DA EDUCAÇÃO SOB O PONTO DE VISTA BRASILEIRO

Na Idade-Antiga, o alvo ao qual tendiam os trabalhos educativos era o preparo do individuo afim de servir ao Estado, isto é, para as necessidades militares dominantes, tornando-se de tal arte cada cidadão um soldado, donde o predomínio da cultura physica sob as mais variadas fórmãs. A fortaleza do corpo era o meio de consecução do homem-soldado, fim a attingir.

Mais tarde, nos tempos medievaes, o fim ultimo da educação consistia em deixar a creatura humana apta para o alcance do céu, ventura suprema dos que, na Terra, souberam desdenhar a grosseira roupagem material — o corpo —, envoltorio da divina essencia — a alma —, objectivo unico de todos os carinhos. As mortificações, os jejuns, os maus tratos ao corpo enfim produziram o ascetismo, moral fundada no desprezo do organismo e das sensações physicas.

Entrando a Idade-Moderna, a reacção critico-naturalista contra o mysticismo anterior surgiu logo, com a Renascença, trazendo réformas radicaes cujos beneficos efeitos ainda hoje se manifestam. Por outro lado Luthero, prégando o livre exame, concorreu eficazmente para diminuir as brumas que envolviam as consciencias, e provocou aspirações novas com a liberdade deixada á exegese dos textos biblicos. A reacção critica, culminando com o « Emilio », deu tambem origem aos impulsos liberaes do ultimo quartal do seculo XVIII, de que a França se tornou o campeão, posto que, ás vezes, excessos houvesse,

como no movimento politico-social de 1789. A revolução franceza deu azo a que se precisassem os ideaes educativos daquellas épocas, consistentes no pleno desenvolvimento physico, sensorial, intellectual e moral.

Reconhecida, na Idade-Contemporanea, a impossibilidade de proseguir esse intento, a educação orientou-se de novo e tomou outro rumo, parecendo que, hoje, a obra educativa pretende dar, a todos os individuos, elementos bastantes que lhes facultar, a ampla satisfação das necessidades impostas pela vida actual, tem augmentando-se, por tal forma, a riqueza publica com o desenvolver-se a maxima capacidade productiva de cada membro do gremio social. O fim da educação é hoje, portanto, criar o homem productor de riqueza, o cidadão forte para o trabalho, beneficiando-se a si proprio e á collectividade de que é parte.

De que modo e por quantos meios conseguirá a educação o seu fim ultimo, qual o de amoldar creaturas habilitadas para a vida intensa da época presente, capazes de vencer nas lutas de todos os dias? E' esse um problema assás difficil, todavia pensamos que se resolverá seguindo-se os caminhos abaixo indicados:

1. Fornecer a todos os individuos o ensino primario (preliminar e complementar); é o ensino gratuito e obrigatorio. Tal ensino, básico, tem um caracter nacional, quero dizer que, durante a sua ministração, se ha de formar e avigorar o civismo na creança;

2. Ensinar a todos um officio, isto é, uma habilidade manual qualquer, permitindo ao individuo, em qualquer emergencia, meios facéis de ganhar a vida. O ensino manual, sobre ser um agente moralizador importante, é ainda um factor de solidariedade humana e de independencia de caracter;

3. Promover, para o maior numero possível, pelo menos para todos os membros das classes dirigentes, a cultura chamada *classica*, os estudos de *humanidades*, como geradores de altruismo. E' facto que as classes dirigentes devem ser preparadas e abnegadas, o que se pôde conseguir, até certo ponto, com os estudos que dizem respeito a todos os homens.

Eucarando o problema da finalidade educativa sob o ponto de vista brasileiro, poderemos dizer que os fins da educação, entre nós, se dividem em *ultimos* e *proximos*. *Ultimos* são os fins geraes da educação na época actual, acima expostos, e que não de variar com a marcha evolutiva da humanidade; o que

foi dito, relativamente a todos os povos, cabe aos brasileiros, como parte do genero humano. *Proximos* são os fins existentes em virtude de condições especiaes, transitorias, de nossa Patria; o trabalho educativo deve procurar o mais breve possível:

1. Criar uma civilização nossa, adaptada ás nossas condições mesologicas, sendo, neste ponto, muito justas as criticas feitas por escriptores varios, entre os quaes Eça de Queiroz, na sua « Ultima carta de Fradique Mendes », dirigida a Eduardo Prado.

2. Chamar para o convívio social, isto é, instruir e educar como brasileiros que são, consideravel parte da população nacional que vegeta pelo interior do paiz e conhecida pelos diferentes nomes de *Indios* (?), *bugres*, *caboclos*, *tabaréus*, *matutos*, *caipiras*, *jagunças* et cetera. Convem meditar a este respeito, lendo o capitulo em que o autor dos « Sertões » estuda « O homem »;

3. Assimilar, por todas as maneiras, o elemento estrangeiro, o qual conserva, na nossa terra, os ideaes proprios de suas patrias de origem, com grave prejuizo para os interesses nacionaes. Reflectamos, aqui, sobre a eficiencia da *escola nacional*, que não temos, e do *trabalho agricola* organizado, que também nos falta.

Diversos são os meios de attingirmos os fins proximos da educação, sob o ponto de vista brasileiro. Temos de criar elementos, forças que não existem entre nós, e eliminar entraves, verdadeiras energias negativas.

Os estorvos a supprimir são estes:

1. Analfabetismo (decadencia intellectual);
2. Molestias varias (decadencia physica);
3. Descrença, pessimismo (decadencia moral);
4. Pobreza (decadencia economica).

Todos estes assumptos tem sido ventilados abundantemente, excepto um, o ultimo; illudimo-nos muito quanto as condições economicas do nosso povo, por termos o mau habito de considerar sómente as grandes cidades do paiz e de aferir, por esse estalão, a zona rural, pobre e desprovida de conforto.

As potencias a crear são:

1. Escolas nacionaes urbanas e principalmente RURAES (ensino primario — preliminar e complementar). O problema das escolas rurales está desafiando a perspicacia dos nossos politicos: é a questão maxima da pedagogia brasileira. Ha necessidade em ampliar a eficiencia ás Escolas Normaes do paiz, pois é nellas que se preparam milhares de pessoas que tem de

realizar o que se espera da escola nacional. A mulher brasileira, principalmente, cabe um importantíssimo e insubstituível papel no ensino preliminar nosso;

2. Serviço militar obrigatório. O serviço militar obrigatório é a Nação em guarda, sempre prompta para a sua própria defesa. O cidadão soldado tem civismo, é uma força viva nacional. Mas o serviço militar obrigatório é considerado, aqui, nas vantagens que apresenta quanto á disciplina individual, na vulgarização dos preceitos hygienicos, relativamente á luta contra o analfabetismo. Os postos militares podem ser verdadeiras escolas espalhadas pelo immenso territorio brasileiro, a exemplo do que se faz na Rússia que, há pouco, contava perto de 8.000 de taes postos. Medite-se sobre o livro de Gustavo Le Bon — *Psychologie de l'éducation* — capitulo ultimo intitulado «L'éducation par l'armée»;

3. Fomento da *iniciativa individual*, por todos os modos possíveis, e de um patriotismo sadio, pelo conhecimento do folklore nacional, da lingua do paiz através da nossa literatura e das letras portuguezas, da historia do Brasil, da geographia patria; e pelo robustecimento das emoções cívicas (bandeira nacional e hymnos patrióticos, festas cívicas, culto dos grandes homens, et costera). A este respeito convem considerar o re levantíssimo serviço que Olavo Bilac está prestando com o curso da boa imprensa, e o muito que delles esperam os verdadeiros patriotas.

A Liga de Defesa Nacional está destinada a realizar um papel muito nobre, pela estimulação das nossas energias cívicas e, além disso, por esmerar e fortalecer o sentimento nacional, sem o que o Brasil jamais cumprirá um destino grandioso.

#### § 2.º REQUISITOS NECESSARIOS A QUEM SE PROPÕE AO TRABALHO EDUCATIVO. — HABILITAÇÃO TECHNICA DO PROFESSOR.

No sentido restricto, educação é o trabalho feito pelo agente — o educador —, sobre o sujeito — o educando —, para o fim de obter um determinado resultado, por meio de um ensino qualquer — o objecto da educação —. Nesta accepção limitada há necessidade de distinguir *educação* de *adestramento* e de *criação*.

O trabalho escolar existe desde muitas centenas de annos e por todas as partes do mundo, mas a relevancia do seu papel educativo só foi justamente apreciada durante os ultimos tempos, nos quaes importa exhiba o professor, agente que é da educação, bastantes dotes outr'ora nem conjecturados.

Em tempos remotos, em Athenas, chamava-se *pedagogo* o escravo que conduzia creanças á escola. E como, por certo, o guia e companheiro nas idas e vindas ensinava mais e melhor do que o proprio encarregado disso, passaram a appellidar de *pedagogo* o professor, e não mais o escravo.

Em Roma reconheceu-se que ao ensinante devia caber uma certa superioridade sobre o educando, donde a palavra *magister* — *mestre* (de *magis* mais e *ter*, tres): o *magister* tinha de saber, no minimo, tres vezes mais do que o alumno.

Do mestre-escola, cuja figura tem sido assás ridicularizada nos dias que correm, e que era o terror da meninice dos nossos maiores, poucos requisitos exigiam-se e esses mesmos mais apparentes do que reaes; é assim que o antigo mestre-escola, sobre ser grave, austero, devia conhecer *grammatica*, saber *calligraphia*, sem falar já na solennidade do traje e no rigor das normas disciplinares...

A tendencia é hoje para se requerer do educador uma série de predicados moraes, physicos e intellectuaes dotando-o de uma autoridade calcada em bases muito superiores as que, d'antes, os costumes preserviam.

Quanto á conducta, o mestre deve ser encarado como o natural modelo de óptimo character, apresentado quotidianamente á imitação dos alumnos; sua influencia moral deve derramar-se dentro e fóra da escola, espalhando-se pelo meio social onde viver.

Physicamente ha a notar a conveniencia de um organismo robusto e sadio, de um todo agradável, de um metal de voz *sympathico*. O desleixo no vestuario, por exemplo, será banido entre os membros da classe professoral. Defeitos existem que incompatibilizam mesmo o exercicio do magisterio, taes como a falta de um braço, da mão, et costera. O capitulo referente a molestias do professor é importante e até faz parte do serviço das inspecções medicas nas escolas.

Sob o ponto de vista da formação mental, para que os professores consigam resultados positivos no trabalho escolar, necessario é que apresentem varias qualidades constitutivas, por assim dizer, da sua habilitação technica, da sua competencia professional. Reclamam-se do mestre conhecimentos que o habilitem a desempenhar uma tarefa cuja execução deve satisfazer ás quatro seguintes interrogações: QUE ENSINAR? A QUEM? COMO? PARA QUE ENSINAR?

1.ª pergunta — QUE ENSINAR? Quanto ás materias a explicar, desde logo se verifica a obrigação, para o professor, de conhecer mais do que regularmente os programmas das cadeiras das Escolas Normaes, visto como de tal apprendizado tirará as

noções a transmitir aos discipulos, conforme o exigirem as ordenanças governamentais.

Ainda quanto ás materias a lecionar, convem pôr em destaque o papel de duss dellas cujo conhecimento faz-se preciso seja bastante solido, attendendo-se ao cunho nacional característico do ensino primario, e são a Historia Patria e a Geographia do Paiz. Estas disciplinas, bem consideradas, não só augmentam a cultura civica do professor, como tambem contribuem para fazer da Patria o centro de interesse em tôrno do qual todo o curso elemental será dado, formando, de tal arte, o civismo dos alumnos.

2.ª pergunta — A QUEM ENSINAR? Se encarmos o elemento a ser modelado, relativamente pois aos sujeitos da educação, verdadeiros organismos reagentes sobre os quaes vai o educador exercer a sua influencia, claro está que o professor é obrigado absolutamente a conhecê-lo, não só sob os pontos de vista anatomico e physiologico, mas ainda anthropologica e psychologicamente. E' a este conhecimento completo do corpo e da alma infantil que se dá o nome de *pedologia*, palavra proposta em 1892 pelo pedagogista e psychologo norte-americano O. Chrisman. A pedologia, porisso, como parte que é da pedagogia, torna-se indispensavel para o êxito da função educativa.

5.ª pergunta — COMO ENSINAR? Outro capitulo da pedagogia que se não dispensa ao professor é o da *methodologia*, que lhe fornecerá os meios adequados á boa transmissão, para os cérebros receptores, das noções exigidas pelas necessidades sociaes de que o programma escolar é apenas um reflexo. A *methodologia* é um ramo tão util da sciencia da educação que, em todas as Escolas Normaes, devia haver cadeiras privativas dessa disciplina, regidas por cathedricos dedicados e investigadores que a estudos abundantes, reunissem os proveitos de uma longa pratica. E' a *methodologia* um dos ensinios mais valiosos para a carreira do magisterio e deve constituir uma das grandes preocupações do professor, durante toda a vida escolar.

4.ª pergunta — PARA QUE ENSINAR? Por ultimo, carece o mestre de adquirir uma boa orientação philosophica, de valia inestimavel, pelo convivio entre pessoas sensatas, experientes e cultas; pela leitura meditada de livros classicos em materia educativa e em outras; pela reflexão constante a respeito dos graves problemas que preocupam as classes estudiosas e acerca dos fins da educação não só tomada esta no seu sentido mais amplo, por synonyma de civilização, assim como na accepção restricta significando trabalho escolar propriamente dito.

Tal orientação servirá não só para que elle, o mestre, dirija de modo mais perfeito os encargos a se executarem, mas ainda lhe trará, ao lado de certa calma na vida, novo entendimento do valor da propria obra, dignificando-a e concorrendo, afinal, para a melhoria desta e para a elevação do executor della.

Este espirito philosophico é relativamente facil de conseguir e, pelo que temos observado, os cathedricos em geral lhe não ligam a importancia merecida, o que de modo evidente não está certo, pois nos bancos escolares é que o alumno-mestre deverá ser iniciado em observações e meditações tendentes a lhe produzirem a almejada superioridade mental, a intelligencia emancipada, bem diversa, já se vê, do mero repetimento de alheias palavras, indicio claro o seguro de erudição que não de sabedoria.

( Continúa )

# PEDAGOGIA PRÁTICA

## PREPARO DE LIÇÕES

É engano supôr que sómente o emprego de bons methodos e processos de ensino já seja uma abonação do aproveitamento franco de uma classe. Methodo é apenas a ordem mechanica, a disposição systematica de que o espirito se vale para facilitar a gestação de seus raciocínios, o encadeamento de suas idéas. Por sua propria natureza, é um instrumento inteiramente passivo. E os instrumentos por mais aperfeiçoados que sejam, não dispensam a habilidade das mãos e a direcção de uma intelligencia creadora. A mesma ferramenta que serviu para Miguel Angelo arrancar de um bloco bruto de marmore o seu glorioso Moysés, certamente, em outras mãos, não produziria essa maravilhosa obra de arte.

Facto identico tambem se verifica no dominio da pedagogia. Assim o asseveram Parisot e Martin, dizendo: « De ce qu'un educateur, en suivant une methode déterminée, est arrivé à d'heureux resultats, on ne pas conclure qu'un autre educateur, en employant la même methode reussira aussi heureusement. L'art de l'education ne deviendra jamais affaire de pure-science et quand bien même on arriverait à enoncer toutes les règles qui doivent la diriger, quand bien même la pedagogie aurait acquis une certitude mathématique, il resterait encore une partie très grande à l'initiative creatrice de l'educateur. Le moule serait à la disposition de tous, mais les artistes, suivant leur plus au moins grande habilité creeraient une chef-d'oeuvre ou une objet horrible. » (1)

O conhecido pedagogo americano Emerson E. White abunda em opiniões semelhantes: « Tudo o que se disse a respeito de methodos e principios de ensino presuppõe a presença de um professor habil e preparado. A method is but an orderly mechanism; its efficiency depends on what the teacher puts into it, and a teacher never puts into a method what he does not possess. Em ultima analyse, o elemento vital do ensino é

1) « Les Postulats de la Pedagogie », Parisot et Martin, pag. 5.

o professor. Elle é a alma de seus methodos e processos; se fôr fraco, tambem o serão estes; se, potente, tambem o serão elles. » (2)

Pestalozzi é o exemplo mais frisante do valor inapreciavel que os dotes do mestre têm no ensino. Elle proprio confessava « que prosegua no ensino sem saber o que fazia, guiado sómente por um sentimento obscuro, mas energico. » Todavia, apesar de sua falta de methodo, foi elle um dos mais abalisados e conspicios fundadores da pedagogia moderna.

Não quero com isto dar a entender que se pôde fazer alguma cousa prestavel sem ordem. Longe de mim tal absurdo. O meu intuito foi apenas pôr em relêvo forte o mérito capital da individualidade do mestre, cuja influencia decisiva resolve o destino de sua classe. Comtado, não se pôde deixar de reconhecer e apreciar a valia dos bons methodos. « Ce qu'il faut avant tout se rappeler, c'est que, comme le disait Descartes, le principal n'est d'avoir l'esprit bon, mais de l'appliquer bien. Mieux vaudrait en un sens une mauvaise methode, une ordre quelconque, que pas de methode du tout. » (3)

Tambem seria illusão crêr que seguir a risca os tratados de sciencia e os compendios escolares, entregal-os aos alumnos para que os estudem ou phonographal-os mechanicamente em lingua-gem apagada, sem assômos de vida, em palavriado murcho e péco em que não vibra o calor transmittido por alma expansiva e entusiasta, bastassem para instruir a intelligencia das creanças. Para essas cabecinhas louras os hieróglifos dos livros sómente têm significação, quando se encarnam no verbo vivo e vehemente de um mestre artista e inspirado. Sob o seu influxo creador surgem das paginas mudas e incolores formosas paisagens reclinadas mollemente no regaço das collinas ensoladas ou occultas no seio umbroso dos valles; apparecem as arvores vergadas ao peso dos fructos sazonados, os jardins enfiorecidos onde zumbem os enxames de ouro; vivificam-se as cousas inanimadas sob uma feição sympathica e familiar; estabelece-se uma corrente de affectividade que humanisa os animaes, envolvendo-os num ambiente de carinho. O systema de limitar as lições ao que dizem os livros, suprime a espontaneidade, o cuinho pessoal e a iniciativa de quem ensina. O habito de se servir do trabalho alheio; a commodidade de se encontrar já prompto o material das lições, independente de exame, de se-

2) « Elements of Podagogy », White, pag. 210.

3) « Psychologie appliquée à l'Education », 2.<sup>a</sup> partie Compayré, pag. 102.

lecção; a negligencia de adaptar e melhorar a substancia, ou escolher ao menos o que é bom, atrophiam a actividade e impellem para uma rotina desoladora.

Não se cuide, finalmente, que a cultura geral e profissional que o professor traz das Escolas Normaes, aliada á experiencia pedagogica que elle vai logrando dia a dia, garante o exito completo do seu ensino. Esse preparo, não ha negar, é o seu principal instrumento de trabalho, é a espinha dorsal do seu espirito. Por isso mesmo, deve ser sempre aperfeçoado cuidadosamente para que se descortinem os horizontes de suas idéas, e o seu pensamento deflúa bem norteado na corrente caudalosa da vida mental do mundo. As sciencias e as artes não estacionam. Progridem sem cessar com inventos e contribuições novas. A's vezes, são de tal relevancia que revolucionam as noções até então estabelecidas, imprimindo-lhes orientação diversa. O professor que não tiver boa cultura, e sobretudo solido conhecimento profissional, é um como passaro sem asas ou machina a vapor sem agua. Farta razão tem Brouard e Defodon quando affirmam: «D'ailleurs l'education professionnelle n'est point seulement une phase passagère de notre existence. Pour nos maitres et maitresses d'école elle est oeuvre de toute la vie. Je connais des vieux maitres, des plus intelligents et des plus dévoués qui cherchent toujours, qui sont sans cesse aux écoutes, qui avouent sans vergogne qu'ils apprenent chaque jour quelque chose de nouveau et de meilleur, qui redoutent de s'endormir dans des érements immuables, c'est-à-dire dans une routine une fois adoptée.» (4)

Como vamos vér, não são propriamente a cultura, a experiencia, os bons metodos e processos, os compendios escolares valiosos, a fiscalização energica que promovem a efficacia de um ensinamento qualquer. O que torna o ensino realmente proveitoso, o segredo desses mestres admiraveis que, como Pestalozzi, Fröebel, Montessori, operam cousas prodigiosas nas suas classes, são o esforço constante, o preparo diario das lições que devem ser ensinadas. Comprehende-se de prompto o alcance de tal habito. Por mais sabio e experimentado que seja o educador, a sua memoria nem sempre poderá fornecer-lhe todas as noções necessarias de um modo preciso, nitido e vigoroso, como revendo-as e estudando-as á medida que as fôr ensinando. De mais a mais, será difficil ao professor apromptar de momento o que vai ensinar e attender ao mesmo tempo uma observação aqui, uma correccão alli, uma pergunta acolá, uma indisciplina

além, ter olhos e ouvidos, emfim, para os mil incidentes que animam e variam de instante para instante a sua classe.

As vantagens pedagogicas do preparo prévio das lições que vão ser ensinadas são numerosas. O professor, que prepara conscienciosamente suas lições, terá mais facilidade, mais firmeza e mais precisão no ensino. A sua palavra brotará amena e espontanea, como a limpha de uma fonte, revestindo idéas sans, expondo noções escolhidas e uteis. A sua convicção ha de inspirar confiança aos alumnos.

Essa confiança não é um sentimento simples; é mescla de admiração e respeito, principalmente de admiração que dá um certo prestigio a pessoa do professor. E' nesse prestigio que se baseia, em parte, a sua auctoridade.

As lições bem preparadas são ensinadas com segurança, ordem e clareza; são illustradas por factos interessantes, emolduradas em experiencias attractivas. A sua simplicidade proposital fala directamente á intelligencia da creança, sacode-lhe o espirito, aviva-lhe o interesse e desperta-lhe a attenção.

A creança é curiosa, é avida de novidades. O desconhecido tortura-a. As lições bem preparadas são um engodo para a sua curiosidade, porque são lardeadas de cousas novas, deixando, o que mais é, entrevêr ainda outras maravilhas, como fazia aquella Shahrzad das «Mil e Uma Noites Arabes» para despertar a curiosidade do sultão.

Da facilidade com que vai aprendendo e da ancia de conhecer cousas novas, nasce o estimulo. Este sentimento é o verdadeiro acicate do espirito. O educando assim instigado não mede sacrificios para se adeantar, não recua deante das maiores difficuldades, não esmorece com um insuccesso e triumpho mesmo quando cáe derrotado. O estimulo espontaneo e perseverante redunda em emulação consigo mesmo. Cada obstaculo vencido é incentivo para vencer outro de mais vulto. E o esforço necessario para avassalal-os é um motivo de orgulho que eleva a creança aos seus olhos, educa-lhe a vontade e tempera-lhe o caracter.

O professor que prepara suas lições vai para a escola com um plano nitido e detalhado do que fazer. Não perde tempo em preparar os exercicios de linguagem, de calculo, de desenho, etc.; não se embaraça com a ordem, com a exposição e com o assumpto das lições. Todo o seu tempo é consagrado religiosamente em proveito dos alumnos. Póde attender á disciplina sem prejudicar o funcionamento da classe. De tal maneira decorrem as aulas, que se assemelham ao mecanismo de um relógio, ao qual é bastante dar-lhe corda para trabalhar e regular perfeitamente.

4) «Questions de Pedagogie», Brouard et Defodon, pag. 39.



Convém lembrar sempre que ensinar é escolher. Neste particular o estomago e a intelligencia da creança muito se parecem. O regimen da alimentação infantil deve constituir-se de alimentos especiaes, escolhidos pelas suas qualidades altamente nutritivas e de facil digestão. As substancias muito fortes em vez de nutrirem e desenvolverem, irritam e atrofiam o tubo digestivo. A consequencia é sempre funesta: sobrevém a gastro-enterite e a creança difficilmente escapa á morte. A mortalidade infantil é enorme em todas as partes do mundo; e a causa-mortis, numa porcentagem assustadora, é a gastro-enterite originada por alimentação impropria. Assim como não se póde dar á creança qualquer cousa para comer, tambem não se póde ensinar-l-a ao sabor da nossa phantasia.

A intelligencia embota-se, a actividade do espirito amortece, quando os conhecimentos transmittidos são além do alcance da creança. A fadiga e o desanimo relaxam as energias. A gastro-enterite da intelligencia é o atrophiamiento. Evita-se tal desastre escolhendo o assumpto da lição quanto: 1.º ao desenvolvimento do educando; 2.º á sua utilidade physica, intellectual e moral; 3.º á sequencia das lições, afim de haver uma ligação logica entre uma lição nova e as anteriores; 4.º á gradação das difficuldades de modo a observarem-se os principios fundamentaes do ensino. Um exercicio escolar qualquer tem de visar um fim util preestabelecido e por isso mesmo será prejudicial escolhel-o ao acaso pela inspiração do momento. Tomar em consideração todos esses requisitos indispensaveis, só é possível por meio de um preparo sério e continuado das lições diarias.

O ensino primario, hoje em dia, corre quasi todo por conta do methodo inductivo que recebe varias denominações consoante as modalidades que assume. Assim se chama: analytico, objectivo, intuitivo, inventivo e de decomposição. Os rudimentos de todas as sciencias são ensinados coheretamente por esse methodo, observando-se ao pé da letra os principios fundamentaes do ensino formulados por Spencer. Todos os phenomenos, todos os factos devem ser simplificados, devem ser visualizados em imagens comprehensivas e attrahentes. A lição tem de solicitar a intelligencia embryonaria da creança por meio de sua simplicidade, graça e interesse. Os tres reinos da natureza, os factos da vida social e politica, os productos industriaes e estheticos da actividade humana força é que se apresentem em fórma de palestras interessantes, despidas de complicações technicas, e suavizadas as suas difficuldades. Tomam essas palestras geralmente o nome de lição de cousas. É a lição que exige mais preparo e mais cuidado. Além de todas as condições es-

tabelecidas na escolha do assumpto, ainda é de rigor levar para a classe a imagem ou o exemplar do objecto, do animal ou do vegetal a serem ensinados. Apresentam a melhor oportunidade para familiarizar as creanças com as particularidades curiosissimas da vida dos animaes e dos vegetaes de outros climas; tambem ha ensejo para experiencias divertidas sobre os phenomenos e leis da natureza, como formação de um arco-iris, imagem numa camara escura, equilibrio dos liquidos, pressão atmospherica, dilatação dos corpos, resonancias, magnetismo e electricidade. As particularidades da vida animal e vegetal e taes experiencias demandam um preparo especial, solícito e vagaroso.

De todas essas vantagens pedagogicas, já analysadas, do preparo diario das lições surge a disciplina que é o alicerce do ensino. Classe disciplinada, não é a classe silenciosa e immovele pelo temor dos castigos; mas é aquella em que os alumnos atentos e operosos collaboram activamente no seu proprio desenvolvimento, debaixo de ordem e respeito. O professor que sabe inspirar confluência e amor aos seus alumnos, interessal-os nos estudos, distribuir bem e regularizar os trabalhos escolares, conseguirá aquella disciplina espontanea e liberal de que fala Montessori e cujo segredo é em parte desvendado pelo preparo das lições.

Ora, em face de tanta utilidade, vale a pena o professor aproveitar algum tempo dos seus lazeres em casa para preparar-se convenientemente.

Com certeza, muitos professores que me lêem estas considerações hão de pensar consigo: « Não ha duvida, é um excelente processo, um meio magnifico de se melhorar o ensino. Mas... será um augmento de trabalho, mais uma canceira, mais um encargo espinhoso que vêm complicar a nossa tarefa já de si tão efanosa. Para que estafar-me com um labor tão mal remunerado, tão mal comprehendido em nosso meio? Esse tempo que hei de gastar em amolar-me com as cousas da escola em casa, empregal-o-ei em affazeres que auxiliem a subsistencia de minha familia. Ninguem me agradecerá o esforço que eu fizer. O Governo não me dará um real a mais, nem obterei melhor collocação em recompensa pelo meu zelo, neste regimen de politicagem e proteccionismo. Os proprios collegas hão de me chamar de bôbo. Estas cousas estão muito bem nas revistas e nos joroes pedagogicos, nas paginas dos livros bem encadernados e dourados de modo que façam figura nas prateleiras das estantes. De mais a mais, eu não tenho tempo. »

Realmente o professorado tem sua razão de queixas. É mal remunerado, seus vencimentos estão em desequilibrio com a carestia da vida e com a representação social dispendiosa que é

obrigado a manter; não logra o conceito que devia merecer. Todavia, somos obrigados a encarar o problema sob um outro ponto de vista. Quando o professor entra no exercício de suas funções, obriga-se por um contracto a cumprir os deveres inherentes ao seu cargo. Assume responsabilidades muito sérias para com o governo que o nomeia e representa sua pátria, para com a sociedade, para com os paes de seus alumnos e, mais de perto ainda, para com essas creanças que vão ser os homens de amanhã. O professor pôde, cumprindo seus deveres, esforçar-se mais ou menos. É um puro caso de criterio pessoal que cada um julga no tribunal íntimo de sua consciencia. Ninguém irá admoestral-o porque, desempenhando as suas obrigações, poderia fazer um pouco mais do que fez. Ainda que fosse máu professor, relaxado, preguiçoso, quem se atreveria a sahir-lhe ao encontro e vergastar-lhe o rosto com essas verdades? Sempre é bom lembrar, contudo, que a nossa reputação está empenhada no resultado do nosso magisterio. Esse resultado vai ser julgado por um juiz implacavel, inflexivel nas suas deliberações — a opinião publica. Esse juiz não se engana, não se suborna, não se verga sob pretexto algum. Vox populi, vox Dei, diz a sabedoria popular. O professor é mal pago, é mal considerado, seja tudo quanto a ingratidão social quizer, trabalhe, porém, ao menos em prol da sua dignidade de funcionario publico.

Vejamos, finalmente de que maneira se pôde fazer esse preparo diario das lições a respeito da sua materia e da sua fórma. A materia deve ser considerada pedagogica e psicologicamente. A preparação pedagogica toma a si a escolha do assumpto, dos methodos e processos de apresentação, da sequencia das lições, dos exemplos que devem servir para explical-as, dos exercicios que devem pô-los em pratica. A preparação psicologica versará sobre a adaptação da materia ao desenvolvimento do alumno, solicitude especial com as faculdades menos desenvolvidas, aproveitamento intenso das suas boas tendencias e corrección dos seus máus habitos. Quanto a fórma em preparo pôde ser: 1.º) simplesmente mental, consistindo em um exame de consciencia acompanhado de um estudo conveniente dos topicos que vão ser ensinados; 2.º) esse mesmo preparo, porém registrado em cadernetas proprias para esse fim. Ambos são bons, mas o ultimo é melhor.

A nossa memoria é fraca; perde-se indubitavelmente boa parte do trabalho diario que se faz apenas mentalmente. O professor que prepara por escripto suas lições auferirá grandes beneficios tanto para si, como para seus alumnos. As lições assim preparadas ficam archivadas, pôdem ser revistas a cada passo,

orientam a todo o momento a marcha do ensino, revelam as suas falhas e exaggeros e vão formando com o decorrer do tempo um manancial inexgotavel de pesquisas, de observações, de particularidades de cunho pessoal, sobretudo fica ainda armazenado, para servir em qualquer occasião, grande cópia de exercicios, de problemas, de exemplos e de illustrações que a experiencia amadurecida vai cada vez mais acepillhando, melhorando, aperfeiçoando. Além disso, trabalhando, o mestre recorda o que estudou, aprende novas cousas, continúa sem cansaço a sua educação e o seu aperfeiçoamento.

Jacoulet alarga mais ainda o ambito do jornal de classe. « Nous voudrions surtout qu'il fût le confident du maître et qu'en l'ouvrant on y pût lire sa pensée, ses réflexions, ses doutes, ses défaillances et jusqu'à ses joies et ses espérances; nous voudrions, enfin, qu'à coté des indications se rattachant à la classe, on y trouvât consignés les petits événements du jour, de ceux, bien entendu, que intéressent l'école, les difficultés rencontrées, les déceptions éprouvées, les succès obtenus, l'aveu même de n'avoir pas assez fait et la résolution de mieux faire à l'avenir. » (5)

Sem que se tornasse um pesadello, a caderneta do preparo diario das lições poderia ser obrigatoria, si a sua redacção fosse facultativa. Nesse caso, cada qual a redigia conforme suas aptidões e o seu vagar. Seria escravisar o professor, obrigar-o a escriptural-a por um modelo determinado. Tal caderneta ha de ser do uso pessoal do professor e em hypothese alguma deve assumir o papel revoltante de fiscal do seu ensino.

Sei de alguns grupos escolares em que actualmente são usadas as cadernetas para o registro diario das lições dadas. Esse registro, quasi sempre, é feito em aula nos momentos roubados ao horario. Tal systema é condemnavel em absoluto. Que valor pedagogico tem esse registro feito ás pressas, sem discernimento, de má vontade? Para servir de guia ao director e permittir-lhe acompanhar o andamento do ensino? Nesse caso, qual é então a utilidade dos programmas, dos exames e das sabbatinas? É preferivel não registrar cousa nenhuma, pois o que encarece o valor desse registro é exclusivamente o preparo antecipado da materia registrada.

Examinemos esse preparo quanto a sua fórma. Segundo o Tratado de Methodologia de Achille V. A. ha quatro modos diferentes de preparar lições. 1.º) A preparação summaria que

5) « Dictionnaire Pédagogique », F. Buisson, pag. 911, art. « Journal de Classe ».

consiste em um esboço geral indicando a invenção, a disposição e resumidamente o modo de exposição; 2.º) A exposição sucinta e bem ordenada da matéria da lição ou a substância das respostas que os alumnos devem dar; 3.º) Um questionario catechético ou interrogativo abrangendo todos os pontos da matéria; 4.º) A preparação in-extenso com as perguntas e respostas e as completas. Este ultimo modo resume os tres precedentes e os completa. Todos elles são bons, porém o primeiro é preferivel porque facilita o trabalho do professor e ao mesmo tempo preenche bem o fim a que se destina. (6)

Damos em seguida, como exemplo, o preparo das lições feito o anno passado, de accôrdo com o horario de sabbado no 2.º anno.

Haverá defeitos, lacunas ou qualquer outro senão que a nossa pouca experiencia tenha commettido; mas o leitor benevolo nól-os perdoará e procurará corrigil-os como melhor lhe parecer.

*Maio 15, sabbado (1915).*

**Leitura** Leitura expressiva de lição « A experiencia ». Luctar contra o tom de voz monotono, sem expressão, ás vezes, declamativa que costumam usar em sua leitura, os alumnos.

**Arithmetica** O metro e seus submultiplos. Explicação concreta dos termos deci, centi e milli. Medição de pequenas dimensões e exprimi-las em decímetros, centímetros e millímetros. Contar de 2 em 2, de 5 em 3, de 4 em 4 etc., decímetros, centímetros e millímetros. Saber quantos decímetros tem 2, 3, 4 e 8 metros. A metade de um metro quantos decímetros são? quantos centímetros? a quarta parte? a quinta parte? Um decimetro quantos centímetros, quantos millímetros tem? 2, 3, 4, 5, 6 decímetros quantos centímetros, quantos millímetros têm? Um decimetro de fita custa 3 tostões, quanto custam 2, 3, 4 e 5 decímetros? Si um metro de fita custa 40 tostões, quanto custam 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9 decímetros? 4 centímetros repetidos 5 vezes quantos decímetros são? Em 2 metros quantos decímetros ha? em metro e meio?

**Historia** Palestrar com os alumnos sobre o estabelecimento do governo geral do Brasil e motivos que induziram D. João III a dar esse passo. Pôr em relêvo os vultos

6) « *Traité de Methodologie* », Achille V. A., pag. 123.

historicos dos tres primeiros governadores por meio dos factos capitães de seus governos. Desdobrar a lição em contos interessantes sobre a fundação da cidade do Salvador, com o concurso de Caramurú e seus indios; lucta entre os colonos e jesuitas por causa da liberdade dos selvicolas; papel do jesuita, representado por Anchieta, nos factos sociaes; estabelecimento dos francezes no Rio de Janeiro e sua expulsão; fundação da cidade do Rio de Janeiro etc. Illustrar a palestra e os contos com mappas historicos. Haverá o maximo escrupulo em simplificar o assumpto e concretisal-o para que se torne assimilavel.

**Hygiene** O alcoolismo e suas consequencias. Seguir a orientação do « *First book in hygiene* », by Krohn. Descrição das bebidas em que entra o alcool — bebidas fermentadas e distilladas. Mostrar que o alcool é um veneno e intoxica todos os orgams. Carregar nas côrca das miserias physicas e moraes acarretadas por elle. Illustrar a lição com gravuras representando bebados em estado tristissimo de desequilibrio. Referir a resolução dos governos da França e da Inglaterra que abriram lucta sem tréguas contra esse inimigo feroz da humanidade.

**Linguagem escripta** Passar a limpo o trabalho de linguagem escripta feito na aula precedente. Chamar a attenção dos alumnos para os erros mais vulgares, como a falta de pontuação, letras minusculas em começo de sentenças. « Cuscuz » de idéas em uma só sentença.

**Leitura supplementar** Leitura explicada da lição « A ema ». Descrição da gravura Contos e assumpto da lição. Explicação dos termos: guarda, cidra, pernalta, Africa, queimada, bumidece, arredóres. Reprodução do paragrapho e da lição total. Formação de sentenças com as palavras explicadas. Familia da palavra « passaro » formada com o concurso dos alumnos. Aves pernaltas: seus principaes representantes, costumes etc. Imagens dessas aves, quando os alumnos não as conhecerem. Palestrar ligeiramente com os meninos sobre a queimada; mostrar os seus inconvenientes e o meio de attenuar esse barbaro costume. Mostrar num mappa-mundi a Africa e contar que é habitada pela raça negra. A lição pôde ser explicada em tres ou quatro aulas.

Estudo de Parker, estudo do numero 50; organizar pequenas questões, formular problemas sobre os factos desse numero. Dar dois numeros, tres, quatro que somados sejam iguaes a 50. 50 menos 42, 9, 8, 7, 6 é igual a quanto? Quantos 2, 3, 5, 6, 10 ha em 30? Contar de 2 em 2, de 5 em 3, de 6 em 6, de 10 em 10. Diminuir a partir de 30, de 2 em 2, de 3 em 3, de 5 em 5 etc.  $1/2$   $1/4$   $1/5$   $1/6$  de 30 igual a quanto?

$1/6$  de 50 igual a quanto?  
 5,8 mais quanto igual a 30?  
 2,9 > > > > ?  
 7,4 > > > > 30?  
 4,9 menos > > > > ?

Modelagem Um moringue.

Itapira.

J. OLIVEIRA CAMARGO.

## TRABALHOS MANUAES

É esta, tambem, uma disciplina de real utilidade e com grande acerto incluída nos programmas de ensino primario. Infelizmente, porém, está ella sendo ministrada ao bel praser de muitos professores, isto é, sem obediencia alguma a methodos, o que equivale afirmar-se que o resultado tem sido completamente nullo até o presente. E, no entanto, com o ensino dessa materia se conseguem resultados extraordinarios quanto ás culturas da habilidade, attenção e gosto artistico, factores primordiales para o exito de qualquer empreendimento. O auxilio que para tal fim presta é inegavel; tanto assim que em grupos onde a mesma é ensinada com o devido criterio e methodo os resultados o confirmam.

Pena é, portanto, que todos os dirigentes de estabelecimentos de ensino não cuidem com mais carinho dessa importante parte do programma, chegando mesmo alguns a abandonarem por completo tal ensino, contra determinações superiores, allegando quasi sempre a falta de meios ou a nenhuma utilidade. Ora isso é um absurdo, pois, como se poderá aquilatar do seu valor si não applica com o devido criterio o respectivo methodo? Assim será mistér, para que os resultados se não demorem, sejam determinados os respectivos processos de ensino com reflexão, estudando-se de antemão as medidas que, para tal fim, devam ser applicadas. *Os trabalhos que forem determinados deverão ser, por isso, de accordo com a capacidade dos alumnos, isto é, na ordem crescente do gráo de adiantamento.*

E é devido justamente em pensarem muitos o contrario que se verificam esses constantes fracassos que trazem o desanimo ao espirito de muitos professores, quanto aos resultados que poderiam obter. Para corroborar nossa affirmacão não será de todo máo transportar para estas columnas dois interessantissimos casos que bem demonstram essa asserção.

Não ha muito, em certo estabelecimento de ensino de uma cidade do interior, fôra determinado pelo director que se iniciasse em todas as classes, inclusive primeiros annos, a confecção de chapéus e bolsas de palhas de milho para serem usados numa festa escolar campestre que se realisaria dahi a 2 meses, se tanto.

A ideia, não a contestamos, não foi de todo má; mas a determinação não foi acertada, pois, raciocinando-se, ver-se-á que alumnos dos primeiros annos e, mesmo dos segundos, d'um momento para outro, sem as noções preliminares, e *num curto prazo fixado*, não podem de forma alguma já manufacturar chapéus e bolsas... Pois bem, o resultado foi o que era mesmo de se esperar: os professores notando ser impossível o cumprimento daquelle determinação, além de trabalharem abnegadamente, tiveram de pagar a pessoas estranhas a manufactura dos referidos objectos, para não faltarem do comprimento da mesma. Tal ideia, no entanto, poderia ser magnificamente aproveitada se a manufactura de semelhantes objectos fosse determinada com mais criterio, *nunca porém, com prazo fixado*, pois, sempre, é preferível a qualidade á quantidade. O caso mais interessante, porém, não é esse; é o que em seguida será encontrado. Como sabemos quasi todo mal é contagioso e para que elle se não alastre será necessario que se procure cortar-o pela raiz, como vulgarmente se diz. E é justamente por isso que, ousadamente, nos abalançamos de nosso esconderijo certo de que prestaremos, ao menos, um pequeno serviço á nobre causa da instrucção preliminar... Toda a ideia avestada com nobres intuitos e posta em pratica, mesmo sem reflexão, devido a circumstancias do momento, merece sempre elogios; mas os não pode merecer quem a procura imitar depois de verificados os erros. E é de semelhante facto que iremos tratar.

Em um outro estabelecimento de ensino, o respectivo director, tendo observado o effeito que causaram os chapéus e bolsas, (á vista, naturalmente) depois de promptos, sem contudo verificar si os mesmos traziam resultado ao ensino da maneira por que foram feitos, logo que assumio as funções do cargo ordenou, tambem, que em todas as classes fossem confeccionados com urgencia os taes chapéus e bolsas, os quaes deveriam ficar promptos para uma festa escolar que se effectuaria dali a um mêz apenas!... E tal absurdo, que não é outra coisa sião a imitação do 1.º caso, foi tambem cumprido... E sabem como? De um modo mais interessante um pouco... Os pobres professores, não podendo encontrar na localidade quem os auxiliasse na confecção, tiveram de aprender e trabalhar dia e noite, devido á exiguidade do prazo, tendo adoecido alguns para não faltarem á exigencia! Por esses e outros factos que se verificam poder-se-á fazer uma ideia de como estão sendo cumpridos as determinações dos poderes competentes.

Antes de ser imitada qualquer ideia deve-se, mormente em se tratando de assumpto tão delicado qual seja o do ensino in-

fantil, que é o alicerce onde se assenta o futuro de nossa Patria. encaral-a sob todos os pontos de vista; e, uma vez constatado o seu valor, estudar os meios que devam ser applicados para a sua fiel execução em proveito do ensino. Diz um velho adagio que nem sempre as cousas que fazem bem á vista o fazem ao coração, tambem.

E está isso mais que provado com os dois casos narrados.

Tratemos, pois, de idéas que tragam, não proveito tão somente á vista, mas sim, tambem, ao ensino e aos cofres publicos; — o ideal será, pois reunir o util ao agradável.

Deixemos, por isso, que sejam exhibidas pelos cinemas as costumeiras « fitas », e encaremos com mais attenção o ensino da infancia. Eliminemos de vez as prejudiciaes phantasias para que sejam realçados os serviços daquelles que verdadeiramente trabalham. Encaremos, pois, esse magno problema com elevação de vistas para que possamos evitar o mal e tratemos da erigir sobre um alicerce solido um grandioso monumento a cuja sobra possam abrigar-se futuras gerações.

Dentre os trabalhos manuaes que reaes beneficios possam trazer destacam-se os de tecelagem, dobradura, cartonagem, recorte, modelagem em cêra, barro ou gesso e carpintaria e marcenaria, para a secção masculina; e os de agulha, especialmente os remendos, serzaduras, prega de botões ou colchetes, bordados, confecção de roupas e objectos de uso domestico, para a secção feminina.

*Esses trabalhos, no entanto, devem ser determinados de accôrdo com a capacidade dos alumnos, devendo, portanto, predominar para tal fim o criterio na distribuição e o methodo na execução.* Assim esses trabalhos devem ser distribuidos, mais ou menos da seguinte forma:

#### SECÇÃO MASCULINA

1.º ANNO — Dobradura, tecelagem e modelagem em cêra simples; pequenos trabalhos de agulha taes como; prega de botões, serzaduras e remendos.

2.º ANNO — Desenvolvimento do programma do 1.º anno, cartonagem, etc.

3.º ANNO — Carpintaria e marcenaria: — confecção de pequenos objectos facéis e uteis aos alumnos e aos estabelecimentos; continuação de cartonagem, modelagem em cêra etc.

4.º ANNO — Modelagem em barro, gesso ou cêra, etc.

### SECÇÃO FEMININA

1.º ANNO — O mesmo programma da secção masculina com pequeno desenvolvimento dos trabalhos de agulha.

2.º ANNO — Continuação dos trabalhos do 1.º anno, com o acrescimo da confecção de pequenos objectos de uso domestico.

3.º ANNO — Confecção de objectos de uso domestico e de pequenos vestidos, bordados e crochets facéis.

4.º ANNO — Trabalhos variados de agulha, confecção de roupas e objectos de uso domestico a mão e a machina, etc. etc.

Sobre os trabalhos da secção feminina pouco nos resta a dizer. No entanto, não será de todo máo repetirmos que se deve ter o maximo criterio na escolha dos diferentes e variadissimos trabalhos e fazer executal-os com methodo.

Seria, portanto, absurdo si fosse exigido dos alumnos dos primeiros annos bordados a seda confecções de modas em semelhança aos casos ja apontados... Fica, pois, entendido « que primeiro se aprende a segurar a agulha para depois coser, e não « coser » para depois segurar a agulha... »

Quanto aos da secção masculina, dentre os que maiores resultados trazem, destacam-se os de carpintaria, marcenaria e os de modelagem em barro, cêra ou gesso.

Sobre a secção de carpintaria ou marcenaria quasi nada temos a acrescentar de sua utilidade, pois já está por demais comprovada. Em todo o caso mais adiante repisaremos esse ponto, lembrando, apenas, algum auxilio mais que possa prestar ao ensino de outras disciplinas do programma.

E' preciso, porém, que os trabalhos daquella secção sejam iniciados com o conhecimento das principaes madeiras do paiz e o modo de serem trabalhadas; dos aparelhos a serem empregados e o modo de serem utilizados, etc. Depois, então, é que se deverá iniciar a confecção de pequenos objectos facéis e uteis, sempre de accordo com a aptidão dos alumnos.

Assim como os trabalhos de carpintaria e marcenaria, os de modelagem em cêra, barro ou gesso trazem, conforme ficou especificado, resultados extraordinarios não só quanto ás culturas de habilidade, attenção e gosto artistico, como tambem na confecção de objectos auxiliares do ensino das demais disciplinas.

Assim, por exemplo, a secção de modelagem bem installada e com criterio dirigida poderá fornecer muitos objectos para demonstração de lições de desenho, arithmetica, geographia, geometria, e, especialmente, sciencias naturaes e physicas. Tudo quasi, poderá ser manufacturado pelos respectivos alumnos uma vez que o professor acompanhe com o devido cuidado a manufactura dos diferentes trabalhos. Para que se possa, no entanto, chegar a um resultado excellente será preciso que se encare, tambem, com a devida attenção um dos factores primordiales para o exito de tal emprehendimento — a disciplina entre os alumnos. A sala que fôr escolhida para a installação dessa secção deverá ser bastante ampla e se possivel, um pouco isolada das demais, afim de que a disciplina não fique prejudicada com a entrada ou saída de alumnos.

Cada alumno deverá ter a sua pequena mesa de trabalho, separadamente, e que será fixada a uma das paredes por meio de supportes, e tres "palitos" diferentes feitos de madeira resistente de accordo com os modelos 1, 2 e 3.



Desses trabalhos, conforme ja ficou dito poderão encarregar-se os alumnos de secção de carpintaria. Assim quando estiver regularizado o ensino dessa disciplina, os alumnos quando frequentarem o terceiro anno do curso ja poderão preparar tudo quanto necessitarem para a aula de modelagem do anno seguinte.

Depois desses requisitos indispensáveis poder-se-á, então, dar início á aula de modelagem. Claro está, porém, que antes os alumnos demonstrando a utilidade, o modelo de se preparar a massa, o processo de conservação, como devam ser empregados os "palitos" etc. etc.

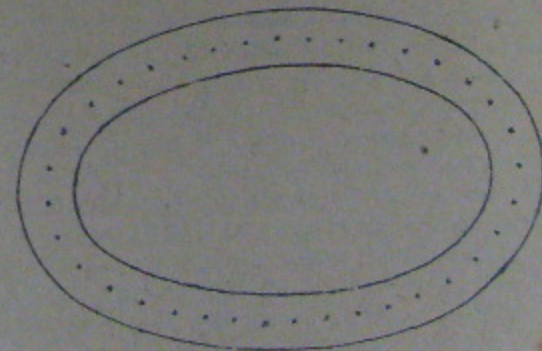
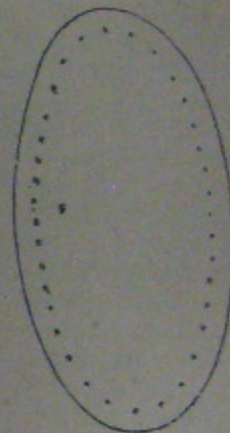
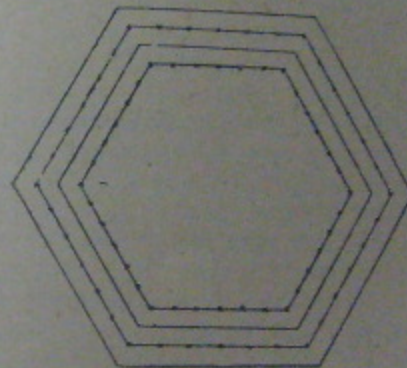
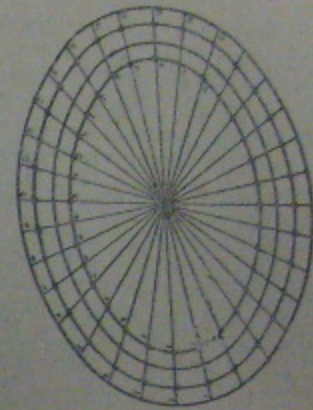
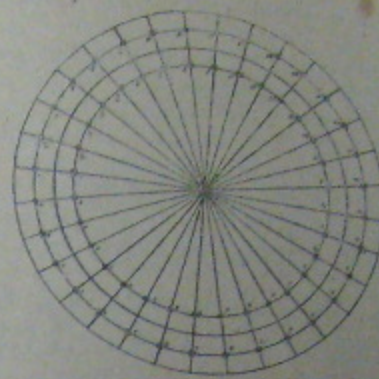
Só depois disso é que se poderá determinar a confecção do primeiro trabalho. Os alumnos, portanto, só deverão ser autorizados a tomar a massa que previamente deverá ser collocada por um dos empregados do estabelecimento nas respectivas mesas, depois que souberem o que irão fazer e o respectivo processo. Para tal fim o professor se collocará em logar onde possa ver e ser visto por todos e, dessa forma, exigindo amiudadamente a atenção, fará a respectiva demonstração pratica. Tendo esse preliminar de início de todo e qualquer trabalho, ordenará que sejam iniciados os trabalhos percorrendo, em seguida, as diferentes mesas para correção dos defeitos que forem notados.

O professor de forma alguma deverá consentir que os seus alumnos deixem os respectivos logares com o objectivo de indagar si o trabalho se acha ou não conforme, o que se verifica quasi sempre, porque ao envés de trazer vantagem virá, fatalmente, em prejuizo da disciplina, e por consequencia do ensino, pois muitos o fazem por méra brincadeira.

Depois de promptos esses trabalhos iniciais com certa perfeição o professor irá, com criterio determinando a confecção de objectos semelhantes e facéis, e assim proseguirá até quando for verificada a capacidade dos alumnos para trabalhos mais difficéis.

Para os alumnos dos primeiros e segundos annos de ambas as secções, poderá ser adoptada a modelagem em cêra. Como a modelagem em barro ou gesso, traz, tambem, resultados esplendidos com a vantagem de poder ser executada nas respectivas classes.

Os alumnos dessas mesmas classes e mesmo os dos terceiros e quartos annos, uma vez que se adopte o respectivo criterio quanto aos objectos que devam ser executados, poderão confeccionar outros bellissimos e originaes trabalhos com palitos, os quaes poderão offerecer margem a outros variadissimos modelos. Tais trabalhos, além de causarem magnifico effeito depois de promptos e exercerem poderosa influencia nas culturas da habilitade, atenção e gosto artistico, auxiliam extraordinariamente o estudo das côres, especialmente as do nosso Pavilhão, com as quaes devem ser de preferencia pintados. Em seguida serão encontrados alguns modelos com os respectivos esclarecimentos para os professores que os queiram adoptar.



Para esses interessantes trabalhos os srs. professores deverão: traçar quatro circunferências ou elipses concentricas, conservando a distancia de uma para outra de 6 ou 7 millimetros, mais ou menos. Dividir, depois, a circunferência ou elipse exterior em um numero de partes iguaes, e em seguida tirar tantos raios quantos forem essas partes. Cortar, a seguir, (contando-se de fora para dentro) a primeira e terceira circunferências ou elipses e collocar, depois, os palitos de cima para baixo, nas duas partes que ficarem destacadas, pelos orificios que serão feitos nos pontos de intersecção dos raios com a segunda e quarta circunferências ou elipses.

Depois de convenientemente collocados e aparados os palitos salientes, pintar os trabalhos com diferentes côres, de preferéncia as do Pavilhão Nacional.

Observando o mesmo processo poderão ser feitos outros interessantes trabalhos, e de diferentes estylos.

Jahú, Dezembro de 1917.

JOSÉ JULIANO NETTO.

## CANTOS ESCOLARES

Uma das disciplinas cujo ensino é feito sem o devido cuidado e, mesmo, sem methodo, é, sem duvida alguma, a do canto escolar. E para que se faça uma ideia a respeito será mais que sufficiente prestar-se attenção a uma aula dessa natureza e ter-se-á, então, a oportunidade de se constatar até que ponto chegou o descuido com que é tratada essa importante parte do ensino primario. Qualquer leigo na materia, que possua, no entanto, bons ouvidos poderá apontar mesmo de longe os graves senões demonstrativos da falta de carinho para com a referida disciplina. Quem passar portanto, pelas proximidades de qualquer estabelecimento de ensino, especialmente de um grupo escolar, terá o triste ensejo não de ouvir um canto, mas um *berreiro* infernal, uma « gritaria » horrorosa que lhe ferirá o aparelho auditivo e lhe fará arrepiar os cabellos. . . E mais ainda poderá observar se tiver a ventura, ou por outra, a desventura de assistir a essa aula junto das respectivas classes. . . Ahí, então, o pessimismo tornar-se-á maior ainda, ao deparar as impagaveis e originaes caretas que são obrigadas a fazer muitos alumnos fracos, com o fim de tentarem acompanhar os demais no medonho berreiro. E essa gravissima falta, até hoje ninguem, creio, se atreveu a corrigir, embora se tenha sciencia de que todo e qualquer esforço violento por parte de orgams delicados é bastante prejudicial, mormente em se tratando de creanças novas e debéis. Estas, muito naturalmente, por obrigação ou vontade propria, desconhecendo os perigos a que se sujeitam, tratam de acompanhar os demais alumnos e, devido ao esforço que fazem ficam com as cordas vocaes offendidas. Cançando-se, depois, não tem outro meio sinão interromper, e ahí começam a bocejar e abrir os braços e a tossir continuamente, apresentando os olhos lacrimejantes. Isso tudo se observa quando o canto é feito em conjuncto e nos respectivos galpões; e essa é a maneira mais acertada, a meu vêr, porque dispensa muitos ensaios e se consegue com facilidade que o compasso e a tonalidade se conservem inalterados, evitando-se, assim, os frequentes fiascos a que ficam sujeitos os que o fazem por outra forma.

Ha grupos escolares em que o canto é effectuado nas respectivas classes, sendo ao mesmo tempo cantados diferentes hy-



nos, em alta tonalidade, e não em sardina como devera ser, não só para evitar maior confusão como para offerecer melhor impressão e trazer algum proveito ao ensino. E' esse um dos maiores erros, imperdoavel mesmo. Tendo-se em mira que a impressão é pessima quando o canto é feito em conjuncto e se observam as faltas já apontadas, pôde-se imaginar a impressão que causará uma aula de canto em um estabelecimento de ensino com 40, 15 ou 20 classes, todas cantando ao mesmo tempo, isoladamente, diferentes hymnos — uma confusão horrivel, indefinivel e intoleravel. . . . E' preciso, pois, que se tenha mais cuidado com o ensino dessa disciplina porquanto *leitor* ou gritar não é cantar; canto é o que nos deleita e nos sensibiliza ou enthusiasma e o que nos eleva ás regiões ethereas; emfim, o que nos attrae e domina e não o que nos fere os ouvidos e nos afugenta.

Isso tudo quanto ficou exposto apenas se refere á musica. Quanto a « *lettra* » nem seria bom fallar. . . São tantos os senões que poder-se-ia affirmar, sem receio de contestação, que o que se observa quando por felicidade se apanha uma phrase ou mesmo um vocabulo — tudo é adulterado. Dentre os innumerables vicios, no entanto, podem ser destacados pela sua capital importancia, entre os novos alumnos — a pronuncia infantil: e entre os demais — o sotaque caipira. Assim por exemplo, ter-se no primeiro caso, com o hymno — Sou brasileiro:

Sou brasileiro Com orgulho digo, Na paz na guerra contra o inimigo.	por	{ Sobasilê e . . . Cognolodio Napl' nagnê contrimínio . . .
---	-----	--

E no segundo caso, tomando-se por exemplo o « Hymno ás arvores », em que mais são notadas aquellas faltas:

Cavemos a terra, plantemos nossa arvore	por	{ Cavemôa terra prantêmo noss' árvee
Que amiga bondosa ella aqui nos será etc.		

Talvez se diga que ha muito exagero da exposição de semelhantes faltas. Para que tal não aconteça, os que assim pensarem poderão por simples experiencia, determinar aos seus alumnos que escrevam a letra dos hymnos que cantam e dessa forma se certificarão da veracidade dos factos apontados; e si quizerem ter maior decepção ainda será o sufficiente pedir aos alumnos a interpretação da mesma, ou tão somente de qualquer vocabulo . . .

De que vale então o cantar ou « gritar », como queiram, si a creança não sabe aquillo que canta e qual o alcance? Qual

o resultado pois, com o ensino dessa disciplina? Nenhum, absolutamente nenhum. E' preciso, pois, que se tenha mais consideração a essa parte do programma de ensino preliminar para esperar. Depois é preciso ter-se em mira que essa materia não foi incluída no respectivo programma com o fito de variar; e sim com o de educar a voz e o ouvido da creança e fazer brotar com o devido enthusiasmo em seus pequeninos corações e suas da natureza, especialmente os assumptos patrios. Infelizmente, da maneira que está sendo feito esse ensino faz-se crer que o resultado, até hoje, tem sido nullo. E porque?

a) Porque não tem havido critério na escolha dos hymnos que se cantam nas escolas;

b) porque muitos professores escolhem hymnos de seu gosto e não os que offerecem maiores vantagens ao ensino;

c) porque ao invés de ensinarem primeiramente a letra, fazendo exercicio de pronuncia e interpretação dos versos para depois ser ensinada a musica os professores incumbidos fazem o ensaio das duas partes, ao mesmo tempo;

d) porque ensinam conjunctamente os alumnos dos primeiros annos com os do segundo, terceiro e quarto annos, quando os primeiros só deveriam conhecer a musica dos hymnos que se cantam por meio de monossyllabos, ao menos durante o primeiro semestre de cada anno lectivo;

e) porque não excluem, por occasião dos ensaios, os alumnos viciados;

f) porque não isolam dos respectivos ensaios, enquanto não conheçam a pronuncia da letra sem vicios e respectiva interpretação, deixando que aprendão tudo de audição, os alumnos que se matriculam em diferentes épocas do anno;

g) porque não são escolhidos professores competentes para o ensino da referida disciplina;

h) e, finalmente, porque os ensaios são feitos separadamente e em exagerada tonalidade.

Pelo exposto se comprova a falta de methodo com que é feito o ensino de canto em grande parte dos estabelecimentos de ensino do Estado, tornando-se mister, pois, que se corrija esse grande mal emquanto é tempo. De ha muito que se nota esse facto, sem que uma pessoa mais competente tratasse do assumpto. O extraordinario amor com que sempre encarei o magno problema da instrucção publica, embora timidamente, me fez com que abandonasse o natural silencio em que sempre me mantive e viesse, confiado na generosidade dos bons companheiros de cruzada apresentar, caso possam ser aproveitadas, as

observações feitas durante uma dezena de annos no magisterio publico preliminar, e assim contribuir com uma insignificante parcella para correção dos muitos defeitos apontados. Assim, pois, tenho certeza que os bons collegas perdoarão essa ousadia de minha parte e as faltas que notarem na exposição do processo que julgo mais acertado para o ensino daquella importante disciplina, e que é o seguinte :

## I

Dêve-se ter o maximo cuidado quanto á escolha dos hymnos a serem ensinados, dando-se preferencia aos de letras e musicas facéis, de accôrdo com a capacidade dos alumnos.

## II

Preferir sempre os hymnos com musicas marciaes para serem cantadas ao inicio das aulas, deixando as canções e hymnos com musica bastante lentas para o fim, ou mesmo para as festas escolares.

## III

Os hymnos officiaes allusivos a festas escolares deverão ser cantados tão sómente por occasião das festas não só para que se não tornem tão commum como tambem para que causem mais enthusiasmo.

## IV

O professor incumbido do ensino dessa disciplina sómente deverá iniciar o ensaio de qualquer hymno depois de se exercitar bastante com a musica; este aviso seria dispensavel mas professores ha que confiando, ás vezes, em seu preparo apprendem e ensinam por occasião do ensaio, quando isso é um grande erro.

## V

Os alumnos dos primeiros annos nunca devem ser ensaiados com os do segundo, terceiro e quarto annos. Aquelles deverão aprender apenas a musica de hymnos facéis, exclusivamente por meio de monosyllabos de pronuncias facéis. O ensino da letra ficará para quando demonstrarem capacidade de comprehensão e o respectivo alcance. Quanto ao emprego dos monosyllabos ficará ao inteiro criterio do respectivo professor podendo, no entanto, ser preferido o monosyllabo formado com a consoante *l* que é o que mais se presta para tal fim.

## VI

A musica só deverá ser ensinada ao alumno do segundo, terceiro e quarto annos, depois de terem os mesmos perfeito conhecimento da letra, isto é, conhecerem a pronuncia, interpretação e alcance. Para esse fim torna-se mister que os demais professores só façam entrega dos seus alumnos ao collegio incumbido do ensaio da musica, depois de rigoroso exercicio sobre aquelles pontos. Só então é que poderá ser iniciado o respectivo ensaio, em conjuncto.

## VII

Para maior facilidade o professor designado para o ensino da referida materia poderá escolher entre os alumnos mais adelantados os que tiverem voz mais afinada e, depois de convenientemente ensaiados aproveitá-los para a transmissão da musica aos demais collegas.

## VIII

Por occasião desse ensaio os demais professores deverão prestar auxilio não só na correção dos vicios que forem observados como, tambem, na manutenção da disciplina, pois, muitos alumnos por mera brincadeira, muito natural na idade, se aproveitam da oportunidade para fazer graçolas, desviando assim a attenção dos demais companheiros.

## IX

Só deverão ser cantados esses hymnos, em conjuncto ou nas respectivas classes depois de perfeitamente sabidos. Será preferivel, conforme já ficou especificado, que a aula de canto seja levado a effeito em conjuncto, nos respectivos galpões e em tonalidade accessivel a todos. Uma vez, porém, que seja isso impossivel pederá, então, ser nas classes, *mas sempre em surdina*.

Eis, portanto, resumidamente, o processo mais acertado para se chegar a um resultado mais satisfatorio, e para que sejam, de vez, evitados os graves defeitos com que se ministra presentemente essa disciplina em grande parte dos estabelecimentos de ensino do Estado, prejudicando assim o bom nome dos mesmos.

Ao transmittir, pois, aos collegas o fructo dessas observações desejo, mais uma vez, tornar patente que jamais me animou a intenção de fazer censuras a este ou aquelle, e sim o faço com o unico escopo de contribuir com um insignificante auxilio para solução desse problema de grande interesse para o ensino. Foi sómente isso.

Jahú, Novembro de 1917.

JOSÉ JULIANO NETTO.

## LITERATURA

### OLAVO BILAC

O mavioso e genial poeta cujos arroubos patrióticos parecem convertel-o no medieval cantor de todas as esperanças e de todos os sonhos da sua donzella bem amada — A Patria — acaba de nos dar, a nós professores, o nosso credo e a nossa sagração.

O mestre paulista, disse-o o inexcedível cantor das glórias Brasileiras, desempenha neste momento da vida nacional mais do que uma elevada missão; elle tem sobre seus hombros a responsabilidade de um sacerdocio. Olavo Bilac pontificou no grande templo que é a Escola Normal de São Paulo.

Para sua oração chamamos a attenção de todos os mestres:

OLAVO BILAC EM S. PAULO. — A  
HOMENAGEM PRESTADA AO GRANDE POETA  
PELA ESCOLA NORMÁL. — OS DISCURSOS.  
— OUTRAS NOTAS.

A Escola Normal rendeu hontem uma vibrante homenagem ao insigne artista da « Via-Lactea ». Foi uma festa encantadora, que não passará tão cedo da memoria dos que tiveram a fortuna de a ella assistir. O programma, executado a rigor, agradou sobremodo, despertando na brilhante assembléa uma viva demonstração de alegria.

O preito se revestiu de um brilho extraordinario. Póde-se mesmo dizer que desde que o grande poeta, acompanhado do sr. dr. Roberto Moreira, do director, secretario e varios membros da Congregação da Escola Normal, entrou no salão do Jardim da Infancia, até ao fim da reunião, a selecta assistencia manteve-se em continuo enthusiasmo.

Empolgaram-na, arrebataram-na a harmonia dos coros executados pelos alumnos do importante estabelecimento, a eloquencia vibrante dos oradores, o calor dos magicos versos de Bilac.

Logo que o sr. Olavo Bilac, cerca das 15 e meia horas, appareceu no amphitheatro, uma calorosa salva de palmas e uma chuva de petalás, lançadas de todos os lados, acolheram o grande poeta.

Pouco depois, tendo tomado assento á mesa os srs. Olavo Bilac, dr. Oscar Thompson, conego Camillo Passalacqua, dr. Roberto Moreira, professor Carlos Gomes Cardim, dr. Carneiro, Leão, dr. Sampaio Dória, e mais professores da Escola Normal, iniciou-se a festa, com o hymno da Proclamação da Republica, cantado em coro pelos alumnos, sob a direcção do maestro João Gomes Junior, distincto professor daquelle estabelecimento de ensino.

Ainda mal se perdia o eco dos applausos dispensados a esse numero do programma e já no ar se elevavam as vozes do coro, entoando a canção brasileira « Minha Terra », da lavra do maestro João Gomes Junior.

Levantou-se, a seguir, a senhorita Lavinia Costa, que leu a seguinte saudação a Olavo Bilac :

### « Grande poeta »

Deante da grandiosidade do vosso talento, da supremacia da vossa poesia, da força magnetizadora da vossa eloquencia, esvai-se o pallido brilho das nossas palavras, escapam as fracas expressões do nosso sentimento, dispersam-se as idéas que um trabalho afanoso procura reunir.

Não podemos deixar de nos sentir confusos deante de um dos maiores principes das letras patrias, e a tibieza dos nossos fracas recursos logo se afirma em todas as nossas manifestações.

Que fazer para patentear-vos toda a nossa alta consideração, todo o nosso grande respeito pelo vosso valor inconcusso, e toda a nossa inmarcescível gratidão pela distincção de vossa gentil visita?

Respondemos a esta prova de requintada cortezia usando do vosso proprio talento, fazendo-nos fortes com a vossa propria força.

Sejamos antes de tudo sublime dedicando á portentosa natureza versos de inspiração divina.

Tambem saibamos ser de um lyrismo arrebatador, cantando, em surdina as estrellas.

Mas, quando queremos falar com saber profundo, com a convicção inabalavel de um philosopho, quando queremos ser de uma austeridade grave, precisa e immutavel, recitamos, com todo o ardor de nossa alma, o « Benedicite ».

Com a lembrança do que somos vem-nos a idéa da mais bella das convenções humanas — a linguagem articulada, per meio da qual dizemos o que sentimos abrindo, ora o coração para segredar uma confidencia, ora o cerebro para dictar uma resolução inabalavel.

E, então, com acrisolado amor exaltamos o meigo idioma. Exaltamos o nosso meigo idioma com versos, primorosamente cinzelados... Alcandoramos o idioma patrio, o idioma da nossa patria amada... dessa patria que a todo o instante temos em mente e que nos faz dizer :

« Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!  
A natureza, aqui, perpetuamente em festa,  
E' um seio de mãe a transbordar carinhos.  
Vê que vida ha no chão! vê que vida ha nos ninhos,  
Que se balançam no ar, entre ramos inquietos!  
Vê que luz, que calor, que multidão de insectos!  
Vê que grande extensão de matas, onde impera  
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!  
Boa terra! jámais negou a quem trabalha  
O pão que mata a fome, o tecto que agasalha... »

Sim, patria querida, queremos render-te o nosso preito de excelsa homenagem recitando, de joelhos, o nosso acto de fé, tão alto como os mais elevados picaros de tuas agrestes montanhas, tão vasto e profundo como o poderoso oceano que acompanha a vastidão de tuas costas.

Grande mestre e incomparavel poeta Olavo Bilac!

Não se revestiu a nossa recepção de um caracter meramente poetico; espalharam-se nesta sala effluvios de verdadeira sciencia. Ora se descobria um majestoso painel em que se galardoava a sabia natureza; ora ouviam-se conceitos de uma philosophia profunda; ora nos deliciavamos com espontaneos hosannas á Patria que nos serviu de berço.

Abusamos de vossa complacencia, como de vosso grande talento, grande mestre, mas sêde ainda, mais uma vez, bom, perdoai-nos.

E para alcançarmos a remissão do nosso peccado tomaremos um formal compromisso.

Já vos batestes ao lado de Patrocínio, com vossa palavra fluente e convincente, com vossa penna affeita aos grandes e sublimes ideaes, pelos direitos e pela egualdade do homem perante a lei. Agora vós vos empenhais numa lucta não menos sublime — a regeneração nacional.

Não começastes nessa salutar campanha atacando com vehemencia os fracos, os incultos, como soe acontecer algures;

iniciastes o vosso valoroso trabalho, verberando com impetuosidade o elemento culto, estigmatizando, com vigor, o seu egoísmo e os seus hábitos.

Depois, grande mestre, investistes, resolutamente, contra o analfabetismo que avassalla o nosso paiz do norte e sul.

E' bella, é portentosa essa cruzada!

Grande poeta! Emprehedestes a campanha regeneradora com a vossa lyra empolgante e com a vossa palavra magica; poia bem, contai, em cada uma de nós, uma centelha de vosso ideal magnanimo; nós todas, inspiradas nas luzes do vosso saber, saberemos cumprir a nossa missão, luctando, sem treguas, contra o analfabetismo, batendo-nos des'arte pela grandeza de nossa estremecida Patria.

Valoroso poeta! orgulho da raça latina, sempiterno luzeiro das letras patrias, recebei as nossas entusiasticas aclamações.

Entremeando a saudação da senhorita Lavinia Costa, as senhoritas Nive de Moraes, Aida Lang, Olga Ortiz da Silva, Jacyra de Macedo e Elvira Pinto recitaram, respectivamente, os versos intitulados « Velhas Arvores », « A serra de esmeraldas », « Sardinia », « Ouvir estrellas », « Benedicite », « A Lingua Portuguesa » e « Patria ».

Inutil é dizer que este numero, organizado pelo professor Gomes Cardim, foi vivamente applaudido.

Olavo Bilac, nessa occasião, beijou uma das mãos da senhorita Lavinia Costa. Então foi um delirio. Palmas entusiasticas acolheram este acto do grande poeta.

Na primeira parte ainda foram executadas pelo côro a barcarola « Vaguemos » e « A voz da mata », do maestro João Gomes Junior.

A segunda parte do programma foi iniciada por Olavo Bilac que leu o patriotico e eloquente discurso, que damos a seguir:

Senhores professores.

Facultando a minha visita a esta Escola Normal, alegrastes o meu coração; o favor do convite veio contentar um dos meus maiores desejos. Sorria-me a felicidade de passar alguns minutos entre vós, nesta casa, que já é sagrada e tradicional, si não pela idade, porque ainda não a nobilitou a pátina da velhice, ao menos pelo fulgor de força e de generosidade, que já a recommendou ao carinho e á gratidão de todo o Brasil.

Deste horto de energias e estudos, tem sahido centenaes de mudas viçosas, que transplantadas do viveiro natal, foram florescer e fructificar nas cidades e povoações que esmaltam a

forte e bella terra de São Paulo; e, honra mais alta para vós, os governos de outros Estados vêm procurar aqui educadores para a sua gente, — tão clara é a fama que rodela esta « alma parens ». Sou avesso ao exaggero dos elogios, como a todas as demasias. Mas quando penso nesta casa, não posso furtar-me a uma inclinação para comparal-a, realçadas as disparidades do tempo e da indole, áquella veneranda Sorbonna, que é ainda seculos, foi o alfobre dos theologos do mundo. Antigamente, os doutores da Sorbonna formavam todos os doutores da cathedra de fé. Aqui, os vossos professores estão formando professores para todo o Brasil; e o vosso cuidado no estudo e no methodo, e o vosso fervor no civismo e na probidade já são modelares e exemplares.

Só vos devo louvores e bençams, portanto, e não conselhos. Mas todos os applausos que vos sejam dados, serão avisos e animações para todos os que se destinam á educação da nossa mocidade.

A vossa profissão e o spectaculo do vosso esforço dão enternecimento, pela sua abnegação, e medo, pela sua responsabilidade. Já disse o que já disseram muitos outros, com outra e melhor forma: « A Escola é o primeiro reducto da defesa nacional; a menor falha do ensino e o menor descuido do professor pôdem comprometter sem remedio a segurança do destino do paiz.

Quando um verdadeiro professor primario sente a completa e clara responsabilidade do seu cargo, a sua alma é invadida de uma analogia extatica, como o arrebatamento do espirito, que nos primeiros tempos da vida monastica, transfigurava o asceta. Na sua cadeira de educador, o mestre recebe a visita de uma deusa: é a Patria que se installa no seu espirito. O professor, quando professa, já não é um homem; a sua individualidade annulla-se: elle é a Patria, visível e palpavel, raciocinando no seu cerebro e falando pela sua bocca. A palavra que elle dá ao discipulo, é como a hostia que, no templo o sacerdote dá ao commungante. E' a eucharistia civica. Na lição ha a transubstanciação do corpo, do sangue e da alma de toda a nacionalidade.

Este é o mais bello dever, e o mais nobre sacrificio do professor: a abdicção de si mesmo. Abdicção, que é conquista e engrandecimento. Porque, depois da investidura, o sacerdote é tudo quando deixa de ser homem: é a Nação.

Diz-lhe a patria, quando lhe dá a honra do sacerdocio: «E' o representante directo da minha força e da minha necessidade. Aqui dentro desappareces: sou eu que em ti appareces

e se afirma. É's a minha pessoa, a minha razão de ser, a minha vontade de viver e de ser forte. Quero viver e ser forte; para isto é necessário que me defendas. Aqui dentro sou senhora absoluta — acima do homem, acima da família, acima do poder paterno, acima da idolatria materna. Bemdicto serás, si te mostrares digno da missão que te confio; serás maldito, si rasgares por incapacidade, ou por desidia, ou por vaidade, o pacto sublime que assignaste commigo! Sustento-te e honro-te, mantenho a tua nutrição, dou á tua existencia conforto e gloria. Em troca disto has de dar-me homens dignos da humanidade, brasileiros dignos do Brasil, cidadãos dignos de mim. Has de dar-me filhos conscientes e disciplinados, e não filhos desnaturados e perfidos. Elevo-te a este caracter divino, para que sejas um creador e não um destruidor, — um gerador de patriotas, e não um formador de anarchistas. Si fizeres o que deves fazer, serás digno de mim e de ti. Si o não fizeres, terás desperdiçado e infamado o teu tempo e o teu salario, terás perdido a tua honra, terás mentido ao teu juramento, terás assaltado e trahido a minha confiança. Aqui dentro, não tens opinião tua, nem interesse teu, nem religião tua: aqui tens apenas a minha opinião sagrada, o meu interesse vital, a minha religião indiscutivel. Lá fóra, no teu lar e na rua, na tua vida domestica e na tua vida politica, podes ter o teu arbitrio, o teu credo, o teu partido; mas, quando aqui entras, quando passas o umbral deste templo és apenas um instrumento passivo da minha acção. E que grande affirmacão de vigor e de brilho é aqui a tua abdicacão! Que maravilhoso orgulho será para ti o estrangulamento da tua vaidade! Lá fóra, como qualquer dos homens, sem a sagração que te dou, serias apenas o filho meu; mas, aqui, és ao mesmo tempo meu filho e meu pae, criatura do meu corpo e da minha alma, e creador da minha grandeza e do meu futuro! Entrego-te a minha vida: é preciso que a fixes em immortalidade!

Esta alta palavra da patria foi ouvida e aceita, nesta casa, pelas almas que aqui estão creando tantas outras almas. A patria reside imamente neste recinto. Recebei, senhores professores, a minha saudação entusiastica e enternecida. E permitte que, em poucas palavras de amor, eu entregue toda a minha alma aos alumnos e ás alumnas desta radiante officina.

Ha dezoito mezes no theatro municipal desta cidade, ouvi, com inolvidavel encantamento, um concerto dos admiraveis corpos coraes da Escola Normal. Houve um momento em que entre dois numeros da festa, tive a honra de dizer alguns dos meus pobres versos, no meio de vós, meus irmãos e minhas irmãs, no palco esplendido em que a vossa mocidade sorria e os vossos sorrisos brilhavam. Desci, entre vós, pelo declive do tablado,

rampa dos corações em flôr, doce vertente em que rios de graça e de esperanza rolavam e sussurravam. . . E descí enlevado, tonto de musicas divinas. As vossas vozes tinham expirado no final de um dos côros. Mas outra harmonia secreta, que só o meu ouvido percebia, rebentava da vossa multidão, levantando o meu espirito num arroubo de vertigem. E este côro era mais doce e mais claro do que os outros que haviéis cantado. Ereis um corpo só, uma alma só, e uma voz unica. O latejar do vosso sangue e a palpitacão do abroilhar dos vossos olhos eram uma symphonia magica; havia naquillo clamores e soluços, vozes humanas e sons de cousas, cachoar de aguas, murmurio de selvas, barulho de cidades, estrelajar de festas, ribombo de tempestades. Toda a nossa vida vibrava em vós, porque ereis toda a nossa terra, toda a nossa historia, o nosso futuro. . .

Agora, entre vós, continua a embalar-me esta musica. Os versos que naquella noite eu vos dizia, eram vozes sabidas de vós; e o que óra vos esou dizendo é um dos accents do grande accorde que em vós reside.

Guardai e cultivai esta cadencia intima, que é o vosso entusiasmo e a vossa crença. Conservai e desenvolvei esta vibração harmonica, — esperanza e coragem, energia e serenidade, — hoje encanto natural da vossa juventude, amanhã defesa e resignação para os vossos dias da idade madura, e consolação e gloria para a vossa velhice.

Sede fortes, bons e alegres, meus irmãos e minhas irmãs, para felicidade vossa e felicidade do Brazil! »

As ultimas palavras do poeta o entusiasmo subiu ao auge, sendo cobertas por delirantes palmas da assistencia.

#### Discurso do dr. Sampaio Doria

Falou em seguida o sr. dr. Sampaio Doria, produzindo o seguinte discurso:

Sr. Olavo Bilac

As ideias que acabaes de expender sobre o culto da nacionalidade pelo professor, animam o espirito dos que, nesta casa, têm por dever de officio o ensino do civismo.

São idéas sagradas, idéas generosas, a que o primor da vossa linguagem de poeta e bem amado dos deuses, soube mostrar horizontes inesperados, aspectos novos, que se não tinham imaginado.

Si pudessemos surprehender, si pudessemos descobrir — não digo bem assim: só um termo feio traduz com exactidão o pensamento — si pudessemos furtar o segredo da vossa palavra magica, para transmittil-o, como o facho sagrado da inspiração

na Hellade antiga, ás gerações successivas de professorandos, a Escola por toda a parte realisaria, desde então um milagre do paraizo.

Todos os principios austeros de salvaguarda e de futuro, que andaes pregando, triumphariam por todo o Brasil, tão des-cuidado de si mesmo, só com fazer-se ouvir constantemente, como toques de clarins nas alvoradas, a voz prophetica do eximio professor de enthusiasmo, que sois, do magico da eloquencia, e cultor beato da belleza e da graça.

Na brevidade destas expressões envido exprimir-vos o com-movido agradecimento da Congregação desta Casa, pelo apreço com que a quizestes honrar, escolhendo este ambiente de fres-cura, de juventude e de esperanças, para cantardes o vosso in-corrupível amor á grande patria, que de toda a parte vos abençoa, como a um bom filho, e vos aclama como a um de seus genios bem fadados ».

Os córos cantaram depois o « Baile na Flôr », de Nepomu-ceno, e o « Canto do Bravo » do maestro João Gomes Junior, sendo muito applaudidos.

A seguir, levantou-se o alumno Wencesláu Brandão, que leu um soneto de sua lavra, offerecido a Olavo Bilac.

### Discurso do estudante Fausto Rocha

Por fim fez uso da palavra o sr. Fausto Rocha, que, em nome de seus collegas, produziu o seguinte discurso :

« Excelso poeta ! — Na vossa viagem ultima a São Paulo, quando aqui viestes inaugurar, com o famoso discurso aos moços da legendaria e gloriosa academia, a phase de ouro da rege-neração nacional, eu tambem quiz ser parte d'aquella multidão que se acotovelava e se comprimia nas quatro paredes do salão nobre da Faculdade de Direito, ávida por ouvir a palavra ma-gica do poeta que d'ahi a instantes deveria sahir nos braços da mocidade, com a fronte circumdada de louros, sob uma chuva de flôres e uma tempestade de applausos !

E não podia ser por menos. Bilac já era conhecido através das suas magnificas produções como poeta e como educador. Já se havia sentido, vezes varias, uma extranha e indefinivel emoção, com os primores da « Via Lactea », toda ella polvi-lhada de estrellas.

A « Avenida das Lagrimas », e « Dentro da Noite » já fi-zeram com que no espirito da mocidade se firmasse a convicção

inabalavel do merito do grande, do excelso, do divino artista do verso !

Lá, no « Caçador de Esmeraldas » se aprende uma das mais bellas paginas da historia da nossa terra, sem o sacrificio de supportar o estylo árido dos historiadores didacticos... Na tão sublime, quão rica e sincera e luminosa e extraordinaria « Profissão de Fé », em que vós vos comprometteis a « vibrar sempre a lança em pról do Estylo », repellido o ataque do bando feroz dos deturpadores do nosso idioma, se aprende tambem a prezar a lingua que falamos... Os vossos livros, alfim, fizeram com que já vos amassemos de longe.

Hoje, a vossa personalidade augmenta de vulto; quando se fala em Bilac, não se sabe que mais se admirar; si o poeta, si o educador ou si o patriota, pois que o educador e o poeta se auxiliam, se confundem e se completam para a realização de uma obra de patriotismo — a regeneração do character nacional !

Os moços da Escola Normal de S. Paulo, aquelles cuja missão será, no vosso proprio dizer, « transformar o carvão em diamante claro », educando os homens de amanhã, os moços desta casa, sentem-se felizes e estimulados com a vossa visita e aproveitam o ensejo para vos saudar effusivamente.

Quizeram elles fosse eu o interprete do seu querer, do seu pensar e do seu sentir... Pois bem, já fostes recebido ao som da musica dos vossos versos, musica que encanta, versos que scintillam...

Resta-nos agora alcatifar de flôres o vosso caminho e sobre a vossa cabeça despetalar flôres tambem, mas essas, odorantes como os perfumes que arderam nas caçoletas de ouro de Cleo-patra, na embarcação de marfim que foi a delicia e a desgraça de Marco Antonio.

Tivemos já a ventura da ouvir a vossa lyra, cujas cordas de seda foram vibradas por vossas proprias mãos.

E agora que já desabrochou a flor de corolla perfumada, que se concentre aqui esse perfume, como concentrados estão, no coração dos moços desta casa bemdita, o olhar e a voz do principe dos poetas brasileiros, maximo e divino artista do verso, da grande e bella Patria brasileira !...»

Attendendo a um pedido que lhe fôra feito, o poeta da « Via Lactea » recitou os admiraveis sonetos « Symphonia », « Duvida e esperança » e « Patria ».

Para terminar tão bella homenagem, foi executado, extra-programma, o hymno « Marchar », que o autor, maestro João

Gomes Junior, offereceu a Olavo Bilac, tendo-lhe feito entrega do autographo.

A letra desse hymno é do sr. Luiz Galvão. Depois de uma rápida visita a algumas dependencias da Escola Normal, foram apanhadas varias photographias, retirando-se o eminente poeta por entre as acclamações dos alumnos, que o acompanharam no bonde que o conduzia á cidade, cantando hymnos patrioticos.

## O LUXO

O dr. M. Soto Hall, publicista a quem nos temos referido em artigos anteriores, occupou-se tambem da maneira educativa de evitar os inconvenientes do luxo na sociedade contemporanea.

Começou recordando que se devem ao legislador Lycurgo as primeiras disposições tomadas em Sparta para repressão dos habitos luxuosos.

Elle preceituou a divisão equitativa das terras publicas e impedio a circulação da moeda de ouro e de prata, mas entre os lacedoménios as suas leis não foram efficazes.

Athenas teve algumas leis repressivas do luxo, mas no conceito do economista Oloza só foram determinadas para o governo obter rendimento maior.

Os athenienses eram sumptuosos, apreciavam o luxo e por certo alcançaram em sua civilização prodigiosos triumphos artisticos.

Na antiga Roma houve infinidade de leis cohibitivas do luxo sem que o poder publico conseguisse deter o progresso desse habito entre a classe opulenta.

Suas proporções attingiram a um grau excessivo; não obstante a lei Orchia que vedava que se pudesse servir alimentação em sala cujas portas estivessem abertas; isto para evitar a ostentação da mesa, que preocupava muito as differentes camadas sociaes.

Essa lei só permitia as senhoras romanas sahirem de carro fóra da cidade e regulava o modo de se vestirem.

Apezar dos esforços do austero Catão estas disposições fiscaes foram transgredidas. O imperador Tiberio vedou, por um decreto, o emprego da seda no vestuario dos homens e só até os tempos de Heliogabalo foi que se pôde usar roupa de seda. e o imperador Aureliano prohibiu-as em absoluto, pois negou á imperatriz um manto de seda, que ella solicitava com instancias.

Leão I prohibiu, sob pena de morte, que os artifices fizessem objectos de ouro para fóra do palacio imperial, exceptuando apenas alguns indispensaveis ornamentos para as senhoras e os anneis de uso dos cavalheiros.

A Inglaterra foi o paiz em que se promulgaram menos leis contra o luxo e por isto mesmo é que elle menos inconvenientes causou.



Na Espanha, em Castella e Aragão, os reis Affonso X e XI e Jayme I estabeleceram preceitos acerca dos artigos luxuosos em uso; os reis Catholicos, em 1494, adoptaram a primeira pragmatica e d'ahi por diante até 1501; procedendo igualmente as Côrtes de Granada; pois no periodo de duzentos e quarenta e quatro annos, de 1460 a 1804 foram votadas trinta e duas leis sumptuarias, que não impediram o desenvolvimento do luxo.

Em França o luxo começou a apparecer desde o reinado de Carlos Magno; em vista disto, o mesmo imperador, baixou decretos regulamentando o preço dos tecidos e designando o traje que as pessoas deviam ter de conformidade com a sua classe. Philippe o Bello determinou que se fizesse uma lei rigorosa contra o luxo e isto por iniciativa de Joanna, a louca.

No mesmo sentido procederam Carlos V em 1366 e Carlos VIII em 1485; Francisco I, o rei gentil-homem, em 1643; Henrique II e III de 1549 a 1563; entretanto esses esforços ficaram inutilisados; o luxo augmentava de esplendor.

O calçado denominado *Poulaine de Dieu maudite*, prohibido pelas ordenanças regias, pelos pregadores sagrados e pelos concilios, desde 1293, foram usados até no final do seculo XV.

Henrique IV adoptou severa providencia para reprimir o luxo, a ponto de, no seu decreto, dizer, «exceptua-se de cumprir o presente as mulheres livres e outras pessoas que desprezam que se repare na sua conducta...»

Luiz XIV, em 1672, prohibia o uso de baixellas ricas, mas na apparencia, unicamente. Escreveu o economista Colmeiro que isto se fez para que o metal das baixellas fosse fundido visto a escassez de dinheiro.

Outras determinações foram expedidas constantemente até o anno de 1704 e sem resultado; o luxo continuava victorioso na côrte e nos particulares.

As leis e decretos não puderam dominal-o. Sómente a cultura do espirito e a educação é que pouco a pouco conseguiram moderar-o, em sua fôrma desastrosa e doentia.

Apezar disto, o luxo, subsiste na sua fôrma racional e como elemento de civilisação; Leroy Beaulieu declara que elle subsistirá sempre á medida que a sociedade for mais adeantada, extendendo-se, mesmo, por todas as clases da população.

Ora, si as leis são incompetentes para combater o luxo; essas leis da antiguidade historica e que se chamavam — Sumptuarias, si de qualquer fôrma que elle se apresente, offerece sempre perigo e inconvenientes; como então proceder?

Como impedir os seus prejuizos moraes?

Será pois o luxo um monstro impossivel de destruição? Parece que não e, que, ha um meio seguro de reprimil-o.

— E' a Educação. Devemos tratar da preparação do espirito das creanças, pertencentes a todas as classes sociaes. Desde a mais tenra infancia é preciso a diffusão das idéas de modestia, de simplicidade e de trabalho.

Ensinar que com o trabalho se conseguem os objectos desejados e necessarios; enraizar-se no fundo d'alma da creança a idéa de que não é a magnificencia, nem a riqueza, nem a ostentação que constituem o valor do homem na sociedade. Mas, a sua intelligencia cultivada e o conjuncto das suas virtudes civicas e particulares ou individuaes; o desinteresse, o amor á Patria e a dedicação pelas nobres causas.

Os paes e os mestres são os mais competentes legisladores para o combate regular ao luxo.

As leis e decretos sumptuarios efficazes para manter a saude moral dos povos, consistem no ensino que se recebe nos dois templos que se denominam: o Lar e a Escola. »

— Eis porque o escriptor F. Felix Bayon assegura que: A civilisação não é mais do que o conjuncto dos meios destinados a acquisição da Felicidade.

Estes meios são devidos á comprehensão humana ou á natureza, e as pessoas podem aproveitall-os conforme a sua aptidão.

A civilisação é portanto uma concepção que serve de ideal humano e que abrange a diversidade da materia e do espirito, necessitando ambos equilibrarem-se como fiel de balança; e acrescenta que:

«No lar, na escola e na sociedade devemos ter ideaes proprios aproveitando a civilisação para querer e fazer o Bem.»

L. F. .

## UM PATRIOTASINHO

O Romeu era um menino muito bomzinho, que frequentava um dos melhores grupos da nossa formosa e progressista Capital. Muito assíduo, dava gosto observá-lo todos os dias, á hora certa, na esquina, junto do poste da *Light*, á espera do vehiculo que o devia transportar ao Grupo, com a sua roupinha sempre limpa, bem cuidada, com a bolsa ás costas e o porta-lanche, onde, de certo, nunca faltariam coisinhas gostosas para elle comer no recreio, postas pela mão amorosa de sua boa progenitora.

Ora, uma vez, logo ao sentar-se no bond e emquanto abria seu livro para mais uma vez correr os olhos pela lição do dia, cheia de synonymos e antonymos, de que tanto falára na véspera seu esforçado professor, notou que um senhor gordo, espadado, de cara rapada, bem trajado e que se sentava ao seu lado, falava com um companheiro, em tom muito alto, quasi gritando, gesticulando muito e atirando mil improperios ao nosso Brasil, cobrindo de baldões e labéos grande numero de homens publicos.

O coração de Romeu começou a pulsar violentamente e sentiu-lhe invadir o ser um sentimento estranho, mixto de indignação, de dor, de vergonha...

A! que pena não ser homem para ensinar áquelle mão cidadão, que se dizia brasileiro legitimo, a ter mais cuidado com a linguagem, mais respeito a vultos historicos já mortos, mais affecto ao torrão natal, por elle arrastado pela rua da amargura, na presença de estrangeiros!

Sentiu tanto, que se esqueceu de todo a lição e não pode impedir que grossas lagrimas lhe escapassem dos olhos...

Curtindo em silencio o seu amargor, chorou devéras e entrou na sala de aula ainda com evidentes signaes do pranto que derramára.

O professor, que muito o estimava, perguntou-lhe logo a causa de sua tristura a elle contou-lh'a toda, singelamente.

Então o mestre, chamando a attenção da classe para o entranhado amor que aquelle pequenino brasileiro votava a sua Patria, falou das innumeraveis riquezas do Brasil — paiz fadado pela natureza a um porvir brilhante e que tem tido filhos que, como Caxias, Osorio, Henrique Dias, Rio Branco, Oswaldo Cruz,

Ray Barbosa e outros tantos, são dignos de figurar entre os grandes homens que a humanidade tem produzido.

Falou com arroubo, com enthusiasmo, da nossa Patria e do amor que lhe devemos votar, honrando o seu bellissimo auri-verde pavilhão estrellado.

Quando elle terminou, uma salva de palmas ressoou pela sala e notava-se no semblante dos alumnos um quê de satisfação e de orgulho.

ERNESTINO LOPES.

## A ARVORE

A arvore é a eterna escola admiravel, que intuitivamente maravilha não só a intelligencia infantil, como a de todos nós, com ensinamentos sabios. Ante ella enchemo-nos de pasmo, devido á facilidade em que nos explica os mais variados factos da natureza e a alma da creança sente-se presa pela curiosidade utilitaria, que essa mestra muda, mas eloquente, vai satisfazendo com uma solicitude sem par.

A folha que cõe, ensina com simplicidade o phenomeno da gravidade. A flor que desabrocha, é a observação da creança que se aviva, que examina as suas formas variadas e graciosas e que se vae habituando á harmonia agradável da graça e da belleza, que serve de molde á lapidação de sua alma de artista. Dessa mesma flor, ella admira a sua miraculosa transformação em fructo, que lhe ensina os intrinsecos segredos da fecundação.

Depois, é o sabor de um fructo que lhe desperta o desejo de possuir uma arvore que produza fructos identicos, e em abundancia, e é a semente que, lançada na terra, vae explicando-lhe pacientemente os factos da germinação.

Em sua casa, a creança quando vê arder os fragmentos dos troncos, cheia de piedade, aquecendo-se ao calor das achas que crepitam no meio das chammas, enche-se de indignação e de um amor posthumo pelo vegetal: de indignação contra lenhadores que não tiveram pena daquella arvore, que talvez em seus galhos a balouçasse; de amor, por que pensa nos saborosos fructos que podia ter produzido, nas flores que deixou desabrocharem em seus ramos e na passividade com que aquelle sêr sem vida, em infinita bondade, agora o envolve numa atmosphera de calor, e acha os homens impiedosos e máus, e promete ser melhor que elle.

Observando as chammas, o estertor ultimo daquellas achas resequidas, ao quererem abraçar o ar, em silhuetas macabras, num ultimo instante de vida, bem pôde ser que o facto da germinação da planta se repita, subjectivamente, numa ancis de ensinar, na imaginação da creança: então é a radícula que se estende em busca da vida; são as folhas a se desdobrarem, o cauliculo a se desenvolver e espantosamente chegar a ser um tronco forte e magestoso; depois tudo isto esvaihendo-se aos poucos, dará lugar a umbella de flores lindas, que vicejaram, odoraram, murcharam e mais tarde os fructos que lhe encheram os seios.

acalmando a sua gulodice e novamente a semente, como um mimoso cofre, a guardar carinhosamente a miniatura interessante, que ignorando quasi o que pensa, entre os polos da vida, ella descobre nebulosamente o egoismo ao lado do orgulho, e phantasia a ignorancia humana, maltratando as vegetaes, na sua inconsciencia criminosa, causando a si proprio grandes males.

Na primavera, quando a vegetação se cobre de um novo manto, de novas folhas, e no sólo projecta a sua sombra, a creança pôde ter a idéa, quasi concreta, de um eclipse e pôde ainda crer nos movimentos da terra e do sol, porque vê a inconstancia da sombra, que sabé causada pela luz do sol. E essa mesma fronde verde, como a camara escura de uma machina photographica ou do aparelho visual, tamizando a luz pelos seus intersticios, em cada feixe de luz que deixa passar, espelha o sol e a sua imagem dá á creança, embora grotescamente, mais precisa explicação desses dois aparelhos que tanto a assombram.

O tronco que sustenta os galhos, sustentaculo das folhas, flores e fructos dão a idéa de um amoroso pae, que, soffrendo um peso que o maltrata constantemente, não se cansa de acari-nhar as suas partes: dobra-se ao sopro do tufão, sente-se vergastado pela tempestade, mas quando é o zephiro que farfalha as suas folhas, deixa-se levar por uns balanços suaves, com si nesses balanços imprimisse á sua fronde, indignas caricias; sendo a creança bem intencionada, isso lhe desperta a observação: compara a arvore aos seus e tendendo sempre para o bem, sente os laivos desses carinhos e cheia de bondade, melhor comprehenderá os desvelos paternos, esforçando-se por ser amavel e grata, obediente e affectiva e tudo delinea em si uma alma, uma força creadora ou que lhe provoque uma idéa que lhe embale o pensamento.

Os galhos das arvores erguidos para o céu, como si supplicando misericordia braços humanos estivessem, ainda a creança, confabulando consigo mesma, analisa a força que despendem as raizes para reterem o vegetal na posição vertical e somma essas forças e acha-as resultantes da união das pequenas raizes, que no esforço minimo de cada uma, reunidas conseguem o que grande força isolada, talvez, não conseguisse, e encontra ali a necessidade imperiosa da sociabilidade.

Assim tem-se sob o azul do noso céu, mil escolas de bellezas varias, que em sua sombra, em seus troncos, nos seus ramos, nas côres e fórmulas das flores e folhas, no sabor dos seus fructos, no sublime das sementes, representam soberbos livros abertos, escriptos pela sábia natura, offerecendo as mais gostosas licções a quem quizer aprender.

Não é preciso, pois, dizer que destruir um vegetal desta ou daquela maneira, é uma crueldade, mórmente, quando não haja uma necessidade imperiosa, que poucas vezes apparece: é tambem um roubo de venturas que se pratica a humanidade e á cada um de nós de per si.

A arvore é a protectora do homem, que por elle se sacrifica a todo o momento. Ella ameniza os climas, fertiliza as terras improductivas, purifica o ar, infiltra na terra as suas raizes, que, enquanto absorvem a sua alimentação, vão abrindo passagem para o esbóamento das aguas pluviaes, para o seio da terra, d'onde, enquanto se encaminham para os veios vão alimentando-se das impurezas dessas aguas, trazidas da atmosphera ou que sugara ao rolar sobre a superficie da terra, fazendo com que essa agua chegou ás nascentes, purificada, capaz de mitigar a séde, salutarmente.

Agrupadas nos campos ou formando matas ainda são ellas, num supremo egoismo de bondade que vão até ao sacrificio, atraem as chuvas, os furacões, as tempestades plenas de ventos e faiscas electricas, isolando o homem dessas vicissitudes, as mais das vezes fataes; atrahindo as tempestades, as cargas d'agua caem entre o emaranhado dos seus troncos e as catadupas tecem merosas que formam são amortecidas pelos choques reciprocos, que soffrem entre os troncos e enfraquecidas rolam mansamente para os profundos dos valles, sem terem ocasionado desastres e evitando a tão prejudicial erosão do sólo.

A devastação das matas é a causa das seccas. Si ao norte do Brasil em epochas, mais ou menos certas, imperam as seccas é que lá as matas, mutiladas, quasi deixaram de existir. Em quanto o Amazonas, o Pará, parte do Maranhão, Goyaz e Mato Grosso, têm as suas terras continuamente refrescadas pelas aguas pluviaes, devido a prodigabilidade das florestas que ahí medram: parte da Bahia e Piahy, o Ceará, Rio Grande do Norte e outras zonas, soffrem as provações horribes da falta de chuva, culpando-se os indigenas, os primeiros colonos, os mineradores primitivos que, no avançar pelos sertões, fôram despovoando esses sitios de matas para cultivarem os cereaes com que se alimentavam. Esse cultivo era e é quasi que totalmente feito, por meio de derrubadas das matas, que depois de seccas são queimadas no proprio terreno, para a sua limpeza. Atendo o fogo nessas derrubadas, não se importavam os antigos, que o incendio foese ter ás matas virgens e que nellas lavrasse dias, semanas, meses, ás vezes, devorando-as no estender das chamma, desnudando aquellas paragens. Ninguem tentava deballar aquelle desmantellar de florestas. Empobrecidas, aquellas paragens, de vegetação, as chuvas escassearam e escasseiam. As poucas que cáem, banham

a aridez de uma terra sem as bifurcações que as raizes cometem, para entranharem no seio da terra e vão rolando precipites para os vales, humidecendo de leve a superficie dessas terras, que já as chuvas passadas, cahindo e rolando para os ribeiros e rios, molhando-as parcamente começaram a extratificar-as, difficultando cada vez mais a infiltração da agua. Numa quantidade minima a terra absorve a agua, quantidade que não dá para alimentar as plantas existentes e que definham e é incapaz da auxiliar qualquer germinação.

Desapparecem assim as matas e devido a este facto desapparecem as chuvas e frequentes e periódicas tornam-se as seccas e a aridez se amplifica nesses logares. Alguns meses sem chuva, seccam-se as fontes, cortam-se as correntes d'agua e aos poucos, na proporção que a agua se faz extranha naquelles sitios, cresce a miseria, o martyrio dos seus moradores, fazendo com que, talvez, não muitos criminosos, paguem o crime dos seus antepassados, imprudentes devastadores de matas.

A arvore, essa apaixonada defensora do homem, que lhe faz tudo para seu bem estar, é ainda que lhe fornece fibras para a tecelagem de pannos, de que se utiliza para cobrir o seu corpo. A sua alimentação é ella quem dá, de sabor o mais variado. Em suas molestias procura da arvore um producto que lhe mitigue as dôres. E as suas horas alegres, em que a industria, com perfumes deliciosos embalsama o ambiente, tornando as adoraveis, tem ainda a fragancia natural das flores que sãe de corrolles multiformes, graciosas, que com a suas cores cambiadas, o eleva a um mundo superior de delicias. A sua morada, os objectos que lhe dão conforto, tiraram a materia prima da arvore e a arvore como um manto de esperanças e a multidão de caricias, une os povos, desligados pela distancia, pelos navios, pelas locomotivas, onde a madeira é o agasalho, é o commodo, onde a madeira é ainda a força que impulsiona a vertigem da carreira.

A arvore é tudo. E' o berço em que dormita a creança, o leito em que repousa o enfermo e é o esquife por onde a morte atira o homem á terra para pagar algum tributo a essa mesma terra, que por intermedio da arvore tudo lhe deu.

— Plantemos arvores em profusão. Maldade alguma ellas nos causam. Estimemol-as, cultivemol-as em todos os recantos desocupados da terra. Onde crescerem as arvores, borbulharão a fartura, a felicidade e o riso. Não destruamos essa obra da divina natureza, nem mesmo as estraguemos. E quando as arvores erguerem os seus galhos resequidos para os céus, como uma préce implorando a benevolencia da natura, demos-lhea um punhado de caricias numas gottas d'agua, nalgum tanto de adubo,

para que ellas reverdeçam ; e verdes folhas, vivas flôres cálam  
sobre nós, como bençãos de esperanças. E aos seus lados, como  
amparo aos velhos troncos, plantemos novas arvores, num riso  
de juventude, abram seus novos rebentos, enfflorem e fructifiquem,  
como numa promessa de paz, abundancia e felicidades.

Bariy — 1916.

F. J.

## PATRIA

Patria de encantos, seducções e gloria,  
De sonhos, de magias, de bellezas ;  
O teu passado traz-nos á memoria  
Uma epopeia de immortaes grandezas.

Entre outras mil pertence-te a victoria,  
Porque supplantas todas em riquezas ;  
Nas paginas viris da tua Historia,  
Palpitam feitos, fulgem realezas.

E's bella, és grande, és poderosa e pura,  
Cheia de tradições e de bravura,  
De brilhantes e altivos monumentos...

Ergue-te, pois ! Levanta-te orgulhosa !  
Esplendida, radiante, magestosa,  
E o teu pendão desfralda aos quatro ventos !

Nazareth, 1917.

LICINIO CARPINELLI.

## A BANDEIRA

O' symbolo querido  
Da terra brasileira!  
O' excelsa bandeira  
Por todos adorada!  
E's bella em toda a parte  
Como obra prima d'arte,  
Puro e nobre estandarte  
Da Patria tão amada!

Nas tuas bellas côres,  
Ostentas a grandeza  
Da rica natureza  
Da terra em que nasci!  
Quando extends teu manto,  
Mostras mais teu encanto,  
O' pallio sacrosanto,  
Que equal inda não vi!

Para render-te homenagem,  
Minh'alma envaidecida,  
Se ajoelha commovida,  
Deante do teu poder!  
Como um bravo soldado,  
A ti sempre abraçado,  
No teu manto enrolado,  
Quero um dia morrer!

Outubro, 1916.

ARTHUR SEGURADO.

## A velha arvore

Uma vez um lenhador,  
Homem bom, porém severo  
D'olhar sombrio e austero,  
Cortava com seu machado,  
Bella arvore frondosa,  
Que se elevava garbosa,  
Não mui longe do povoado.

Passou naquelle momento,  
Por alli, todo alquebrado,  
Um velho já bem cansado  
De viver e trabalhar!  
Com seus olhos rasos d'agua,  
Demonstrando muita magua,  
Começou elle a falar:

« Porque cortaes, meu senhor,  
Este tronco tão robusto,  
Que aqui, com tamanho custo,  
Plantei com tamanho amor! »

« A' sombra amena e querida,  
Da ramagem verdejante,  
Descançava o viandante  
Para a fresca, então, gosar!  
Pousados nos curvos ramos,  
Cantavam os gaturamos,  
Da manhan ao despontar! »

Perdão pela minha falta,  
Respondeu o lenhador;  
Avalio a vossa dor  
Pelo mal que pratiquei.  
No tugurio em que me abrigo  
Falta o fogo, falta o trigo  
Aos filhos que sempre amei!

Não me accuses por piedade !  
Tende dó do desgraçado,  
Que de pão, nem um bocado  
Tem para a seus filhos dar !  
Foi apenas á pobreza,  
Que me fez a malvadeza  
De vossa arvore cortar.

O velho compadecido  
Por tanta infelicidade,  
Rogou ao Deus da bondade  
Pelo pobre lenhador.  
E seguindo seu caminho,  
Foi dizendo bem baixinho :  
< Protegei-o ó Deus, Senhor > !

Agosto, 1916.

ARTHUR SEGURADO.

### A data da Independencia

Estou muito atrapalhada,  
Duas ideias não ligo;  
A minha mente embotada,  
Esclarecer não consigo.

Debalde saber procuro  
O que se passa hoje aqui;  
Meu espirito obscuro,  
Recorre, querida, a ti.

Disto que tanto me intriga  
E me põe tão confundida,  
Eu supponho bôa amiga  
Ser-te a causa conhecida.

Pois não sabe amiguinha  
Que uma data mui gloriosa,  
Esta patria tua e minha  
Hoje celebra orgulhosa ?

Escravo de Portugal,  
O Brasil então jazia;  
E ao nosso paiz natal,  
A metropole opprimia.

Mas D. Pedro de Bragança,  
Da realza illustre membro,  
Liberdade a nós alcança  
Em o sete de Setembro.

De S. Paulo no planalto  
Do Ipiranga o monumento,  
Nos recorda, se não falto,  
O grande commetimento.

Eis porque, hoje de gala,  
Se traja nossa nação;  
E airosa e livre nos fala  
A bandeira ao coração.

Saudemos pois a memoria  
Dos heroes da Independencia,  
Cujos feitos nossa historia,  
Põe altiva em evidencia.

Campinas, 15 de agosto de 1916.

LUISA NERY DE SOUSA.

## O PAVILHÃO NACIONAL

Nobre pendão altivo e sobranceiro,  
Quando desfraldas teu soberbo manto  
Ao ciciar do zephiro fagueiro,  
Mais e mais se accentúa o teu encanto!

Tu és o emblema bello e verdadeiro  
Do patrio ninho, que adoramos tanto;  
Scintilla em tuas dobras o Cruzeiro  
Nas quaes o céu azul enxuga o pranto.

Por ti, bandeira bella e mui querida,  
Darei sempre meu sangue, minha vida,  
Para defender-te firme na batalha.

Si no fero combate alli travado,  
Tombar no chão meu corpo inanimado,  
Que ao menos, tu lhe sirvas de mortalha.

Campinas — Julho — 1916.

ARTHUR SEGURADO.



## O tropeiro

Das « Impressões »

Inverno. De manhã cedo, a garça fina dependura pelo ar os pannos da neblina. Deixa-os, assim, á luz mortíca do arrebol, a corarem, de leve, ao levante do sol., ao tempo em que o vapor, como um ventre de aranha, urde um tenue aranhol ao sopé da montanha.

Suspensa sob o céu, a manhã tem o tom de um pomo com saude, amadurado e bom.

A tropa deixa o rancho... e parte! E' tão cedinho, que inda o orvalho humidece as moutas do caminho! Segue! Segue alinhada, enovelando o pó, naquella ramerrão... naquella toada só... Lá, muito para traz, no lombo de um jumento e depois de afrouxar o pango peganhento, — um chapéu de aba larga... um pala de funcção... — a garrucha de um lado ao lado de um facão... — o tropeiro derreia o rachis, indolente... Parece que não vê... parece que não sente... alheio ao proprio fumo espesso que, a fumar, solta aos poucos da bocca, em espiras para o ar!

Na fimbria do horizonte enfumaçado e longe, fulvo como o rapé do capote de um monge, o nevoeiro a sahir da montanha sem luz, lembra uma face branca a emergir de um capuz.

Mas... o caboclo finge! Elle bem vê: pois, tópa — muito avisado, até! — com o mal estar da tropa que, em tensão muscular e de orelhas em pé se detém, num momento, ao trilhar de um sapé! Então, num tranco esperto, é que elle evita o estouro

da burrada... porque — bem outro! — estala o couro... Soffreia um burro aqui... orneja um outro acolá... e mais forte ou tão destro assim, ninguém não ha no perigo imminente!

A' barrocada abrupta, um a um, toda a tropa o tropeiro disputa, Eis que um burro se chuça e, deagarrando... zás! salta sobre o da frente e escouceia o detraz... e outro logo... mais outro... e, afinal, todo o lote, beirando o rodadouro a força de pinote, empina-se em tropel... e de maneira tal, que não tarda e um baqueia em trabição brutal! A escarpadura é forte e o perigo tremendo; mas o caboclo audaz que não vive tremendo, vae catar pela rampa, em cada solapão, os frangalhos da carga esparsos pelo chão. O animal que a rodada engasgou num páu torto, aproveita o mau geito e finge-se de morto... No entretanto, um zurzido, ao modo que convem, fal-o vivo outra vez e disposto também a supportar herculeo e firme e erecto o porte, a carga que alijou o seu costado forte. Ahí é que o caipira arguto mostra um quê — do canhamo fazendo a tira que se o vê desfibrando com força ou furando com a faca que do cós da ceroula em dois agachos saca, ou trepando num galho á cata de um cipó e da lasca de um páu aproveitando um nó! Agora, apresto o burro equilibrando a carga, metendo-a pelos dois cestões de bocca larga; e — aproveitando a aymbira, a faca, o páu, o nó — furando a aymbira enlaça-a ao nó do páu... e só então é que recobre as boccas da cangalha com as folhas, o caurão e as cabeças de palha.

Já dentro do carreiro, os burros, em commum, aguardam com socego; e, mesmo, adeante, algum remaça, calmamente, uma poça de barro. Vem o tropeiro. Accende a ponta do cigarro... e estala o chicotão num aviso que, até, os põe — em trote largo e de orelhas em pé — decididos a partir. O lote cáe na estrada... e é aquelle ramerrão... aquella mesma toada...

Eil-o. emfim, outra vez, atraz, naquelle tom  
de trete socegado. O pango que acha bom  
Fumega bem... Por isso, ao mais e indifferente!  
Mas... por certo, depois, que se lhe accorda a mente,  
porque elle rompe um canto, um suspiro que sáe  
lembrando um sonho morto... um vacuo enorme... um ai!

Bananal, 916.

CORIOLANO MARTINS.

## NOTAS

Do *Diario Popular* de 16 de Janeiro ultimo extrahimos o  
artigo que a respeito de Estudos Demographicos publicou o sr.  
Jorge Mello :

### Estudos demographicos

#### A POPULAÇÃO DE S. PAULO EM 1916

O sr. Alberto Sousa, muito conhecido no circulo da nossa  
imprensa e no meio dos homens de letras acaba de publicar  
um excellente trabalho — « Estudos Demographicos, » em que  
trata da população de S. Paulo, no decennio de 1907 a 1916.

A especie constitue uma especialidade, que requer estudos  
e conhecimentos peculiares. Assim, sob o ponto de vista da  
população do Estado, s. s. calculou-a em seu conjunto : —  
pelo augmento geral, intrinseco e extrinseco ; pelo coefficiente  
da natalidade, pelo augmento médio arithmetico e pelo geometrico ;  
pela fórmula de Wappaus e pela média dos calculos precedentes.  
Calculou a população dos municipios, a população da Capital e,  
finalmente a população do Brasil em 1916, com a superficie e  
densidade territorial dos Estados.

Em relação ao estado de equilibrio da nossa população —  
diz s. s. — ha já longos dezeseis annos que o governo nada  
sabe, nada sabem os nossos economistas, nada sabe o povo, de  
veridico e de real. O que se conhece, assim mesmo sem ma-  
iores detalhes, é puramente dynamico. A synopse de 1900,  
publicada pela Directoria de Estatistica da União — diz o sr.  
Alberto Sousa — não mepece as honras de ser considerada como  
um trabalho digno de credito e susceptivel de servir de base á  
orientação dos governos e ás pesquisas dos homens estudiosos.

Segundo o frabalho do dr. Antonio de Toledo Piza, a po-  
pulação de S. Paulo em 1900, fôra calculada numa média ge-  
ral de 2.520.509 habitantes. Segundo as fórmulas adoptadas  
pelo sr. Alberto Sousa, essa média geral em 1916 seria :

- a) Pelo augmento geral da população, intrinseco e extrin-  
seco, de 3.350.752 ;
- b) Pelo coefficiente da natalidade, 3.391.792 ;
- c) Pelo augmento médio arithmetico 4.648.535 ;

- d) Pelo augmento médio geometrico, 5.058.382 ;  
 e) Pela fórmula de Wappaus 4.067.927.

As desproporções, como se vê, são manifestas. Entre o mínimo e o máximo demonstrados, a diferença é de 1.707.650 habitantes. Mas o sr. Alberto Sousa, para estabelecer um critério seguro, buscou uma « média geral » de todos esses calculos, obtendo, em resumo e em conclusão, que a população provavel do Estado de S. Paulo em 1946 — « provavel », note-se bem — deveria ser computada em 4.405.475 habitantes.

Não contente ainda, s. s., recapitulando esses calculos em rapida synthese numerica, afirma, sem receios de duvidas, que a cifra provavel da população de S. Paulo, em fins de 1946, seria precisamente de 4.000.000 de almas.

E' um numero redondo, desprezadas as fracções. Foi uma fórmula que s. s. encontrou para achar uma expressão que indicasse uma « média provavel » da população do Estado.

Em relação á população dos 485 municipios de que se constituiu o mesmo Estado em 1946, s. s. organizou uma « Taboa » demonstrativa dos coefficients, da natalidade, da mortalidade, do crescimento vegetativo e da nupcialidade.

Sob o ponto de vista da população do Brasil em 31 de Dezembro de 1946, s. s. demonstra que a « média » pelos tres processos — Fórmula de Wappaus, augmento arithmetico e augmento geometrico, seria de 25.224.518 habitantes e que, neste caso, teriamos que aceitar para S. Paulo uma média de 4.591.644; média que s. s. reputa evidentemente exaggerada.

O assumpto é arido e o campo asperrimo. E nós, garantindo estas linhas, de modo algum nos propomos a fazer critica ao util e excellento trabalho de quem, além da comprovada competencia proficional, reúne, sobre tudo, qualidades de um espirito superior e lucido. Estamos aqui como o sapateiro diante do quadro de Apelles.

Andamos ás voltas sempre com as estatisticas, dahi as razões porque tivemos de folhear o livro do sr. Alberto Sousa, para deixar-lhe aqui, de modo expresso, as nossas felicitações e os nossos agradecimentos; o que s. s., por certo, nos relevará.

## Escolas Profissionais da Capital da Republica

Merece todo o louvor a actividade do illustre Dr. Azevedo Sodré, reformando, desde que assumiu a direcção do ensino publico da Capital Federal, todos os departamentos da instituição que, em tão boa hora, lhe foi confiada.

Ainda ha pouco deu uma nova e magnifica orientação não só á Escola Normal da Capital da Republica, como ás suas escolas primarias.

Agora modificou completamente a organização das Escolas Profissionais, dando-lhes uma feição pratica, de que se podem esperar os melhores resultados.

Abaixo transcrevemos o Regulamento que transformou as referidas escolas :

Decreto n. 1.066, de 19 de Abril de 1946

Dá novo regulamento ás Escolas Profissionais

O Prefeito do Districto Federal :

Usando da auctorização que lhe foi concedida pelo artigo 12, letra a, da lei n. 1.730, de 5 de Janeiro do corrente anno, decreta :

(Continuação)

### CAPITULO VII

#### DA DISCIPLINA ESCOLAR

Art. 77. Cabe a manutenção da disciplina ao director, vice-director, professores, mestres, adjunctos, contra-mestres e inspectores.

Paragrapho unico. Elles agirão de preferencia pelo conselho, pela admoestação amistosa, chamando á ordem e augmentando gradualmente a intensidade da pena, até a exclusão da classe ou do estabelecimento.

Art. 78. Nenhuma pessoa estranha terá entrada nos estabelecimentos de ensino profissional, sem prévio consentimento do director, ou de quem suas vezes fizer, ou por ordem superior.

Art. 79. Os meios disciplinares applicados pelos docentes, sempre proporcionados á gravidade das faltas, serão os seguintes:

- a) notas más;
- b) expulsão momentanea das classes ou do recreio;
- c) advertencia em particular;
- d) advertencia perante a classe;
- e) privação de recreio, com ou sem trabalho de escripta;
- f) exclusão da escola por tres dias a seis dias;
- g) exclusão definitiva.

§ I. A pena de exclusão temporaria da escola só poderá ser applicada pelo director, e a de exclusão definitiva pelo Director Geral da Instrução Publica.

§ II. O alumno, excluído definitivamente, não poderá ser matriculado em outra escola profissional do Districto Federal.

Art. 80. O pessoal docente e administrativo será sujeito ás penas consignadas na lei geral do ensino municipal.

Art. 81. Ao almoxarife, escripturario, porteiros e inspectores de alumnos poderá o director do estabelecimento impôr a pena de suspensão, com perda total dos vencimentos, por 3 a 5 dias, levando o facto ao conhecimento do Director Geral de Instrução Publica que, dada a gravidade da falta, poderá prolongar a suspensão até 30 dias.

## CAPITULO VIII

### DOS EXAMES, CERTIFICADOS, RECOMPENSAS

Art. 82. O director de cada estabelecimento organizará as commissões examinadoras para os exames de admissão.

Paragrapho unico. Serão dispensados do exame de admissão em qualquer estabelecimento os candidatos que exhibirem certificados de exame final nas escolas primarias, ou attestados de frequencia e bom aproveitamento no curso secundario de um collegio ou gymnasio conceituado.

Art. 83. Para o effeito das médias e promoções de classe, os mestres e contra-mestres, professores e adjunctos submeterão os seus alumnos a exames trimensaes, com provas praticas, por onde possam formar juizo seguro sobre o aproveitamento de cada um delles.

§ I. O director do estabelecimento deverá sempre assistir a estas provas.

§ II. Findo o anno lectivo, serão promovidos os alumnos que tiverem alcançado média geral acima de má. O alumno que não tiver aquella média poderá repetir o anno mais uma vez.

Art. 84. Nas escolas profissionais e nos institutos, encerradas as aulas, no fim do anno lectivo, proceder-se-á aos exames finais, que consistirão em provas de cada disciplina ou exacto, feitas no proprio estabelecimento pelos alumnos que offi-concluído o curso. O inspector do ensino tecnico deverá, sempre que lhe for possivel, assistir a estas provas.

Paragrapho unico. O julgamento das provas de exame será feito por uma commissão de tres membros, composta do director e dous professores, mestres ou contra-mestres por elle designados.

Art. 85. As commissões examinadoras julgarão as provas exhibidas por meio de grãos, de 0.10, considerando approvados com distincção os alumnos que obtiverem grão 10, plenamente os que obtiverem de 6 a 9, simplesmente os que obtiverem de 3 a 5, e reprovados os que não alcançarem o grão 3.

§ I. Os pontos para exame, tirados á sorte no dia da prova, serão nesse mesmo dia organizados pela commissão respectiva.

§ II. Como elemento de julgamento, além da qualidade de prova, servirão as médias annuaes do curso, não podendo ser reprovado o alumno, cuja média for 8 ou superior a este numero, nem ter distincção o que tiver média inferior a 7.

§ III. De todos os processos dos exames lavrar-se-ão actas em livro especial, assignadas pelos membros da commissão examinadora.

§ IV. Do resultado dos exames serão dadas certidões aos alumnos, caso o requeiram, e aos que tenham concluído a aprendizagem se dará um certificado de habilitação.

§ V. Quando o alumno, com média annual 6 ou superior a 6, não comparecer, por motivo justificado, ao acto de exame na época marcada, terá direito de prestar sua prova depois de findos todos os trabalhos de exame do anno respectivo.

§ VI. O alumno reprovado uma vez, poderá repetir o curso da mesma secção; segunda reprovação, porém, o inhabilitará de proseguir nella, podendo, entretanto, matricular-se em outra.

Art. 86. Haverá annualmente em cada escola uma exposição de trabalhos. De cada trabalho que for vendido durante o anno e que, pela sua perfeição, mereça ser exposto, far-se-á immediatamente, para esse fim, segundo exemplar.

Paragrapho unico. Durante a exposição poderão ser vendidos quaesquer trabalhos, comtanto que sejam retirados só depois do encerramento da mesma exposição. Os que sobraem serão vendidos em leilão, salvo os que convier conservar para modelos.

Art. 87. Aos alumnos dos estabelecimentos de ensino profissional que revelarem bom aproveitamento e exemplar comportamento, serão distribuídas as seguintes recompensas:

- a) menção especial nos quadros de honra;
- b) prémios annuaes;
- c) prémios no fim do curso;
- d) prémio de viagem de estudos á Europa ou á America do Norte.

Artigo 88. Em cada estabelecimento de ensino profissional haverá um quadro de honra, no qual serão assignalados mensalmente os nomes dos alumnos que mais se tenham distinguido pela sua applicação, aproveitamento e boa conducta.

Artigo 89. No fim do anno lectivo serão distribuídos dous prémios aos dous alumnos que mais se distinguirem em cada secção de ensino profissional das escolas e institutos.

§ 1.º Dous prémios eguaes serão reservados para dous alumnos que em cada escola ou instituto tenham revelado melhor conducta durante o anno lectivo.

§ 2.º Esses prémios consistirão em livros apropriados, adquiridos para esse fim pela Directoria Geral da Instrucção Publica.

Artigo 90. Cada escola ou instituto distribuirá annualmente dous prémios, com as denominações de 1.º e 2.º premio, aos dous alumnos mais distinctos, entre os que tenham concluído nesse anno a aprendizagem profissional.

§ unico. A esses alumnos serão entregues uma medalha de prata e o respectivo certificado do premio.

Artigo 91. De tres em tres annos será conferido um premio especial de viagem á Europa ou America do Norte ao alumno mais distincto, entre os que tenham cursado as escolas e institutos profissionais mantidos pela prefeitura.

§ 1.º Este premio consistirá no pagamento das passagens de ida e volta e em uma mensalidade, fixada pelo prefeito, e que o alumno receberá durante o tempo estabelecido pela Directoria de Instrucção para a sua permanencia no estrangeiro.

§ 2.º Durante esta permanencia deverá o alumno premiado enviar regularmente á Directoria Geral da Instrucção Publica um relatório bi-mensal, no qual sejam narrados os estudos e trabalhos feitos durante o bi-mestre.

§ 3.º A falta de remessa do relatório, a que se refere o § antecedente, justifica ordem de suspensão de pagamento das mensalidades.

Artigo 92. Para a concessão do premio « Viagem de estudos á Europa ou America do Norte » será feito um concurso, no qual só poderão tomar parte os ex-alumnos do Instituto « João Alfredo » e das escolas profissionais masculinas, menores de 23

annos de idade e que durante o apprendizado tenham obtido outros premios de applicação ou procedimento.

§ unico. O regulamento, programma e instrucções para este concurso serão, em tempo, organizados pela Directoria Geral de Instrucção Publica e submettidos á approvação do Prefeito.

## CAPITULO IX \*

### DAS CAIXAS ESCOLARES

Artigo 93. Em cada escola funcionará uma caixa beneficente, destinada a vir em auxilio dos menores pobres que se matriculem na escola.

Artigo 94. Tem a caixa escolar por fins:

- a) fornecer roupas e calçados ás creanças pobres que, por falta deste recurso deixem de frequentar a escola;
- b) fornecer merenda sã e reparadora aos alumnos pobres que frequentem a escola;
- c) prestar auxilio em dinheiro ou sob a forma de medicamentos e peças de curativo aos alumnos pobres, em caso de doença ou accidentas.

Artigo 95. A caixa será constituída pelos seguintes recursos:

- a) donativos e legados;
- b) contribuição de 10 %., deduzidos do lucro liquido apurado na venda dos trabalhos de completa execução realizados nas officinas pelos alumnos;
- c) contribuição dos socios;
- d) producto da venda da limalha que cãe dos tornos, das aparas de madeira, das fitas e refugos de cobre, retalhos de fazendas que não se prestem a obras, etc.

Artigo 96. A caixa escolar será dirigida por uma commissão, composta do director da escola, do inspector do ensino tecnico e do escripturario almoxarife.

Artigo 97. Os socios serão considerados « bemfeitores », quando façam um donativo de quantia superior a 60\$000; remidos quando paguem de uma só vez a contribuição de 50\$000; « contribuintes » quando paguem mensalmente a quantia de 4\$000.

Artigo 98. Os alumnos que disponham de alguns recursos e os mais adeantados, cujo trabalho nas officinas já seja de alguma sorte remunerador, pódem e devem ser admittidos como socios contribuintes da caixa.

Artigo 99. No fim de cada anno será apresentado pela commissão directora á Directoria Geral da Instrucção Publica um relatório minucioso sobre o movimento da caixa escolar.

Artigo 100. Tudo o que diz respeito ao funcionamento da caixa escolar será especificadamente determinado no regimento da escola.

## CAPITULO X

### DO PATRIMONIO

Artigo 101. Cada estabelecimento de ensino profissional terá um patrimonio, que será constituído por:

- a) donativos e legados;
- b) trinta por cento (30%) da venda, deduzida a despesa do material, dos trabalhos effectuados nas officinas;
- c) as sobras que, no fim de cada exercicio, apurarem na verba « aquisição de materia prima », votada pelo Conselho Municipal.

Artigo 103. O patrimonio de cada escola será administrado por uma commissão composta do Director Geral da Instrução Publica, do inspector do ensino tecnico e e do director do estabelecimento.

Artigo 104. As rendas do patrimonio poderão ser empregadas no desenvolvimento material do ensino, melhoria das installações, aquisição de livros, apparatus, machinas e utensilios.

§ unico. Quando não applicadas no sentido indicado nesse artigo, serão convertidos em titulos de renda e incorporadas ao patrimonio.

Artigo 105. Nenhuma operação sobre bens patrimoniaes poderá ser feita, nem tão pouco nenhuma despesa se effectuará por conta da renda do patrimonio, sem audiéncia e approvaçáo do Prefeito.

## CAPITULO XI

### DA BIBLIOTHECA E DO MUSEU

Artigo 106. Haverá em cada estabelecimento de ensino profissional uma bibliotheca e museu para uso exclusivo dos alumnos, professores, mestres e contra-mestres.

Artigo 107. Para a bibliotheca serão adquiridos livros uteis e apropriados.

Artigo 108. O museu conterá objectos que possam interessar a educação profissional dos alumnos, como, por exemplo, amostras de madeira de qualidades diferentes, de materiaes de construcção, alguns com photographias ou gravuras, moldes em gesso etc.

Artigo 109. Os objectos do museu só poderão ser retirados das respectivas salas á requisição dos professores ou mestres, para demonstrações praticas em aulas, devendo ser collocadas nos respectivos logares logo após a terminação da aula.

Artigo 110. Os livros serão utilizados para leitura na propria sala, ou confiados aos professores, mestres e alumnos, mediante recibo e responsabilidade de quem os levar.

§ 1.º Nenhum livro poderá ficar em poder de um mesmo leitor por mais de 15 dias; findo este prazo, si o livro nao tiver sido restituído, o escripturario levará o facto ao conhecimento do director, para que este faça descontar o valor do livro na respectiva folha de pagamento mensal do funcionario que não o restituin ou nas percentagens dos alumnos que o perdeu ou o inutilizou.

§ 2.º Nos sabbados a sala da bibliotheca e museu ficará aberta e franca aos alumnos até ás 4 horas da tarde.

Artigo 111. O museu e bibliotheca ficarão sob a guarda do escripturario do estabelecimento, auxiliado por um inspector de alumnos designado pelo director.

## CAPITULO XII

### DISPOSIÇÕES GERAES E TRANSITORIAS

Artigo 112. Fica creada uma escola de aperfeçoamento com os dois cursos: — commercial e industrial.

§ unico. Nesta escola serão aproveitados os professores addidos do Instituto Commercial.

Artigo 113. Fica installado no Instituto « Orsina da Fonseca » um externato profissional feminino com uma secção commercial.

§ 1.º No Instituto « Orsina da Fonseca » serão aproveitadas as professoras que serviam na Casa de São José, garantidos os seus direitos na fórma da lei.

§ 2.º Os actuaes professores de sciencias e artes do Instituto « Orsina da Fonseca » serão aproveitados em outros estabelecimentos de ensino.

Artigo 114. Voltarão a ter exercicio no Instituto « João Alfredo », o almoxarife, inspectores de alumnos e professores que estavam addidos.

§ unico. Os actuaes professores do curso de adaptação do Instituto « João Alfredo » serão aproveitados em outras escolas.

Artigo 115. O Instituto « Sousa Aguiar » passará a denominar-se « Escola Sousa Aguiar », na qual funcionarão as seguintes secções para a aprendizagem profissional: — secção

« madeira »; — secção « metal »; secção de pequena mecânica de precisão, applicada nos trabalhos em metaes preciosos, ourivesaria, relojoaria, apparatus scientificos, balanças etc.

Artigo 116. Na Escola « Alvaro Baptista » funcionarão as seguintes secções: secção de « madeira », secção « livro » comprehendendo composicao typographica, linotypos, impressão, lithographia, photo-technica, zincographia, autotypia, trichromia, galvanoplastia, encadernação, pautaçaõ, douradura.

§ unico. Annexo á Escola « Alvaro Baptista » funcionará um curso nocturno de aperfeiçoamento para operarios.

Artigo 117. Na Escola « Visconde de Mauá » funcionarão quatro secções: secção de « madeira », secção de « metal » secção agricola ou rural e secção de fiaçaõ e tecelagem.

§ 1.º O ensino tecnico nas secções « madeira » ou « metal » não deverá ser nesta escola tão completo como o ministrado nas outras: será orientado, de preferencia, para as profissões ruraes como, por exemplo, fabricante de carroças, carrinhos de mão, tamancos, instrumentos agricolas simples, ferradores etc.

§ 2.º Emquanto não for installada na zona rural uma escola profissional feminina, serão annexadas á Escola « Visconde de Mauá » as seguintes secções, destinadas ao sexo feminino: secção de avicultura e apicultura; secção de leite (fabricação de manteiga, queijos etc.)

Artigo 118. Os mestres e contra-mestres vencerão uma diaria que será, arbitrada pelo Director Geral de Instrucção.

Artigo 119. Quando neste regulamento se reconhecer omisção ou houver duvida sobre a interpretação, o Prefeito resolverá.

Artigo 120. O Prefeito contractará, aqui ou no estrangeiro os superintendentes geraes para o ensino do desenho propssional, sendo um para as escolas masculinas e outro para as femininas.

Artigo 121. O superintendente do ensino de desenho poderá leccionar, como professor, o desenho em uma escola e superintender o ensino desta disciplina nas outras escolas.

Artigo 122. Quando professor de desenho de uma escola profissional, o superintendente do ensino de desenho perceberá, além dos seus vencimentos, mais uma gratificação.

Artigo 123. Aos actuaes mestres geraes será mantida, emquanto bem servirem, a gratificação especial que ora percebem.

Artigo 124. Emquanto o numero de escolas profissionais femininas for inferior ao das masculinas, a fiscalização da Escola Visconde de Mauá ficará a cargo do inspector do ensino tecnico, incumbido de fiscalizar as escolas para o sexo feminino.

Districto Federal, 19 de Abril de 1916, 28º da Republica.

RIVADAVIA DA CUNHA CORREIA.

## TABELLA DE VENCIMENTOS

Director de Instituto . . . . .	8:400\$000
Para aluguel de casa, quando não morar no estabelecimento, mais . . . . .	5:600\$000
Directora de Instituto . . . . .	7:200\$000
Para aluguel de casa, quando não morar no estabelecimento, mais . . . . .	2:400\$000
Vice-director ou vice-directora de Instituto ( gratificação ) . . . . .	4:800\$000
Director de escola profissional ou de aperfeiçoamento . . . . .	7:800\$000
Directora de escola profissional . . . . .	6:800\$000
Professor do curso de adaptação . . . . .	4:800\$000
Adjunto do curso de adaptação . . . . .	3:600\$000
Professora do curso de adaptação . . . . .	5:600\$000
Adjuncta do curso de adaptação . . . . .	2:100\$000
Almoxarife do Instituto masculino . . . . .	5:400\$000
Almoxarife do Instituto feminino . . . . .	4:200\$000
Escripturario-almoxarife . . . . .	4:800\$000
Escripturaria-almoxarife . . . . .	3:600\$000
Guarda-livros . . . . .	6:000\$700
Inspector do ensino tecnico . . . . .	8:700\$000
Porteiro . . . . .	2:400\$000
Inspector-chefe de alumnos . . . . .	3:000\$000
Inspectoras-chefe de alumnas . . . . .	3:000\$000
Inspector de alumnos ( gratificação ) . . . . .	2:000\$000
Inspectora de alumnas ( gratificação ) . . . . .	4:800\$000
Serventes . . . . .	1:440\$000
Medico . . . . .	4:800\$000
Dentista . . . . .	3:000\$000
Superintendente do ensino de desenho profissional ( gratificação ) . . . . .	6:000\$000

As reduções desta tabella de vencimentos não atingem os actuaes funcionarios.

Districto Federal, 19 de Abril de 1916, 28º da Republica.

Rivadavia da Cunha Correia.

2.º Anno

Portuguez . . . . .	3
Francéz . . . . .	3
Arithmetica e Algebra . . . . .	3
Historia do Brazil, Educação Civica . . . . .	3
Leituras commentadas das Constituições Federal e Estadual . . . . .	1
Noções de Astronomia e Physiologia . . . . .	2
Desenho e Calligraphia . . . . .	2
Musica e Canto . . . . .	2
Trabalhos manuaes . . . . .	2
Educação physica (Escotismo Gymnastica). . . . .	2
—	
Total das aulas por semana . . . . .	25

Artigo 9.º — Cada anno de curso complementar será regido por um adjuncto, a quem compete o ensino de todas as materias, salvo;

- a) Musica e Canto;
- b) Desenho e Calligraphia;
- c) Trabalhos manuaes;
- d) Educação physica.

§ unico. — Estas aulas ficarão sob a regencia dos professores respectivos nas escolas normaes, cabendo-lhes uma gratificação adicional correspondente ao numero de horas de trabalho accrescidas.

Artigo 10. — Para as primeiras nomeações do pessoal docente serão aproveitados.

I — Os professores addidos ás escolas normaes;

II — Os professores mais distinctos dos grupos escolares.

Artigo 11. — A segunda parte do dia escolar de sabbado, para os alumnos dos cursos complementares como para os do 4.º annos dos grupos escolares, será reservada aos exercicios physicos nos campos de jogos.

Artigo 12. — Os vencimentos dos professores dos cursos complementares serão de quatro contos e duzentos mil réis annuaes.

### C — DO PROVIMENTO DE ESCOLAS E DA REMOÇÃO DE PROFESSORES

Artigo 13. — O governo dará provimento ás escolas ruraes, nomeando livremente para regel-as professores normalistas, secundarios ou primarios, indistinctamente.

Artigo 14. — As escolas districtaes serão providas mediante concurso exclusivamente de notas entre professores normalistas, secundarios e primarios.

Artigo 15. — As escolas urbanas serão providas mediante concurso exclusivamente de notas entre professores normalistas secundarios.

Artigo 16. — O professor normalista primario com um anno de effectivo exercicio em escola rural ou districtal poderá ser removido para escola urbana, podendo o que tiver dois annos em escola urbana ou tres em escola rural ou districtal ser nomeado adjuncto de grupo escolar do interior.

Artigo 17. — O professor normalista secundario com um anno de effectivo exercicio em escola isolada poderá ser nomeado adjuncto de grupo escolar do interior.

Artigo 18. — Aos substitutos effectivos dos grupos escolares que nelles permanecerem, como lhes cumpre, durante as horas de trabalho será computado o tempo para nomeação de professor de escola urbana ou adjuncto de grupo escolar.

Artigo 19. — Salvo caso de molestia, provada em inspecção medica, as remoções sómente poderão ser requeridas e concedidas durante Maio e Novembro e uma vez que tenha o professor um anno, pelo menos, de effectivo exercicio na escola de que pretender remover-se.

Artigo 20. O governo fica auctorizado a, em caso de frequencia insufficiente e sob proposta fundamentada do director geral da Instrução Publica, mandar receber meninos nas escolas femininas, até que sejam convertidas pelo poder competente, bem como transferir de um para outro ponto, no mesmo districto de paz, as escolas que considerar mal localizadas.

Artigo 21. — Uma vez annexadas aos grupos, não poderão as escolas isoladas ser desannexadas, nem como taes providas pelo governo.

Artigo 22. — Os concursos communs para o provimento de escolas vagas districtaes e urbanas realizar-se-ão em Junho e Dezembro de cada anno.

§ unico. — As escolas que vagarem no interregno serão interinamente providas por professores diplomados, até que se effectuem os concursos.

Artigo 23. — Na Capital, os cargos de professores de escola isolada, escola modelo e adjunctos de grupo escolar serão preenchidos mediante concurso entre professores normalistas, secundarios e primarios.

§ unico. — Emquanto não se derem os concursos, o Governo nomeará adjunctos interinos para as vagas que se verificarem.

Artigo 24. — O concurso será feito perante uma commissão



composta de um inspector escolar e dois directores de grupo escolar, designados pelo director geral da Instrucção Publica, que convidará, para completal-a, um lente da escola normal e um lente do gymnasio.

§ unico. — Caberá a presidencia dos trabalhos, ao inspector escolar, devendo ser previamente aprovado pela Commissão o programma organizado.

Artigo 25. — A inscrição para o concurso independe de editaes ou quaesquer outras notificações, ficando periodicamente aberta, de 1.º a 10 de Junho e de 1.º a 10 de Dezembro, na Directoria Geral da Instrucção Publica.

§ unico. — Será admittido a inscrever-se o candidato que o requerer ao director geral, provando:

a) si normalista secundario, ter dois annos de effectivo exercicio em escola ou grupo escolar do interior, ou ter exercido por dois annos o cargo de substituto effectivo.

b) si normalista primario, ter tres annos de effectivo exercicio em escolas ou grupo escolar do interior, ou ter exercido por tres annos o cargo de substituto effectivo.

Artigo 26. — Encerrada a inscrição, proceder-se-á ao concurso, que constará de tres partes:

I — Prova escripta, sobre uma these, sorteada na occasião e commum a todos os candidatos, abrangendo uma questão de Psychologia e outra de Pedagogia e Methodologia.

II — Prova pratica, consistindo em dar cada candidato em classe de grupo escolar uma aula de meia hora sobre o ponto e a materia sorteados na vespera, dividindo-se para isso os candidatos em turmas, com pontos communs.

III — Média das notas obtidas pelo candidato na escola em que se diplomou.

Artigo 27. — O julgamento final do concurso resultará da média geral das notas, apreciadas segundo o estabelecido no artigo antecedente.

Artigo 28. — Para todos os efeitos, ficam os professores complementarios equiparados aos normalistas primarios.

Artigo 29. — Preenchidas as condições legais, os formados pelos gymnasios do Estado continuam equiparados aos professores normalistas secundarios ou primarios, tambem para os efeitos dos artigos 15 a 27.

#### D — DA REGULAMENTAÇÃO DO ENSINO PARTICULAR

Artigo 30. — Nenhum estabelecimento particular de ensino, primario ou secundario, poderá ser installado no Estado, sem pré-

via auctorização da Directoria Geral da Instrucção Publica, que sómente poderá concedel-a mediante requerimento a que o interessado juntar os seguintes documentos:

I — Attestado ou titulos que próvem a capacidade moral e technica do director e dos professores;

II — Planta do prédio em que haja de funcionar a escola, instruida com relatorio do inspector medico escolar sobre as condições hygienico-pedagogicas do mesmo;

III — Compromisso de confiar a professores brasileiros o ensino de Portuguez, Geographia e Historia do Brasil, bem como de fazer que todo o ensino, salvo em se tratando de linguas estrangeiras, seja ministrado em idioma pátrio.

Artigo 31. — No caso de infracção do disposto no artigo antecedente, o director geral da Instrucção Publica applicará aos directores e professores faltosos multas de cem a quinhentos mil reis e, si houver reincidencia, suspenderá o funcionamento da escola, ou determinará o seu definitivo fechamento.

Artigo 32. — Aos directores dos estabelecimentos de ensino já existentes será marcado prazo para, sob as penas da lei, satisfazerem as exigencias nos ns. I, II, III do artigo 30.

Artigo 33. — Da denegação da auctorização de que trata o artigo 30, bem como da imposição das multas e penas do artigo 31, haverá recurso facultativo para o Secretario do Interior.

#### E — DA FISCALIZAÇÃO LOCAL DO ENSINO

Artigo 34. — A fiscalização das escolas isoladas do Estado será feita, em cada municipio, por um conselho regional de educação, composto de cinco membros:

a) o promotor publico;

b) o presidente da Camara Municipal;

c) o director do grupo escolar;

d) duas pessoas gradas da localidade, nomeadas pelo Secretario do Interior.

§ 1.º — Onde não houver promotor publico, o seu logar será preenchido pelo primeiro juiz de paz.

§ 2.º — Onde não houver grupo escolar, o logar que competia ao director será occupado por um professor de escola isolada, nomeado pelo Secretario do Interior, sob a indicação do inspector escolar da zona.

§ 3.º — Onde houver mais de um grupo escolar, fará parte do conselho, proposto pelo director geral da Instrucção Publica e nomeado pelo Secretario do Interior, um dos directores dos grupos locais.

§ 4.º — Onde houver Escola Normal, o director desta occupará o logar nos outros municipios reservado ao director do grupo escolar.

§ 5.º — O secretario do Interior nomeará para cada conselho um presidente e um vice-presidente, devendo exercer as funções de secretario o director do grupo escolar, e, em falta deste, conforme o caso, o professor de escola isolada de que trata o § 2.º ou director de escola normal a que se refere o § 4.º.

Artigo 35. — Compete ao conselho regional, por si e por cada um dos seus membros, a fiscalização immediata do aparelho escolar de todo o municipio, bem como nomear delegados de sua confiança nos bairros e districtos em que houver escolas, para fiscalizal-as, extendendo-se a sua acção ás que funcionarem nos nucleos colonias e nas propriedades agricolas e fabricas das circumscripções que lhes ficarem attribuidas.

Artigo 36. — Compete ao presidente do conselho regional:

I — Passar os attestados de exercicio dos professores;

II — Mandar proceder, *ex-officio*, em cada escola publica, á matricula das crianças de 7 a 12 annos de idade, cujos paes não houverem inscripto na época regulamentar.

III — Marcar aos paes ou reponsaveis pela educação das crianças em idade escolar o prazo de oito dias para o comparecimento destas á escola, sob pena de multas de 10\$000, 20\$000 e 50\$000, áquelles, egualmente applicaveis quando os alumnos, sem causa justificada, deixarem de comparecer as aulas por mais de 15 dias em cada mez;

IV — Enviar mensalmente aos collectores estadoaes a relação das pessoas faltosas, para cobrança executiva das multas impostas.

Artigo 37. — O presidente officiará reservadamente ao director geral da Instrucção Publica, sobre as irregularidades observadas nas escolas do municipio, adoptando desde logo as providencias que possam corrigil-as e submettendo o seu acto á approvação do conselho.

Artigo 38. — A fiscalização das escolas isoladas da Capital será feita pela Directoria Geral da Instrucção Publica, conforme o estatuido para os conselhos regionaes de educação, no que lhe fór applicavel, competindo especialmente ao director, além de outras attribuições, passar attestados de exercicio dos professores e nomear delegados residentes para a constante fiscalização das escolas dos respectivos districtos.

§ unico. — As multas impostas pelo director, serão, para a prompta cobrança executiva, periodicamente communicadas á Procuradoria Fiscal do Estado.

## F — DISPOSIÇÕES GERAES E TRANSITORIAS

Artigo 39. — Ficam crêados na Capital do Estado.

I — O Instituto dos Surdos-Mudos

II — O Instituto dos Cegos

III — O Instituto dos Anormaes.

Artigo 40. — Ficam crêadas uma Escola para Crianças Debeis e duas Colonias de Férias, que serão localizadas, uma á beira-mar, outra em região serrana.

§ unico — O Governo poderá nomear desde logo os directores das colonias de férias, para, baseado nos dados scientificos e informes climatéricos que trouxerem á sua consideração, estatuir-lhes o regimen e estabelecer-lhes a localização.

Artigo 41. — O Governo, logo que os tenha organizados, submeterá á approvação do Congresso os regulamentos dos institutos, escola e colonia de férias crêados pelos artigos 39 e 40.

Artigo 42. Fica o Governo auctorizado a annexar, opportunamente, ás escolas profissionais, cursos industriaes, submettendo o seu acto á approvação do Congresso.

Artigo 43. — Enquanto não se uniformizarem os normaes, serão aproveitados provisoriamente para as vagas que se derem no corpo docente da Escola Normal Secundaria da Capital os professores da Escola Normal Primaria annexa, sendo para as que se verificarem nesta e nas demais escolas normaes do Estado nomeados pelo Governo professores interinos.

Artigo 44. — O director geral da Instrucção Publica poderá, sempre que entender opportuno, designar um dos professores de musica das escolas normaes da Capital para, sem augmento dos seus vencimentos, e apenas fazendo jus á diaria que fór arbitrada, inspeccionar o ensino musical e coral nos demais estabelecimentos do Estado, uniformizando-o, de accôrdo com a lei.

Artigo 45 — De ora em diante, os substitutos effectivos sómente regerão classes vagas nos grupos aos quaes forem annexadas as suas escolas, ou em outros, quando não houver pretendentes com tempo para adjuncto, caso em que serão estes preferidos.

Artigo 46. — As escolas reunidas de cada localidade terão um director, com os vencimentos de adjuncto de grupo escolar.

Artigo 47. — As escolas preliminares que, passados cinco annos da sua criação, não tiverem tido primeiro provimento e as que por igual lapso de tempo se conservarem vagas considerar-se-ão extinctas e como taes serão declaradas pelo governo em relação publicada no *Diario Official*.

Artigo 48. — Ficam creadas no regimen das leis 1.184, de 3 de Dezembro de 1909, e 1.185, de 16 de Dezembro do mesmo anno, no que lhes fôr applicavel, cincoenta escolas ruræes, que o governo irá localizando nos varios municipios do Estado, á proporção que lhes fôr dando provimento.

Artigo 49. — A começar de 1918, nas escolas normaes, os exames de admissão realizar-se-ão logo em seguida ao encerramento do anno lectivo, e na ordem seguinte:

- a) ás escolas normaes secundarias;
- b) ás escolas normaes primarias;
- c) aos cursos complementares.

Artigo 50. — A começar de 1919, ficam suspensos os exames de admissão ás escolas Polytechnica e de Medicina e Cirurgia.

Artigo 51. — Para dar execução á presente lei, fica o governo auctorizado a abrir os necessarios creditos.

Artigo 52. — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Artigo 53. — Revogam-se as disposições em contrario.

O Secretario de Estado dos Negocios do Interior assim o faça executar.

Palacio do Governo do Estado de São Paulo, 19 de Dezembro de 1917.

ALTINO ARANTES.

*Oscar Rodrigues Alves.*

Publicada na Secretaria de Estado dos Negocios do Interior, aos 26 de Dezembro de 1917. — *Tiburtino Mondin Pestana*, servindo de director-geral.

## Movimento Associativo

De conformidade com os Estatutos, realizou-se, em 2.ª convocação, a assembléa geral para eleição da Directoria da Associação Beneficente do Professorado Publico Paulista, e que teve logar a 8 de Janeiro corrente, dando a eleição o seguinte resultado:

Ramon Roca Dordal, presidente  
 Carlos A. Gomes Cardim, vice-presidente  
 Demosthenes Marques, 1.º secretario  
 Antonio P. Baptista, 2.º secretario  
 Isidro Denser, thesoureiro  
 Domingos de Paula e Silva, director  
 Armando G. de Araujo, director  
 Francisco de Azevedo, bibliothecario  
 Ernestino L. da Silva, bibliothecario.

### *Conselho Fiscal*

Dr. Oscar Thompson  
 Joaquim L. de Brito  
 Frontino F. Guimarães.

Dando conta do estado social que continúa a ser o dos annos anteriores, o Sr. Thesoureiro apresentou o respectivo balanço, approvado pelo Conselho Fiscal, e em que os srs. Associados pôdem verificar as condições felizmente animadoras, tendo havido augmento de patrimonio.

## Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado de S. Paulo

## BALANCETE

## RECEITA

SALDO DE 1916 . . . . .	2:368\$920
Recebido:	
Contribuições de socios . . . . .	854\$000
« Revista » — venda e assignaturas . . . . .	289\$240
Juros das apolices . . . . .	420\$000
A receber:	
Valor de 7 apolices do Estado. . . . .	7:000\$000
Por diversos titulos . . . . .	12:947\$890
« Revista » — 50 colleções (10 vols.) a 30\$ cada uma . . . . .	1:500\$000
Idem — 10 colleções (meia encadernação) a 45\$ . . . . .	450\$000
Moedas e utensilios:	
Seu valor com 10% de abatimento . . . . .	693\$695
	<hr/>
	26:523\$745

## DESPESA

Pago:	
Auxilios definitivos . . . . .	60\$000
Adeantamentos . . . . .	48\$800
Empregados, ordenados e percentagens . . . . .	380\$800
« Revista » e expediente . . . . .	374\$800
A receber:	
Valor de 7 apolices . . . . .	7:000\$000
Por diversos titulos . . . . .	12:947\$890
« Revista » — 50 colleções . . . . .	1:500\$000
Idem — 10 colleções . . . . .	450\$000
Moedas e utensilios:	
Seu valor . . . . .	693\$695
SALDO em 31 de Dezembro de 1917. . . . .	3:067\$760
	<hr/>
	26:523\$745

S. E. ou O.

S. Paulo, 31 de Dezembro de 1917.

O presidente,  
Ramon Roca Dordal.O thesoureiro,  
Isidro Denser.

## PARECER DO CONSELHO-FISCAL

Estamos de accordo.

S. Paulo, 23 — 1 — 1916.

(a) Oscar Thompson.  
Joaquim L. de Brito.  
Frontino F. Guimarães.

A Directoria-Geral da Instrucção Publica tem a seu cargo a redacção da *Revista*, que voltou a ser editada a expensas do Exmo. Governo do Estado.

As sras. professoras e os srs. professores podem dirigir os seus trabalhos de collaboração, com este endereço:

*Redacção da Revista de Ensino.*

*Directoria Geral da Instrucção Publica*

*Rua do Ypiranga n. 24.*

Os membros da *Associação* continuarão a receber a *Revista* gratuitamente, e os não associados poderão obtel-a por assignatura annual de 5\$000.

Continuámos a receber grande numero de publicações, com as quaes permutamos.

*Revista Escolar*, Rio de Janeiro.

*O Mogymiriano*, Mogy-mirim.

*O 11 de Junho*, Gremio Normalista do Pirassunuanga.

*Comarca*, Mogy-mirim.

*A Cidade*, Atibaia.

*O Commercio da Franca*, Franca.

*O Diario*, Itapetininga.

*O Municipio*, Capivary.

*Gazeta de Ubá*, Cidade de Ubá.

*O Luzero*, Quatis da Barra Mansa.

*A Semeadora*, Lisboa.

*A Escola Primaria*, Rio de Janeiro.

*Revista de Educacion*, La Plata, Republica Argentina.

*Revista Nacional de Agricultura*, Bogotá.

*Anuario Estatistico de São Paulo*, S. Paulo.

*Hora Litteraria*, Natal.

*Revista da Escola Normal*, S. Carlos.

*Revista de Ensino*, Natal.

*O Pinhalense*, Espirito Santo do Pinhal.

*Revista Pedagogica*, Escola de Aprendizizes do Ceará.

*Diario da Tarde*, Espirito Santo do Pinhal.

*O Ensino Obrigatorio em Atibaia*, Joviano Silveira.

*Bulletin de l'Amerique Latine*, Paris.

*Revista de la Facultad de Agronomia y Veterinaria*, La Plata, Republica Argentina.

*Boletim da Alliança Francesa*, Paris.

*O Movimento*, São Manuel do Paraíso.

*Bulletin Officiel*, Paris.

*Memoria de Instrucção Publica*, Costa Rica.

*El Monitor de la Educacion Común*, B. Aires.

*Revista de la Educacion Fisica*, Buenos Aires.

*Revista de Educacion*, Buenos Aires.

*Patria*, Recife.

*Monitor Sul Mineiro*, Cidade da Campanha.  
*Le Messager de São Paulo*, Capital.  
*O Conservador*, Nazareth.  
*Educação e Pediatría*, Rio de Janeiro.  
*Boletín Mensal del Museo Social Argentino*, Tucuman.  
*Diario Oficial*, São Paulo.  
*La Revista Coloniale*, São Paulo.  
*O Commercio do Acre*, Xapury.  
*A Federação Escolar*, Porto.  
*Via Lactea*, Piauí.  
*Revista de Educação*, Lisboa.  
*Boletín de la Protectora de Niños, Pajaros y Plantas*, Buenos-Aires.  
*O Estímulo, Organ do Gremio Normalista "2 de Agosto"*, São Paulo.  
*Revista do Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo*, Victoria.  
*Revista de la Enseñanza*, São Salvador, America Central.  
*Jornal do Triangulo*, Uberaba, Estado de Minas.

Para facilidade do serviço typographico, os artigos devem occupar uma lauda de cada tira de papel, escripta de um só lado.  
 Recobe-se collaboração para o numero seguinte.

A *Revista* é distribuida gratuitamente a todos os srs. professores e professoras dos Grupos escolares do Estado, alumnos do 4.º anno das Escolas Normaes, e os srs. professores de escolas isoladas que a requisitarem.

Deste modo, a Redação espera que todos os srs. professores se interessarão pela *Revista*, enviando sua collaboração, de modo que continue a ser um repositório seguro de observações em relação a todas as disciplinas do programma.

Os Srs. Directores das Escolas Normaes e Grupos Escolares da Capital mandarão receber na Directoria Geral os exemplares da *Revista* destinados aos seus estabelecimentos.

Todas as procurações para tratar de papeis dos srs. Professores serão enviadas ao Secretario da Associação, prof. Demosthenes Marques ou ao sr. thesoureiro, prof. Isidro Denser, com a declaração de poderem ser substabelecidas.

Toda a correspondencia será dirigida á secretaria da Associação, para o prof. Demosthenes Marques, Caixa do Correio n. 183, Capital.

Os srs. associados teem direito, gratuitamente, aos serviços do procurador social, que trata, nas repartições publicas, do andamento de todos os papeis que dizem respeito ao exercicio dos srs. professores e professoras.

## Revista de Ensino

A *Revista de Ensino* continua a representar, na imprensa, a *Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo*.  
 É o seu organ; a ella devem ser endereçados (rua Ypiranga, n. 24) os pedidos de assignatura e toda a correspondencia.  
 Expediente de 1 ás 2.

Está á venda o decimo volume da *Revista*, de 1916 — 1918, para completar as antigas colleções, preço 5\$000: e enviar pelo correio mais 500 réis de porte e registro.

Pedimos aos srs. assignantes, que ainda não mandaram reformar suas assignaturas, que queiram fazel-o, para evitar que lhes seja suspensa a remessa da *Revista*.

A importancia da assignatura, 5\$000 por anno, pôde ser enviada em vale postal, ou em sellos do Correio.

## Revista de Ensino

---

A' venda — collecções completas, quinze annos, dez volumes:

Meia encadernação . . . . . 50\$000

Registrado, pelo correio, mais 5\$000.

Tambem se vendem volumes avulsos para completar collecções, encadernados ou em fasciculos, pelo correio, 5\$000 cada volume.

Pedidos á *Associação Beneficente do Professorado*, rua do Ypiranga n. 24, ou ás livrarias *Francisco Alves & Comp.*, rua Libero Badaró, 129; *Livraria Teixeira*, ladeira São João n. 16 e *Augusto Siqueira & Comp.*, rua de S. Bento n. 25 onde se encontra tambem á venda o ultimo fasciculo, pelo preço de 1\$000, em avulso.

---